

búfalo

**PONTA
DE
LANÇA**

botika

búfalo

**lingua
seraj**

Copyright © 2010 Botika

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editor

Eduardo Coelho
Diogo Henriques

Assistente editorial

Carolina Casarin
Elisa Izhaki

Revisão

Clarissa Peixoto

Projeto gráfico

Rico Lins

Editoração e capa

Leandro Collares

Foto de capa

Tunga

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Botika

Búfalo / Botika. – Rio de Janeiro : Língua Geral, 2010. – (Coleção Ponta de Lança)

ISBN 978-85-60160-64-8

1. Ficção brasileira. I. Título.

10-07495

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Todos os direitos desta edição reservados à

Língua Geral Livros Ltda.

R. Jardim Botânico, 600/gr. 501-503

Rio de Janeiro – RJ – 22461-000

Tel.: (21) 2279-6184

Fax: (21) 2279-6151

www.linguageral.com.br

ponta de lança

A presente coleção pretende dar a conhecer aos leitores brasileiros vozes novas, ou ainda pouco conhecidas, algumas geradas muito perto de si, outras vindas de longe, de África, da Ásia, da Europa, todas, porém, expressando-se no nosso idioma. Vozes que são testemunho da vitalidade das culturas de língua portuguesa, e em particular das literaturas desses países, e também da extraordinária riqueza da nossa língua e do muito que nos aproxima. Não se entende o Brasil sem a África ou Portugal, da mesma maneira que não se entende Angola ou Cabo Verde sem a participação do Brasil. Venha partilhar conosco esta aventura. A porta está aberta. A casa é sua.

Agradeço muito:

Meu pai, minha mãe, meu irmão, Liu Lage, Jade Mariani, Beatriz Bracher, Guilherme e Thereza Zarvos, Omar Salomão, Rodrigo Bittencourt, Sérgio Cohn, André Dahmer, Eduardo Coelho, Marcelino Freire, Mário Bortolotto, Tunga, Xico Sá, Pedro Rocha, Amora Pêra, Miguel Jost, Cavi Borges, Ericson Pires, Cabelo, Vitor Paiva, Michel Melamed, Anabela Paiva, Marcel Souto Maior, Rodrigo Gameiro, Maria Cecília Saad, Carolina Casarin, qinhO, Rafael Aloan, Eduardo Sodré, Fabiano Ribeiro, Isabel Sangirardi, Rodrigo Cascardo, Felipe Braga, Eduardo Carvalho, Mariano Marovatto, Bernardo Mendes, Dado Amaral, Bebel Escobar, Celau, Thiago Rocha Pita, Thiago Vedova, Daniel Castanheira, Otto, Leandra Leal, Clarah Averbuck, Glória Regina da Paixão, Joaquim Bezerra, Tulipa Mimosa e Carne Bau.

Para Magali

sumário

Introdução.....	17
Guaraná Porrada	25
Muletas	39
Exóticas gangues	47
Um monstro e um pinguim.....	55
Siga o cão	61
Dia de campeão	67
Nascimentos.....	71
Dose idosa	81
Carta.....	89
Artes plásticas	95
Siliclone	105
Criação e sumiço de personagem	111
Polêmica	121
Divagação.....	127
Colecionadores	133
Conversa com séculos seguintes.....	139
Água-viva	147

Abcdário pra Magali.....	155
Folclore pra ninar água-viva.....	163
Monstro mundo	169
Compulsão e animais em casa	175
Inédita gangue e morte	181
Do vício à perda de membros.....	187
Solidões	193
Lembranças de delicadas vontades repentinas.....	201
Última transformação: balão.....	209
Posfácio.....	213

introdução

Mudou mesmo depois que fui mordido pelo cachorro. Mudei. Eu andando numa rua quieta assobiando um improviso no meu andar calminho sem olhar pra lugar algum, com o traço da trajetória desenhado na memória pensando em alguma coisa que gostaria de fazer pelo menos uma vez na vida ou em algum lugar que gostaria de ir pelo menos uma vez na vida. Eu de calça jeans, sapato novo e um pouco cafona por querer, camisa abotoada e sensação de tranquilidade, calma e certeza de que tudo vai dar certo. Quem cruzou meu caminho nessa hora e me olhou, assim como todos se olham no contato invisível da rua, captou confiança em meus olhos imperceptivelmente estrábicos. Mas foram poucos os que me cruzaram. Meu caminho corria por ruas pouco habitadas e mais silenciosas. Eu era uma pessoa pacata, queimando o combustível da autoconfiança e da autoestima, carregando toneladas leves de disposição. Eu que sempre gostei de caminhar em qualquer rua, em qualquer espaço de qualquer lugar, que

sempre me esforcei para transmitir algum calor humano, alguma paz interior, algum sinal de beleza. Eu que me lembro perfeitamente de não haver nenhum buraco naquela rua. Não havia nenhuma porta, nenhuma janela, nenhum orifício, nenhuma boca grande, nenhum cano, nenhum bueiro, nenhuma mulher grávida, nenhuma caixa, nenhuma lata, nenhum saco, nenhum nada, nenhum. Naquela rua havia dois muros compridos de cimento, um de cada lado do asfalto em que não passava carro por enquanto, uma mulher bonita e com muito charme que passou por mim e trocamos olhares naturais, um poste feio e aceso mesmo estando claro, o céu aberto acima, e um adolescente andando na direção oposta à minha, só que do outro lado da rua.

Agora dê movimento à cena: algumas nuvens brancas de infância estão voando, desenhando no céu azul aberto. A mulher bonita e com muito charme que me passou, passou mastigando um chiclete de boca bem aberta e fazendo muito, muito barulho! Barulho assustador de chiclete sendo agressivamente massageado por dentes de mulher faminta. Ficou a impressão de que ela poderia estar roncando, arrotando e mastigando chiclete ao mesmo tempo. Um verdadeiro trator feminino. A moça usava salto alto amarelo ovo de codorna meio pálido e vestido branco e sujo, só um pouco sujo, que provavelmente estava sendo

usado com fé e ininterruptamente. Ela também usava uns óculos moderninhos e chatinhos, que a deixavam um pouco metida e bestinha, porém vestiam muito bem seu rosto. Já o adolescente no outro lado da rua estava cagando na cara de todos. Ele vinha todo rasgado, manchado e mal-humorado, com fones no ouvido e mochila pendurada. Magro, com cara de rato e expressão facial de quem estava totalmente endoidecido, não olhou pra mim assim como não deve ter olhado pra ninguém ao seu redor. Eu olhei pra ele e gostei, me identifiquei. Havia um pequeno machucado num de seus joelhos de onde escorria uma única, magra e comprida gota de sangue muito vivo, vermelho e pastoso, parecendo tinta de pasta de dente. Já no seu cotovelo direito havia uma ferida infeccionada que sangrava muito. O sangue escorria em rios dali, um sangue água e transparente, parecendo refresco, que deixava um rastro na calçada que ficava pra trás. No rosto, entre os olhos pretos de escuro luz apagada, havia uma outra ferida de onde não sangrava. Essa ferida estava podre. Era uma espécie de fungo venenoso expelindo um líquido desconhecido. Imagino que o líquido desse fungo devia ser muito azedo e difícil de digerir. Uma espécie de craca mole. Eu vinha asobiando um improviso no meu andar calminho e fazendo tudo o que eu já falei que estava fazendo. Aconteceu, de repente, do nada ou do além, sem mais nem menos, que

o cachorro, um cão mesmo, surgiu e me atacou. Cão com muita raiva me atacando sem parar. Não era desses cães ferozes que mordem uma parte do corpo e não soltam mais. Era um cão cheio de raiva e de energia que variava os lugares onde mordida meu corpo com tanta força. Primeiro ele pulou em minhas costas, era um cachorro sem raça, muito grande e pesado, impressionante, me derrubando sem pose no chão, descomposturado. Depois, sem farejar, começou a executar as mordidas. Ele sem dúvida alguma pretendia me matar, me fazer sumir, me devorar por inteiro. Arranhar meu tutano. Ele queria aniquilar minha raça começando por mim. A cada mordida seus longos dentes perfuravam minha carne. Antes de desmaiar devido à falta de sangue no corpo, recebendo a acupuntura canino-agressiva, pude ver o adolescente sangrento e discretamente doente paralisado no outro lado da rua observando a mim e ao cachorro. De onde veio esse cachorro? De onde? Por favor, não consigo encontrar resposta e vivo aceso esperando por nosso reencontro. O cachorro me atacou com a necessidade de realizar a transfusão de raiva. De lá pra cá tenho tanta raiva... Vivo com ela, me deleitando em seus pasmos delírios e ações ingratas e malvadas. Posso dizer, e assumo, que é triste viver com raiva, pois estando com ela é necessário utilizá-la. Saciá-la é inexorável. Às vezes, pensando sobre a aparição do animal ao me atacar, entro

em suave transe. Só consigo pensar na mulher que passou por mim segundos antes com seu salto de ovo de codorna. Não havia nenhum buraco, nenhum orifício possível de onde saísse aquele animal violento que quase me matou. Ela me olhou com seus óculos modernos e não gostou do que viu. Provavelmente se transformou no cão para arrasar meu corpo como o fez. Meu corpo ficou despedaçado, distribuído, aleijado de si mesmo, completo em sua fragmentação. Quando acordei me vi ali no mesmo lugar, espatifado na calçada. Notei meus membros soltos e desesperei. Gritei por socorro. O garoto sangrento, que todo o tempo esteve esperando a retomada de minha consciência, me guardou em pedaços dentro de um saco plástico preto e me levou para sua casa, uma casa de família, com mãe, pai, irmão e móveis. Fui levado a uma sala que parecia ser usada como ateliê ou oficina. Me colocaram numa mesa de metal e me costuraram peça por peça. Fiquei capenga, com o corpo mole, mas gostei. Tive sorte de conhecer o rapaz, jovem precoce e talentoso, gênio das cirurgias plásticas caseiras. Muito sensível e promissor.

Costurado o corpo, tentando me acostumar com esse meu quebra-cabeça poroso e improvisado, pois o rapaz, mesmo sendo o gênio que era, ainda não tinha todos os recursos necessários para realizar uma recomposição fiel ao modelo original, voltei para as ruas, para o meu andar

distraído. Me esforcei muito para lembrar, tentar lembrar, de onde surgiu o raio do cachorro raivoso. Só pode ter sido aquela mulher. Um cachorro não passaria a existir do zero para o cem por cento de repente. Com certeza foi aquela mulher. Não simpatizou com algo em mim, ou com o conjunto completo mesmo, se transformou num cão sarmento e doente e me atacou sem pedir licença, sem informar. Foi covardia mesmo. A mulher se transformou num cachorro e me despedaçou de surpresa! Por isso, após o ataque, quando eu estava nas minhas ruas preferidas ou não, andando por aí, todos me olhavam de um jeito diferente. Não era como antes, quando me olhavam, predispostos ao contato invisível e natural que age em parceria inevitável com nosso impulso de comunicação compulsiva. O meu andar era de espantalho, de boneco Maria Mole, de João Bobo. Eu tinha a sensação de ser uma lula com vários tentáculos, porque meus braços e pernas estavam soltos e pareciam ser vários, balançando rápido para todas as direções, com as articulações totalmente fora de si. Andando na rua eu parecia um contorcionista descompensado tentando desesperadamente ultrapassar os limites do meu corpo de borracha. A vergonha me dominava quando um joelho escorregava e escapulia do eixo. Como uma fila de dominó meu corpo inteiro desmontava e alguém de virtude caridosa montava-o novamente como se eu fosse um

jogo de armar. Foram tempos difíceis. Lembro que nessa época, contaminado pela raiva do cachorro, comecei a me interessar por lutas de boxe, esporte que antes me causava asco. Começou com um cartaz num beco informando data e lugar de um torneio clandestino. O cartaz dizia: “Dia 15, no Armazém do Beco, às 9 horas, o campeonato de vale-tudo Guaraná Porrada traz à arena o invicto, o maior: Carne Bau!!!! O homem que nunca apanhou. Também estarão presentes: Língua Cru, Sangue Seco, Pasolini, o Homem de Bola de Pelos e mais alguns. Venham e façam suas apostas.” Me veio à tona a vontade de apostar dinheiro em pancadaria. Senti um turbilhão frio em meu estômago. Um tufão de fazer a cabeleira dançar biruta. Meu coror reagia à novidade, minha nova vontade: a robusta raiva. O rasgo de tudo.

guaraná porrada

Dentro do enorme Armazém do Beco, antigo armazém de carga dos navios que passavam por perto, uma multidão de apostadores violentos, torcedores assíduos, mulheres e homens se fazia constantemente presente. A temperatura fervia no lugar proibido. Termômetros se esvaíam. A fumaça era de cachimbo, charuto, cigarro e maconha e tudo de tabaco. Lugar de gente que masca o tabaco. O lugar fedia a mijo de cerveja quente, mijo bem amarelo. No centro estava a arena, cercada de cadeiras de madeira e homens recolhendo as apostas. Apostei meus trocados e as joias de minha família no Língua Cru, mesmo sabendo que Carne Bau era o predileto, o querido, o invicto. Grande favorito. Me sentei e mantive uma cara de mau pra ganhar respeito no ambiente de rancores compactos, pois todos faziam cara de mau. O silêncio seguido de urros chegou quando um cara vestido de black tie subiu no ringue e começou a falar no microfone:

“Senhoras e senhores presentes aqui, nesta maravilhosa noite de carnificina exagerada! Nesta maravilhosa noite sangrenta de homens animais!! Sejam bem-vindos e muito boa noite!!! É um prazer enorme recebê-los aqui mais uma vez. Vocês é que tornam possível o acontecimento do Guaraná Porrada!!! Nossos lutadores já estão se aquecendo em seus camarins. Nossos travestis estão sedentos e masturbados para dançar nos intervalos lembrando em que round estaremos. A bebida está à venda!! As apostas estão abertas!!! O show já vai começar!!!! Hoje é um dia especial!! Teremos uma única luta, uma suruba desgastante com todos os lutadores ao mesmo tempo no ringue, cada um por siiiiiiiiiiiiiiiiiiiii!!!!!!!!!!!! Os sobreviventes continuarão lutando até que reste um, o campeão, o matador, a máquina carnívora, porra!!!!!! Ou até que não reste nenhum. Que não reste nada neste lugar e que todos se matem de forma degradante!!!!!! Porra!!!!!!

E é agora, sanguinários fanáticos, que chamo ao ringue, para o início do festival, a besta rústica, o cavalo vândalo: Línnnnnnnngua Cruuuuuuuu!!!!!!!!!!!! E em sua diagonal, para um confronto abominável, o vermífugo transgênico, de muque fermentado e dentes de aço inox: Saaaaaaangue SSSSSSecooooo!!!!!!!!!!!! Na terceira ponta do ringue, o porco roedor grandalhão, o destruidor da camada de ozônio: Paaaaaaasoliiiiiiii!!!!!!!!!!!! Na

quarta e última ponta, o maior, o inigualável, o Hércules pai de todos os ratos, a fúria insaciável generalizada: Caaaaaaaarreeeee Bauuuuuuuuuuuu!!!!!!!!!!!!!! E para terminar as apresentações, no meio do ringue, eles, os mais fracos, magros, medrosos, caras-pálidas humildes, pobres e corajosos: Carlinho Pedalinho!! Cara de Urubu!! Guimba de Bagulho!! E Fernandinha Garibaldi, uma mulher no ringue!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

É preciso dizer que contamos hoje com a ausência do aclamado Hoooooomem Booooooola de Peeeeeelos!!!!!!!!!!!! O ser que amassa guindastes com sua massa gordurosa impregnada. Nosso peludo Bola parece não estar em forma, sobrando a nós o desejo de que volte um dia para esta arena de retardaaaaados!!!! Moooooooooooooongos mentais!!!!!! E viva a PORRADA!!!!!!!!!!!! Viva toda a gente porrante!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Viva o Guaraná Porrada!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!”

Quase não acreditei no que vi. Os lutadores socavam, chutavam, cabeceavam e mordiam qualquer um em qualquer lugar do corpo, sem técnica, sem esporte. Sem espírito esportivo conciliador de nações. Era mais um balé de brutamontes ensandecidos, um suicídio coletivo. Os mais fracos iam caindo com o tempo. Ficavam no chão tendo convulsões. A mulher foi a primeira, coitada. Ganhou uma porrada no baço e foi pisoteada no chão. Carlinho Pedalinho foi partido ao meio, Cara de Urubu desmaiou sem o nariz e as ore-

lhas, Guimba de Bagulho fugiu, saiu correndo. Pasolini se matou com uma cotovelada fatal no próprio umbigo. Sangue Seco, epilético, teve um ataque epilético. Sobraram Carne Bau e Língua Cru. Fiquei confiante e achei que fosse dobrar a grana que eu havia apostado. Mas não. Carne Bau era invencível. Carne Bau explodiu Língua Cru, como se tivesse inserido uma bomba em seu estômago. Como se pipoca de micro-ondas estufasse até entrar em erupção. Meu lutador explodiu, espalhou suas vísceras no público feliz. Carne comemorou em cima dos adversários mortos no chão. Urrou de satisfação e ganhou de troféu o corpo morto e virgem da jovem lutadora estreante. Foi demais pra mim. Fiquei mudo, chocado, apesar de no fundo sentir uma vontade oculta de participar do evento lutando com garra. Por isso hoje em dia só assisto a lutas de boxe comum. Vaguei dias e dias refletindo sobre o massacre, pensando em Língua Cru, homem carismático, elegante e, claro, fascinante. Pensei no desperdício de vidas dos cruéis jogos de luta. Lamentei a todos, rezei sussurrando, como faz uma freira louca, sozinha e fervorosa quando se ajoelha para dar satisfação a deus. Indignado com a violência, pois a minha raiva andava escondida, elaborando algum plano maligno, fui ao necrotério saber que fim os corpos dos lutadores tiveram. Já estavam todos enterrados, provavelmente absolvidos de seus pecados. Fernanda provavelmente já teria sido deglutida por Carne Bau. Consegui a

ficha com os dados dos mortos e para fechar a pesquisa me informei sobre os sobreviventes:

LÍNGUA CRU

Data de nascimento: jovem

Tipo sanguíneo: ob

Rg: 145-7

Sexo: machista

Cor: língua

Comida: frutas tropicais e amendoim

Formação escolar: nenhuma, não sabe falar, ler e escrever. Ser incomunicável que também não compreende sinais, incapaz de aprender. Descoordenado.

Arquivo policial: preso diversas vezes por homicídio. Assassino serial. Todas as vítimas encontradas sem a língua. Língua Cru fazia questão de degustar a língua dos mortos. Arrancava-as primeiro e depois comia. Muitos companheiros de cela amanheceram mortos e sem língua nos períodos de estadia do carnívoro nas carceragens em forma de grutas seculares fedidas.

Curiosidades: nasceu e foi criado num pântano, educado por crocodilos selvagens. Passou a juventude no pântano e, na idade adulta, mendigando na cidade, descobriu as mulheres e o prazer sexual. Nunca usou drogas e nunca se banhou no mar.

HOMEM DE BOLA DE PELOS

Idade: da pedra

Tipo sanguíneo: embolado

Rg: por fazer

Sexo: peludo

Comida: carne moída

O Bola se resume a uma disforme e gigante bola de carne moída e peluda temperada por uma mãe desnaturada. Essa mãe bizarra, mãe de muitas crianças soltas no mundo, é uma mulher péssima que um dia, coitada, na insuportabilidade de ser quem ela é, desistiu do lar e começou a babar. Enquanto babava andava na rua e parava sempre em qualquer açougue para comprar carne moída. Voltava para o lar abandonado e aumentava cada vez mais a bola de carne moída, aquele acúmulo de podridão carnal. Enquanto um pedaço da bola apodrecia, uma nova safra de carne moída fresca era adicionada. Aquele bolo de bola peluda foi adquirindo, devido ao tempo e à diferença de qualidade das carnes compradas, aspectos estranhos e selvagens. Maminhas podres com filé de frango no ponto. Joelho de porco tímido misturado a picanha malpassada. Tudo moído. Parecia um imenso globo terrestre de carne, com alguns continentes pântanos e outros continentes desertos. Quando o Homem de Bola de Pelos ganhou vida, já era uma bola de carne moída que ocupava

todo o espaço da sala grande da casa da mãe. A mãe é claro que se apaixonou. Já havia largado tantos filhos comuns, normais e desgraçados. Esse não. Esse era pra valer. Criação exclusiva. Combinação total explosiva e criativa. O filho da carne peluda e moída. Bola de Pelos só não lutou naquele torneio pois estava precisando de alguns reajustes. A mamãe passou o dia inteiro indo e vindo do açougue mais próximo, tentando tapar buracos com sal grosso.

CARNE BAU

Data de nascimento: primitiva

Tipo sanguíneo: ±a

Rg: ?

Sexo: ?

Cor: amarelado, alcatrão

Comida: carne humana e de outros animais. Carne Bau só come a carne. Separa com os dentes pele, gordura e ossos das vítimas.

Formação escolar: primário incompleto. Após uma aula de massinha e desenho matou a professora e três colegas. Fugiu e só apareceu em casa após dez anos, já adolescente. Devorou a família em quatro refeições.

Arquivo policial: nenhuma passagem pela polícia. Sabe-se que passou alguns anos acorrentado num matadouro de uma fazenda no interior de algum estado. Era

usado como abatedor de gado, ganhando em troca, pelo serviço, pedaços de carne crua e succulenta.

Gosta de ir ao cinema. Assiste a filmes de ação comendo pipoca e tomando fanta laranja. Costuma ser o único no interior do cinema a dar gargalhadas antissociais. Como é muito solitário e sensível, comenta o que está se passando no filme consigo mesmo e em voz alta: “Rááááááááááá!!!! Que legal essa moça de revólver, né? É muito. Muito legal mesmo, né? Ráááááááááááááááá!!!!!!!” Carne Bau se diverte dentro do cinema, até que algum incomodado reclama e acaba morrendo com profundas mordidas no esôfago ou no pâncreas e a sessão vira um escândalo de primeira página nos jornais do dia seguinte. Algo muito sério aconteceu em sua infância. Até os cinco anos de idade foi uma criança normal, alegre. Uma vez encontraram um buraco onde Carne morava. Havia muitos brinquedos, pedaços de pessoas e uma vitrola tocando música de ninar. O lugar, apesar de grotesco e imundo, sujo e nojento, exalava um odor de talquinho de bebê. Havia contradição.

PASOLINI

Data de nascimento: cinematográfica

Tipo sanguíneo: sodomizado

Rg: ?

Sexo: musculoso

Cor: pelicular

Comida: salgadinhos e refrigerante

Talentoso diretor italiano de cinema, muito famoso por isso. Conhecido mundialmente. Dedicou sua vida à sétima arte dirigindo, entre outros, *Sodoma e Gomorra*, impactante interpretação política crítica delirante, forte, autêntica e corajosa. Descobriu seu talento cinematográfico na pré-adolescência, ao filmar, escondido, os pais transando. Cobrava o equivalente a dez reais de cada amigo para exibir a fita. De lá pra cá só amadureceu. Nunca foi preso, porém chegou a sequestrar crianças. Quando a família não pagava o resgate, vendia os pequenos para o leste europeu. Em *Sodoma e Gomorra* acontece a famosa cena em que jovens escravos de ditadores comem merda no jantar. Essa cena foi feita devido ao prazer antigo, divino e escatológico que Pasolini tinha de se alimentar de sua própria merda ou da merda de sua mulher. O cinema, para Pasolini, sempre foi o meio máximo de expressão, as asas de suas possibilidades e tal... E foi para suavizar o peso dos dias em que a criatividade não aflorava que Pasolini entrou na selva dos lutadores. Em dias de ideias escassas lá estava Pasolini, descarregando a energia entupida com pesados golpes esfaceladores de adversários. Muitos torcedores e fãs do cinema choraram naquele dia em que foi aniquilado por sua própria cotovelada certa e assassina no próprio umbigo. O mundo sentirá sua falta.

SANGUE SECO

Data de nascimento: a idade do vírus

Tipo sanguíneo: contaminado e epilético

Sexo: todos

Cor: opaca

Criatura de história singular, levando em consideração a forma como veio ao mundo. Sangue Seco foi fruto de um acidente de percurso numa pesquisa experimental, em processos iniciais, de um laboratório medicinal. Uma placa de vidro com restos de sangue contaminado recolhido de um paciente cancerígeno foi exposta a radiação e depois batida em liquidificador com saliva ácida de Pacatatu. A reação causou um rebuliço tamanho que o laboratório desmoronou. Nas cinzas da ruína encontraram a pequena criatura com cara de sangue estancado. Era Sangue Seco, espécie de consequência mutante do erro laboratorial. Coisa séria. No decorrer de sua vida quem o tocou se contaminou da terrível doença. Sangue foi um ser contagiante e humilde. Viveu isolado e amargurado, sentindo culpa de ser como era. Nos últimos anos de sua vida, antes da luta final, foi amadrinhado e acolhido por uma senhora, protetora dos epiléticos de ataques inusitados. Essa mulher, funcionária de deus, vivia de plantão rodando a cidade e socorrendo epiléticos em estado de choque. Quando encontrou Sangue Seco, se contaminou

e ainda assim o acolheu e o alimentou. Foi um fim de vida feliz para o rapaz.

FERNANDINHA GARIBALDI

Idade: sessentista

Tipo sanguíneo: avermelhado

Sexo: mulherístico

Cor: perfumada

Comida: somente carne de peixe de água doce

Devido a um transtorno obsessivo agudo, desenvolveu uma frescura de perua extrema e insuportável. Nasceu nos anos 60, viveu a juventude festejando os anos 80 no Rio de Janeiro. Tinha o sonho e a certeza de ser dentista, mas sofria de problemas irreversíveis de coordenação motora. Pensou em ser aeromoça mas logo desistiu por causa do mesmo problema. Formou-se em gastronomia numa famosa e moderna universidade. Levava uma vida muito tranquila e tremida. Abriu um restaurante limpo, caro e fresco. Era tão chique que não se falava em seu interior. O som mais presente era o do tilintar dos talheres e pratos. Autorizavam-se sons de mastigação e só era permitido falar para perguntar onde era o banheiro. Os pedidos tinham que ser localizados no cardápio com o dedo indicador do cliente que estivesse mais limpo na mesa, ou que pelo menos aparentasse ser o mais limpo. Fernandinha

estava sempre sentada lá dentro, quieta, com um sorriso de orgulho ao escutar os fregueses assíduos mastigando os alimentos. E ainda o silêncio, os talheres garfando sua comida sofisticada. Mas a anorexia chegou e Fernandinha se desesperou. O ronco de sua barriga agora era um grito de ódio, um limite amaldiçoado, coitadinha. Numa noite de casa cheia envenenou todos os pratos e assistiu aos clientes morrendo, deitando os rostos em seus pratos prediletos. Decretou falência e foi morrer no campeonato de luta.

CARLINHO PEDALINHO

Nada se sabe sobre este. Apenas que andava muito de pedalinho e que dependia disso para sobreviver. Acumulou tostões e apostou em sua própria luta. Perdeu a luta partido ao meio. Depois foram descobertas cartas sem destinatário e escritas à mão na gaveta de sua mesinha de cabeceira com os dizeres: “É verdade. Pedalinho me faz assim, feliz como sou. Mas o meu sonho mesmo é dirigir uma cabine do Pão de Açúcar, aquele teleférico radicalíssimo.”

CARA DE URUBU

Data de nascimento: animal

Tipo sanguíneo: au-au

Rg: 666

Sexo: vivo

Cor: cor de farelo

Comida: coisas vivas em movimento

Não tinha cara de urubu. Cara de Urubu era seu nome mesmo, como sua mãe escolheu e batizou. Tinha cara de capivara e orelhas de jabuti. Rosnava em falsete, parecendo um animal doente, sendo motivo de muita humilhação na adolescência. Acumulou ódio por jovens. Ligava-os sempre a pessoas hostis, sem caráter e preconceituosas. Pretendia exterminar, aniquilar os jovens do mundo a fim de viver fiel e feliz ao lado do que seria a última geração de nossa espécie. Acreditava piamente no intelecto dos idosos, aquelas tartarugas inteligentes. Os jovens não. Os jovens, para Cara de Urubu, eram inferiores pois não suportavam a energia excessiva contida em seus corpos atraentes. Era intolerável a convivência com aqueles filhotes afoitos de crocodilo dentuço, pequeninos crocodilinhos soltos no mundo, dirigindo carros e buzinando suas buzinas explosivas. Depois de lutar contra Carne Bau, desistiu da violência explícita e passou a se dedicar aos sobreviventes de guerra. Se identificava com os sobreviventes contundidos pois perdera orelhas e nariz naquela luta desgraçada. Agora, depois de sofrer, havia aprendido a lição. Passou a adorar a juventude.

GUIMBA DE BAGULHO

Data de nascimento: hippie

Tipo sanguíneo: cannabis cânhamo

Rg: impossível

Sexo: fumável

Cor: haxixe

Comida: muita

Famoso e autêntico Guimba!!! Grande ser!! Esse aí é diferente de todos. Ganhou vida numa inusitada reação química entre o papel de seda e a erva nele contida. Um maconheiro, ao dar sua penúltima tragada, num sitiozinho no meio do mato em uma cidade no subúrbio do país no meio do mundo, notou uma vibração em seus dedos que não vinha de suas próprias mãos. Então, olhando com mais atenção para Guimba, escutou aquele final vivo de baseado gritando meio enjoado: “Me larga, porra!!!” O maconheiro, assustado, jogou longe, no matagal, o embrião, maduro, o personagem, precoce, batizado por si mesmo de Guimba de Bagulho. Guimba cresceu assim, no mato. Virou gente não se sabe como. Foi criado pelos caramujos locais com muito carinho. Se tornou um adulto infeliz, incapaz, indefeso e infantilizado devido ao mimo recebido pela tradicional educação clássica e severa dos caramujos da região, o que nos leva ao motivo da fuga desesperada de Guimba no momento do combate, uma vez que estava lá para provar sua coragem ao caramujo-mãe.

muletas

Sim, sim. Já vi. Escutei. Sim, sim. Claro!! É. É verdade mesmo. Entendi... Tá. Tá bom. Agora eu sei sim. Então tá. Um beijo, tchau.

É. Está certo. Percebo a dureza que é a vida dos lutadores. Esses que se dedicam até o último mijo a fim de completar sua jornada mística existencial. É. A vida do batalhador é dura. Vida difícil, repleta de prós e contras, altos e baixos, secos e molhados, braços e pernas, lados e diagonais, homens e mulheres, eus e tus. Muito complicada a obrigatoriedade de existir quando se passa a ser. Quando se nasce, se fode. Mas os lutadores devem ter orgulho de si. Sempre. Um lutador sem orgulho, sem consciência de sua luta e do suor que pinga de seu corpo, é um lutador fracassado. Lutadores... Sem eles o mundo não roda e a bola não dá cambalhota. Continuem assim, firmes e fortes, pois de minha fraqueza ninguém pode ou deve se alimentar. O fracassado só é dono de baixos e baixos, braços e braços, contras e contras, secos e secos, pobres e pobres, cacos e

os ossinhos da estrutura fisioterapêutica de meus neurônios amortecidos, amolecidos pelas tragédias da adolescência que despercebida passou e vive tentando voltar para ficar. Adolescência desgraçada essa que me assola, ventríloquo que me ata em nó cego. Besta desdentada que me assombra e me persegue. Fantasma inútil de meu pesadelo vivo. Marinheiro afogado. Alcachofra podre e seca espancada na cara. Tijolo incrustado nos músculos. Merda de cavalo com cheiro de merda de gente. Merda na minha cara. Merda seca e esfarelada mixada com bastante merda molhada e pastosa na minha cara. Banho desse mix de merda completa na cara e no cabelo. Essa merda toda entrando pelo nariz e descendo pelos tubos sem respirar e engasgando. Essa merda toda saindo na minha merda na privada e eu comendo de novo a merda num prato de barro marrom claro de merda. Cara merdada minha se olhando no espelho bem limpo. Merda de reflexo limpo. Só assim.

E mesmo sem precisar comprei o raio da muleta. Muleta é bom para envelhecer um pouco mais, ficar com cara de mais velho e ficar charmosinho andando na rua de muleta sem mancar. E lá vou eu me sentindo um fora da lei do faroeste andando sozinho pelas ruas de muleta. Comecei com uma muleta só. Aí um dia parei pra esperar o sinal fechar e a garota do lado, sem muleta, falou: “Tu tá muito gatinho com essa muleta, tá ligado?” Aí ela lambeu

a muleta e falou: “Se tu tivesse duas muletas eu não aguentava e lambia outra coisa...” O sinal abriu pra gente e eu não consegui nem andar. Estupefei perplexo. Apaixonei gamado tipo campeão. Cantei no coral das crianças de Petrópolis. Puta louca vaca voando. Comprei outra muleta e uma pochete para carregar sempre comigo utensílios de manutenção de muletas. Petiscos de muleta!!!! Vocês têm que experimentar. Todo mundo vai gostar. Depois das duas muletas percebi que comecei a ser realmente notado nas ruas do centro borda em que moro. Virei figura conhecida nas redondezas triângulas e nos retângulos quadrados. Alguns até me cumprimentam quando eu passo e as meninas me olham com olhinhos madrepérolas bem te quero bonito. Fico me sentindo assim, sabe? Ensaboado. Raio cafona de luz do sol. Dente de dentista. Maravilha plena e saúde em forma. Faço questão de ir ao cinema e assistir ao filme de pé, apoiado nas muletas, exibindo-as. Sou um quadrúpede modificado pós-contemporâneo em funcionamento. Vapor total embaçando vidro. Sujeito esclarecido.

Essa história de muletas começou quando eu estava paralisado. Faz umas duas semanas eu estava bem estagnado, numa cadeira de rodas caindo aos pedaços mofados da cadeira completa. Fui levado a um terreiro de vudu pesado crioulo forte. Um padre travestido de cigana misteriosa chegou perto e falou: “Deficiente!!!! O homem

mole que habita teu corrrrrrrpo forrrrrrrrte deve escorrer da carrrrrrrcaça dura e te curarr dessa modesta moléstia moleza tipo molusco. Para que você, homem jovem envelhecido, volte a verrrr o brilho do molejo de teu corrrrrrrpo dourado sassaricando, deve comerrr duas galinhas-d'angola caipiras vivas e doar teu suco mole, teu drinque da paralisia, ao feto capeta que cresce na barriga dessa vaca prenhe de três chifres esposa do santo verrrrrrrrrrmelho sangue.” Sem pestanejar nenhuma pestana aceitei a proposta emacumbada do maluco. Comi ali mesmo as galinhas vivas. Depenei com a boca e mastiguei sem pena com a vibração centrada no esforço para voltar a mover pernas de joelhos maciços. Velocidade de perna longa. Flexibilidade de chiclete mutante. Sola dos pés de arco tensionado e flecha na unha da ponta do dedo polegar.

Em seguida veio a vaca. Vaca preguiçosa, malhada, malvada, maléfica, mestiça e feia, horrorosa. Os macumbeiros do vudu terreno baldio valão fizeram um pequeno corte na barriga da estratosférica chifruda. Um velho muito velho e magrelo com pelancas flácidas penduradas no corpo e principalmente nas costas peladas e arrepiadas com pelos e penas saindo dos poros trouxe de dentro daquela barriga gordurosa de nutrientes venenosos o cordão umbilical ligado ao satã filho. Uma mulher vesga de batom azul-piscina com cloro e chuquinha num lado só da cabeça,

ela parecia estar muito alterada, cortou a tampa de meu umbigo fora com um doloroso golpe pesca fisgada de tesoura enferrujada sem fio. No buraco no meio de minha barriga escassa de órgãos essenciais foi costurado o cordão umbilical. Meu líquido mole vazou e vazou e circulou na corda cantina. Meu corpo paralisado foi ganhando força que eu já nem lembrava mais que existia. Meu pau ficou duro pela primeira vez na vida!!!! Foi emocionante e todos choraram de felicidade. O feto foi contaminado e a praga aprisionada. Incapacitada de gerar furacões e devassas generalizadas. A praga ficou corcunda atrofiada e mal-humorada. Inutilizável áspero monstro.

Voltei a andar normalmente, como gente grande que anda muito bem pois faz anos que está andando diariamente, treinando e se aperfeiçoando no andar. E já que eu estava com o corpo todo completo a todo gás, eu havia decidido comprar uma muleta e depois outra pra ficar mais charmoso. Confesso que acabei cansado delas. Abandonei rapidamente as muletas e comprei um andador daqueles que só os verdadeiramente idosos usam. Um andador de quatro patas maiúsculas musculosas e metálicas. Máquina aerodinâmica. Canguru sintético. Lataria brilhante flexível. Comprei para inovar meu andar e lançar moda. Passei a me dedicar a caminhadas diárias no calçadão da praia com minha nova aparelhagem. Fez o maior sucesso avas-

salador da cidade. Em poucas semanas era possível observar diversas pessoas usando andadores por aí. Andadores de cores, formas e marcas diversas. Éramos os *exadúpedes* voluntários, nome que entrou para os mais importantes livros de ciência e enciclopédias. Uma espécie nova, singela e discreta: *Exadupedis voluntariuns*.

Mas logo que a moda se espalhou por todo o país, me vi obrigado a mudar o estilo pessoal para me sentir mais autêntico. Quis eu sempre estar na cristalina crista crua da nova onda. Ser a imagem processada e seu próprio *déjà-vu*. Tecnologia Macintosh. Tamagochi afetuoso. Arcada dentária naturalmente ausente de sisos. Larguei as muletas e o charme que elas me davam. Lembrando de minha fase paralisada e sofrida tomei uma nova decisão. Encomendei uma cadeira de rodas elétrica a fim de provar a mim mesmo ser capaz de encontrar felicidade sem mover as pernas. Além do mais eu não perderia assim o ar sedutor do homem velho. Como eu sempre quis estar na cristalina crista crua da nova onda, encomendei o modelo *ultraflex thousand street* sobre rodas. Essa máquina-mor vem acompanhada de televisão DVD VHS MP4 e também traz câmera digital integrada com vários megapixels. Um motivo de orgulho estar sobre esse grande aparato modernoso. Logo logo meus seguidores *Exadupedis voluntariuns* já estavam me reconhecendo naquele novo artefato, circulando nas

ruas. A maioria, frequentadora integrante do clube imutável, torceu o nariz, dobrou as orelhas e não sapateou ao me ver sobre rodas elétricas. A maioria que costuma não aderir à novidade. Pobre da minoria que já é minoria e quando passa a ser minoria fica menor ainda. A vizinhança e os demais *Exadupedis voluntariuns* em pouco tempo se tornaram bípedes novamente e a moda, como sujeira varrida, passou despercebida e pequenitos resquícios deixou, alfinetados no tecido do vestido histórico. Com o tempo passamos a encontrar nas ruas somente os *Exadupedis naturalis*, aqueles que usam o andador por necessidade física, como idosos e acidentados. Essa história de encontrar novas formas de se movimentar, com o uso de utensílios, me fez esquecer da raiva que o relâmpago do cachorro súbito havia me transferido. Andar em cadeira de rodas como essa era tão confortável que apaziguou a varize latente de raiva riscada em mim. Eu ainda hei de encontrar o cão cachorro que me despedaçou. Se não for o cão, será a mulher que passou por mim e tenho certeza não gostou de mim e se transformou naquele cão cachorro tipo rouquidão na garganta dos outros. Ácaro fajuto no receptor sensível do alérgico. Cárie na ponta do dente doente.

exóticas gangues

São muitas as exóticas gangues invisíveis nessa cidade. São inúmeros os objetivos, as formas como se movem, os planos que traçam e as formas como comemoram quando uma missão é cumprida com êxito. São inúmeros os uniformes, códigos de comunicação e transportes usados pelas exóticas gangues. Cientistas sociais descabelam-se à procura de explicações teóricas para o atual crescimento espontâneo de diferentes vertentes e segmentos e crenças que fluem líquidas nas veias desse fenômeno urbano. As pessoas andam nas ruas com medo de um ataque repentino ou de uma ameaça catastrófica ou de um elogio repentino ou de uma explosão estética fisicamente inviável. A polícia está atenta e vigia cada passo de quem é suspeito. Inventam que acontecem reuniões nos esgotos da cidade. Que o seu próprio filho pode estar envolvido. Que os líderes são muito inteligentes e convincentes. Que esses líderes recrutam os mais jovens e formam legiões de firmes conceitos convincentes e estufados peitos orgulhosos. Há um clima

calafrio na hora noturna que a cidade, tremendo, acolhe. Dizem que, nas escolas, professores impoliticados trocam bilhetes com alunos esquisitos. Que já está montada uma rede mundial de exóticas gangues. Que um dia todas elas vão atacar de uma vez só e esse dia vai marcar a história da humanidade. Dizem que já está riscado a lápis no calendário o dia em que a gordurosa rede de gangues atuará sobre o asfalto gelado em que deslizam os pneus de nossos veículos infames. A população se tornou mais caseira e acanhada num andar trêmulo de palavras trêmulas.

Afrodite, do quarto andar de um prédio de uma esquina no canto de um continente, usufrui visão e pensamento transversais. Quando tem oportunidade reúne os cinco netinhos à sua volta e começa um longo discurso em que conta longínquas histórias de ancestrais distantes. A velha floreia seus contos com guerras, aventuras e desventuras até multicolorir a medula das crianças com cara de impressionante. A avó quer precaver as novas gerações do medo que ronda a cidade exótica. Com gestos políticos do tipo braçadas que cortam o ar, ela se exalta e levanta capenga e manca de um lado para o outro e diz o absurdo que é a sociedade que com medo de si mesma cria gangues imaginárias e faz de todos os inocentes civis pessoas perigosas, conspiradores antissociais, suspeitos vultos assombrosos malabaristas cadavéricos da escassez do cál-

cio. Afrodite pensa pedagogicamente e é severa e radical. Mulher bárbara. Avião amassado caído com força no chão duro. Golpe de mão fechada. Diz que da única gangue que de fato está agindo não se sabe nem o nome e nem por onde atua. Os netinhos olham atônitos com cara de impressionante. Afrodite além de tudo ainda garante conhecer exóticas gangues benevolentes e que elas estão por todas as partes. Para maiores surpresas conta que faz parte de uma. É a Gangue das Idosas Beija-Mão. Ela e treze senhoras, duas vezes por semana, passeiam pela madrugada nos subúrbios da zona norte beijando as mãos de quem aparece na frente nos lados e nas costas ou nas cabeças. Moradores de rua, bêbados e sonâmbulos costumam ser os privilegiados que ganham essa bênção. A vovó Afrodite diz que volta para casa com a alma cheirosa e o sono lhe chega em gaiotas prateadas. Travesseiro de pena de ganso cortado ao meio por uma criança feliz se esbaldando na chuva leve molhada de branco. Afago de namorada nova na nuca arrepiada de carinho.

É importante interromper Afrodite agora, pois ela mentiu. Mentiu pela sua bondade que é bondade benfeita. Bondade boa mesmo. Afrodite é gente boa e fina. Gente magra. Ela acha que mentindo estará afastando seus netos do mal. Existem sim as exóticas gangues trapaceiras e golpearas de atitudes paquidermes. Há, para exemplificar,

a gangue Molha Gente, constituída por homens fortes, de cavanhaque longo, sandálias havaianas, calças moletom, coletes de couro, anéis de caveira e normalmente colecionadores de lâmpadas queimadas. Eles agem apenas em dias de chuva forte, esperando a chuva passar, de dentro de seus carros. Em cada carro ficam dois componentes da gangue, sorteados antes numa base central de estratégia. Ao passar a chuva cada carro se dirige a uma zona da cidade. Quando é localizada uma pessoa ou um grupo de pessoas andando numa calçada ao lado de uma poça de água formada possivelmente pelo precário asfalto das ruas, o carro da gangue se dirige com peculiaridade de profissional à poça e dá um banho nessa ou nessas pessoas. Quanto mais pessoas molhadas de uma só vez, melhor. E assim eles passam o dia encharcando os outros, procurando pontos de ônibus e esquinas onde a concentração de seres alojados seja atolada.

Uma gangue extremamente temida é a gangue Mortos de Rir. É uma gangue precursora das exóticas gangues. Pessoas morrem e pessoas se entristecem devido à perda de pessoas queridas. Eles matam sem pena. São jovens intelectuais vorazes e famintos. Começaram a se encontrar para formar a gangue numa biblioteca de universidade, todos cursando o mestrado em biotecnologia farmacêutica extracurricular. Andam em grupos de cinco pelas ruas de todas as zonas e encurralam adolescentes. O adolescente,

assustado, costuma já entregar sua mesada, relógio, boné e cordão preso ao pescoço. A gangue, muito malvada, pisa nos objetos do adolescente e mastiga as notas de dinheiro e engole a mesada da semana. Vai moeda goela abaixo. O adolescente chora assustado. Quando o coitado já molhado nas calças começa a chorar, os integrantes da gangue iniciam uma dolorosa cócega coletiva no alvo. Ele começa a rir e a dar gargalhadas de alto-falante surdo e grita por socorro e gargalha e implora para que parem e gargalha e se debate até que os órgãos de seu corpo explodem e ele se cala, escorrega pelos braços dos assassinos ganguenosos e amolece no chão. Missão cumprida.

Há ainda as complexas gangues. A gangue Ninguém nos Vê é formada apenas por dois índios. Eles são irmãos e migraram para a cidade situada no oceano oposto ao oceano natal fugindo da poderosa enchente humana que expulsou-os de suas terras. Nem eles sabem ao certo como pararam ali. Ao descobrirem que diversas gangues estavam atuando na cidade, trataram de entrar em ação. Pelo trauma de fugir de sua própria terra e sua própria água, de ver suas famílias dramaticamente sendo assassinadas, nasceu uma virose, um tipo de paranoia na cabeça dos irmãos matungos. Estando alojados na cidade, passaram a achar vinte e quatro horas por dia que estavam sendo perseguidos pelos seres urbanos. Em alguns muros podemos ler seu

slogan e intenção e mensagem: “Ninguém nos vê”. O negócio deles é andar cautelosamente pelas ruas, em plena luz solar, sem que ninguém os veja. Os carros estarecidos com o trânsito, as pessoas impulsionadas pelo atraso e eles no meio de tudo, correndo de canteiro em canteiro, de árvore em árvore, se fazendo de sombra de canto em canto, de pessoa em pessoa, no aviso do instinto indígena se fazendo transparente. Se fazendo presente aos nossos olhos cegos. Piolho que pente fino não pega. Movimento que precede o susto. Fantasma de lençol transparente.

A Gangue da Chave de Fenda é composta por homens em sua grande maioria. Essa maioria masculina se relaciona bem pois todos os membros da gangue são ex-operários obreiros. Pessoas que trabalharam em construções de prédios e casas e armazéns e grandes projetos de virar concreto e ferro e vidro e tudo o mais. Não se vê facilmente por aí mulheres obreiras, carregando carro de cimento e levantando vigas. Ainda assim existem algumas. Porém, a Gangue da Chave de Fenda visa desfazer uma obra, construção, ou apenas torná-la bamba e de alta periculosidade. Os integrantes se encontram e planejam. Decidem por intervir numa construção a partir de poucos pré-requisitos. Ou por acharem o resultado de mau gosto da parte estética, ou por terem trabalhado na feitura da obra e terem sido maltratados por seus patrões, ou por um desejo especial e

particular de um membro da gangue. Assim que decidem o alvo, optam entre três formas de ação: desparafusar todas as porcas e parafusos até que tudo desabe, desparafusar apenas partes estabelecidas e calculadas anteriormente para que a construção cambaleie ou ainda desparafusar lugares que façam a construção cair parte por parte.

A verdade é que exóticas gangues se fazem e se desfazem na velocidade do fluido existencial. Objetos, pessoas e bichos estão constantemente criando espécies de coletivos-gangues para desabafar ou absorver alguma energia timidamente contagiante, alguma víscera não exposta. Eu, como pessoa humilde simples que sou, procurei e procurei por muito tempo uma gangue na qual eu fosse me sentir à vontade, com vontade genuína de me filiar. Tentei a gangue Segue Sombra, de gente que só anda pisando em sombras, a gangue Fritos Genéricos, que tudo tenta fritar em frigideira para ver o que acontece, de carrinhos de plástico a pijamas de lã, e a gangue Liberta Cão, que visava à busca do cão que há em cada um de nós. Os integrantes são vistos fazendo suas necessidades nas ruas, agachados em postes e canteiros. Alguns levam outros na coleira, fazendo revezamento de quem guia o encoleirado, e outros anulam o próprio idioma para se dedicar a latir com precisão e timbre original. Não me identifiquei profundamente com nenhuma dessas amáveis gangues profissionais. Uniforme

vestido em dia de jogo. Animais protegendo a cria que acabou de parir. Leite longe de azedar. Porém um dia achei algo e me senti ganhador da loteria. Homem que acerta os números. Adolescente perdendo virgindade. Dança de baleia no ar. Descobri minha gangue. Até ajudei a fundar: a Gangue dos Inventam Gangue.

um monstro e um pinguim

Quando choro porque sinto que estou vivo, tenho certeza de que vibra dentro de mim um pinguim. E foi por esse pinguim que larguei a cadeira de rodas. Não, o pinguim não é um monstro. Provável que seja um salvador ou libertador de minha alma medrosa. Alma de castelos medievais que não foram construídos. Atraso atemporal de relógio viciado. Previsão convencida de chuva que não chegou. Esse pinguim sempre aparece quando a sala de meu peito está acesa à luz de velas. Meu choro causado por essa criatura glacial não é gelado e sim morno, aconchegante. Chego a acreditar que eu sou a roupa que veste o pinguim, mísero trapo de pele envelhecendo e protegendo o pequeno animal que chora em mim. Há uma parceria aqui. Há um pesado punhado de amizade e cumplicidade que a cada dia estreita o laço. Somos afetivamente siameses. Quando lacrimejo ele canta e toca minhas cordas vocais. Zumbido glacial com força de urso polar. Quando berro ou beijo com paixão a boca de uma mu-

lher importante, ele dorme ou se esconde envergonhado, como a criança e o beijo dos pais e esses abraços invisíveis que nos damos fervorosamente. Eu amo meu pinguim. Se eu morrer vou ficar preocupado com seu paradeiro. Vou vagar morto procurando o animal. Já deixo bem claro aqui, como num atestado de óbito, que, se necessário, meu falecido corpo deve ser dilacerado para que meu irmão, que mais profundo mergulha em mim, seja salvo. Depois de salvo sugiro que alguém que eu ame muito e que me ame igualmente ingira o pinguim com cautela apropriada. Para isso é preciso: fazer bem a barba caso seja um homem que vá ingerir. Sendo uma moça, depilar as virilhas. Usar sapatos que não sejam do mesmo par. Fumar dois cigarros de filtro amarelo de dez em dez minutos. Ficar muito sozinho consigo mesmo sem conseguir encontrar a si mesmo e assim entrar em desespero que não leva a nada. Provocar uma coceira no interior do crânio que não seja possível coçar a fim de aliviar a irritação. Andar na rua sem saber pra onde, querendo voltar para uma casa que não é a sua. Para fazer feliz o bicho quando ele já estiver dentro do corpo, se emocione ao ver novelas porcarias mal dubladas e fique indignado e mal-humorado no dia do próprio aniversário. Ou seja, se entregue ao inferno astral. Se esfole na falésia abarrotada de estalactites cortantes que sangram água seccular em cima de seu corpo vermelho hemorrágico.

O que, sem dúvida, é inevitável é que quem tem a sorte de coexistir com um pinguim dentro de si tem o azar de sempre estar sendo perseguido por um monstro muito, mas muito monstruoso. Monstro farejador de pinguins. Monstro cão de caça. Facão de açougueiro em direção à carne viva. Pesadelo que não deixa a vítima acordar. Assombração palpável. Nós, que temos pinguins, nunca conhecemos eles cara a cara. Os pinguins ficam dentro. Agora, os monstros, esses aparecem e correm atrás dos pobres coitados que somos e se não conseguirmos fugir viramos papa de aberração. Boia de parque aquático. Fralda de recém-nascido. Massa na mão de mama italiana. É quando o monstro aparece que o pinguim congela e a barriga fica fria. Parece até que ventam graus negativos nas artérias. Confesso que faz alguns anos que não deparo com meu monstro. Tenho me dedicado à arte de me esquivar. Tenho sido um esquilo pequeno encolhido com tanto medo do mundo e do monstro que me torno um embaçado floco de poeira pairando no ar prestes a se deitar no chão da rua. Sei perfeitamente andar na sombra, correr em silêncio e usar disfarces. Na última vez o monstro, que, diga-se de passagem, mede quinze metros de altura, é peludo e baba como a Foz do Iguaçu, veio até mim e perguntou para que lado era o México. Eu, tremendo as canelas e congelando o pinguim, disfarçado de algo diferente de mim, apontei

para o norte. Foi barra-pesada, mas o disfarce funcionou perfeitamente. Foi como boca aberta de crocodilo dormindo no rio.

Atualmente tenho morado numa caverna dentro de uma fenda rochosa dentro de um cânion no meio do mato fora da selva. Sempre achei que aqui jamais seria encontrado, mas faz uma semana que recebo uma carta diária do monstro. As cartas chegam num envelope de papel fino e de cores variadas. No canto superior direito sempre um selo caseiro grudado no envelope com catarro ou gozo consistente. Dentro do envelope uma foto do monstro fazendo uma careta horrorosa e vestindo fantasias que vão de marinheiro a repórter de plantão. Na carta, escrita com péssima ortografia e caneta bic preta, estão as ameaças que me paralisam. O monstro usa de tom irônico e lança frases como: “só vão sobrar as sobrancelhas”, “sua mãe não vai te reconhecer”, “nem o circo vai querer” e por aí vai. Eu e meu pinguim gememos fracos em uníssonos e deixamos sem querer escapular pequenos cristais de valiosa neve produzida entre pinguim e eu. Ele deve estar bem perto. Perto a ponto de nos almoçar. De mostrar à sociedade inevitável que é de gente, no sentido ser humano mesmo, que se faz a marmita. Refeição de hipopótamo. Banquete de comemoração milionária. Ciúme para o troglodita que não participa. Ração de brontossauro. Quanto mais

pinguim e eu nos amedrontamos, mais gelados ficamos, e é assim que fareja o monstro os nossos odores de gelo seco. Sim, ele vem chegando. A criatura medonha vai rasgar nossos âmagos com suas unhas predadoras. Nós estamos fritos. Fritos como ovo na frigideira. Flagrante de polícia na boca de fumo. Susto do idoso ao tropeçar pela última vez. Bolhas de queimadura de primeiro grau.

Finalmente somos descobertos pelo monstro. A lenda estava em pé, babando e mancando, como alguém dopado de droga psiquiátrica tentando diálogo impossível com presas fáceis como eu e meu pinguim. Pobres espetos de churrasco temperado. Cardume fácil e escasso laçado pela rede. Pecadores pedindo, em vão, perdão ao patrão incisivamente poderoso. Nós dois imóveis. Apenas tremelicando a delicada arcada dentária suportada pelos covardes maxilares magrelos. Nós dois uma espécie só relembrando a vida toda num segundo só. Como aquela sensação que dizem ter os que já passaram perto da morte. Aquela sensação de que tudo já se foi e agora, sem querer, chega. Ou melhor: nada mais chegará.

E quem chegou foi ele mesmo. Monstruoso!!!! Terrível!!!! Péssimo!!!! Um monstro capenga e melado, gosmento e pegajoso. Algo que minha explicação não explica pois não é capaz. Peço perdão. É um trauma.

siga o cão

Eu agora caminhando na rua com os olhos vespugos dispersamente atentos, prestando atenção em nove coisas diferentes, entre o som dos ônibus escolares gritando crianças pra fora das janelas e rosnados de cachorros resmungando e velhas em movimento carregando sacolas de supermercados, decido seguir um vira-lata solto no mundo, trôpego, em direção a lugar algum, direção essa que tenho mania de usufruir conferindo minha bússola de instinto materno em busca de uma referência inexistente. Mesmo assim, e só por isso, vou seguindo o cão sem dono. Eu farejando alguma lembrança. O cão inteligente de maturidade dura e implacável. Cachorro autodidata, fornecedor de sua própria sustância. Vencedor na falência. Sobrevivente da guerra canina. Alta patente rebuscada no quesito urbano. Ele é interessante e malhado de manchas depenadas. A carniça praticamente cobre seu corpo significando o manto do rei leproso ancião mestre das informações subterrâneas que envolvem

e atingem a desagradável superfície que respiramos com esforço desconsiderado.

O cão dobra as ruas com calma, como quem deleita e contempla o mundo farejando a calçada ininterrupta ou mascando um chiclete molenga colorido artificialmente. Eu vou atrás me vestindo de espião. Rosto atrás de bigode. Sigo o cão, sigo o cão, sigo o cão, sigo o cão, sigo o cão, sigo o cão, sigo o cão. E ele me leva ao beco rústico onde acontece o monólogo de sua macumba particular. Fico de olho, na espreita, enquanto o animal começa a rosar, uivar e lacrimejar. Ele consegue dar cambalhotas com seu corpo de osso visivelmente sacrificado, danificado pela labuta da mendigagem alheia. O bicho começa a andar em círculos em volta de um latão de lixo amassado. Volta volta late late urra urra e rosna. Para numa posição defensiva e petrificada, mantendo só o rosar rouco e raquítico, mas sempre assustadoramente malvado. É agora que eu percebo que, sim, é esse o cão feroz que surgiu do invisível e me trucidou naquele outro dia infeliz. Ou será ele uma mulher venenosa transformada em cão peçonhento e avassalador? Está tudo calculadamente imóvel, sem vento e sem cheiro e sem ar e sem alma. Eu respiro apenas o ar que guardei em meus pulmões. Mantenho o ar armazenado o quanto posso. Vejo que o cachorro que me desgraçou também está perdendo as forças pela falta de ar. Seus pul-

mões são menores que o meu. Ele amolece e se entrega. Desmaia ou morre no chão. Eu vejo a queda do cão e sem capacidade de criar fuga daquele momento plácido e desconcertante me entrego e amoleço também me deitando no chão, até que o resto seja escuro puro. Pupila esgotada. Cegueira em silêncio. Fundo de bolso vazio.

Ficamos assim, desmaiados. Todos nós. Não só eu e o cão, mas as dezenas de mosquitos que passavam pelo beco formaram um tapete desfiado no chão. Também desmaiaram uma ratazana, milhares de vermes invisíveis a olho nu, três gatos pretos que estavam escondidos ali perto e um morcego azarão que mergulhava em seu rasante desenhando a noite no exato momento em que nada aconteceu. O beco parou. O pequeno território chamado beco e tudo por ele envolvido parou. Silêncio depois do barulho. Saliva no cuspê já fora da boca. Olhar fixo de cadáver no caixão antes de ser enterrado. Como se fosse a hora em que se esquece a paixão por outra pessoa. O sentimento num lápis sendo apagado por uma borracha. O raio, a trovoadas e o silêncio, em sequência e sem continuidade.

A macumba particular do cão sarnento começa a se desdobrar nesse hiato de tempo, enquanto tudo está sendo nada e o tempo não passa e a vida não vê. Só o cão, emitindo sons indescritíveis. Ele não aparenta sentir dor, mas prazer. Está esganiçando prazer. Passa a se mover lentamente

e com cautela humana começa a se espreguiçar e estalar os ossos. O resto, o que está em volta, nem mundo é mais, e sim o que há de palpável na mudez do oco. Memória não lembrada. O pelo do animal se desfaz em fios desapegados. O rabo se encolhe até formar um cóccix. Uma transformação está obviamente em andamento. Patas traseiras se tornando pernas contornadas por músculos revestidos de pele humana feminina lisa. Patas fronteiras se tornando braços fortes com axilas sedosas e cotovelos atraentes. Mãos com dedos com unhas pintadas de vaidade. É a mulher!!! É a mulher!!!! É ela aquela que passou por mim. Meu raciocínio se prova correto agora. Um cão não surgiria no além, do nada agreste, pra me atacar e me decepar em tantos. De algo ou de alguém ele deveria acontecer. E agora constato, desmaiado, essa transformação paleontológica sobrenatural feminino-canina a olhos crus. Um umbigo singelo e perfeito é o último toque da metamorfose perfeccionista. O umbigo aparece como a cereja no bolo. A barriga estava lisa e deus chorou uma lágrima de satisfação pelo trabalho realizado com êxito. A lágrima de deus caiu ali na barriga dela e fez-se o umbigo. Deus, com mais emoção ao observar seu último feito intuitivo, chorou um temporal. Temporal esse que me acordou e acordou todo o mundo paralisado. O beco voltou a ser beco com vida e quando me dei conta estávamos, eu e a mulher, ajoelhados

frente a frente tomando o temporal divino e pesado sobre nossos corpos. Com as pupilas em ótimo estado pude reparar o bico de nossos narizes se aproximando até o toque. Não havia acontecido na existência do universo um toque de ponta de nariz como aquele. Era amor à primeira e à segunda vista. Micro big bang aflorado e se expandindo. Dupla sertaneja no auge do sucesso. Duas almas se encostando pela primeira vez. O máximo do belo. Tudo o que é dois acontecendo junto. Mantivemos aquela mesma posição por horas a fio, unificados somente pelas pontas dos narizes. Permanecemos nos beijando daquela forma. Nosso primeiro beijo foi assim, pelo nariz.

Enfim deus parou de chorar pois de outras coisas tinha que se ocupar. Veio o sol e nós finalmente separamos os bicos de nossos narizes para nos olharmos com a luz do dia que se abria. Estávamos lindos olhando um para o outro fixamente sem piscar, sem necessidade de molhar os olhos. Secamos as retinas para nos ver melhor e por mais tempo. Fomos nos conhecendo profundamente, só naquele olhar entrelaçado por fios invisíveis de lã de algodão de aço. Me apaixonei pela mulher que vira cachorro. Me apaixonei pelo cão que me atacou e me decepou. Perguntei o nome dela e o nome dela era Búfala, sem sobrenome. Apenas Búfala. Me encantei com o nome e me apaixonei mais. O sol a pino iluminando tudo com

extravagância. Sol descarregado sobre nós. Luz capotando sobre nós. Poros abertos respirando, alimentando a clorofila pálida de nosso corpo são. Os dois urgindo. Que, dos nossos sorrisos abertos, reluz a explosão de luz refletida em nossos dentes de mentex.

dia de campeão

Deus meu que coisa boa. Está tudo muito, muito ok! Está tudo tão ok, deus. O mais ok possível. Deus meu, deixe tudo como está, ok? Acabei de acordar. Ao pé da cama, um par de pantufas com pernas abertas pra mim. Consumo as pantufas com meus pés e meus pés se esbaldam nas pantufas. Sinto o amor universal entre pé e pantufa. Sinto o atrito fraternal entre sola de pé e tecido de pantufa. Na mesma cama, ao meu lado, lá está ela: a Búfala!!! Deslizo até a sala e sinto o alto-astral. Na poltrona aconchegante estão as almofadas bordadas e coloridas me oferecendo bom-dia. Da varanda, tomando um maravilhoso sol matinal e ok, é possível observar o tempo saudável acordando cedo.

Para aproveitar o dia que nasceu bonito e parecia me favorecer, boto na vitrola um vinil com pérolas sonoras. Uma coletânea com preciosidades sinfônicas. Vejo a Búfala com seu corpo de silicone adentrar a sala rodopiando, imitando uma bailarina e parecendo uma baleia em seus pulos pesados e apaixonados. Ela diz que ama as pérolas

sonoras de paixão, desde a adolescência. Dançamos juntos pelo apartamento e seu corpo de silicone se molda no meu corpo quebra-cabeça costurado e remontado por aquele jovem precoce gênio das transformações, se adaptando a cada passada, se adequando à dança de casal.

O corpo da Búfala é todo de silicone. Ela começou com os peitos e logo se tornou adepta do movimento das mulheres de silicone. Foi trabalhando muito e economizando seu rico dinheiro que ela conseguiu, aos poucos, ao longo dos anos, trocar todo o corpo por silicone. Todos os músculos foram trocados, inclusive os músculos da bochecha. Ela é linda nesse silicone todo e eu estou tão apaixonado... Há tempos não acordava me sentindo feliz assim.

Hoje não tem caroço, hoje só tem filé. Hoje o sol brilha pois estou apaixonado. Posso pilotar aviões, esquiar nas dunas do deserto, salvar vidas na Etiópia, surfar ondas gigantes em maremoto, ser dublê de cinema, arrotar de satisfação depois da refeição, imitar macacos eufóricos e fora de controle, animar festas infantis, ser palhaço de circo, padre de igreja, gênio da matemática, presidente do país, estrela da literatura de autoajuda, bola de futebol no ângulo do gol na final de campeonato. Posso ser a torcida inteira de uma só vez ovacionando.

Hoje não tem piolho nem catarro.

Não tem esporro nem porrada.

Hoje é dia de campeão.

Hoje é gol de placa e canastra limpa.

Hoje é chafariz com bailarina, sotaque francês em boca de voz de mulher.

Hoje é choro de felicidade. Choro pela Búfala de silicone que me faz delirar. Búfala que goza junto de mim. Eu choro de felicidade com você. Fico bobo assim, rastejando em sua trilha, seguindo seu cheiro envenenado, doando meus poucos centavos, rasgando tudo o que nos separa para cada vez chegar mais perto, roendo as unhas de ansiedade para te ver mais e mais por dentro. Quem é você? Como você consegue se transformar num cão doente? Por que você é assim? Por que eu me apaixonei? Quem é você que me muda e me contorce? Isso tudo é bom pra sempre? Vai ser sempre assim? Você estará aqui, minha Búfala preciosa? Minha pedra bruta que eu arranquei da rocha. Animal primitivo que eu não castrarei. Contundente aparição real de meu sono profundo. Marca cicatrizada de queimadura. A brasa em meu peito exposto.

O campeão agora sou eu. Eu que já te desejei o pior e a morte completa. A não-existência e a não-aparição em minha consciência miúda. Eu que já te quis assassinar por conta própria, de faca em punho, te acertando um murro afiado com o bico da prata no centro do rosto bonito que me conquista e me toca com a ponta do nariz. Hoje você,

que outrora me arrebetou em fragmentos precários, me faz esse campeão agigantado. Homem forte. Sim, estou certo do que quero e nada mais me incomoda e recebo tudo o que é jogado do mundo pra cá com a calma e a serenidade daquele que está apaixonado. É assim então que se faz sentir gente presente na órbita de toda essa máquina? Pois agora, hoje, sou eu quem dá corda ao mundo, essa bola de gude em minhas mãos infantis de criança afoita. Sou eu quem gira cambalhotas certas nessa corda bamba e sou eu quem tropeça pra te dar passagem.

nascimentos

Em todas as vezes que nasci, já foram algumas que conto em três mãos, nasci romântico, dramático e apaixonado. Enterrando a parcimônia e chamando a exatidão, já nasci treze vezes. Precisei de treze para que meu corpo lutasse ambiciosamente até conseguir dismantelar essa aliança de rebeliões de partos consecutivos desarvorados e pudesse finalmente crescer e passar por todos os demais processos complicados que a vidinha nos traz. Nasci de várias formas e por motivos diferentes. Mas sempre nasci romântico, dramático e apaixonado. Eu nascia, aprendia a andar depois de alguns meses e toda a família comemorava alegremente aquela vitória importantíssima que todos queremos vencer. Aí no dia seguinte minha mãe vinha me buscar no berço para me amamentar e eu não estava mais lá. Havia sumido. Mágico afogando coelho na cartola. Objeto qualquer após decomposição total. Ali naquele berço eu não estava mais. Minha mãe se arrepiava. Depois tremia muito e ligava para meu pai avisando em lágrimas

a intervenção além-inteligência. Logo logo toda a família estava reunida e chorava junto se perguntando como era possível. No começo pensavam ser sequestro. De repente, para o susto de mamãe, ela estava grávida novamente. Nos últimos meses não praticara sexo com papai pois estava demasiadamente deprimida. Ela corria eufórica aos braços de papai ao chegar do trabalho cansativo para com sorriso maternal fazer a surpresa: “Meu amor, estou inteiramente grávida novamente.” “Mas, como, meu amor? A gente nem trepou, ora bolas!” “Mas, meu amor, é verdade!!! Olha aqui o exame... Toma, veja com os próprios olhos.” A situação no início ficava delicada. Papai não entendia e com justos motivos passava a ter certeza de que mamãe havia pulado a cerca e o muro para embarrigar novamente. O clima na casa pairava pesado, denso e estático. A família não sabia o que dizer. Os amigos pensavam ser gravidez psicológica. Comemorar ou duvidar? Só mamãe que não se incomodava com a esquisitice de estar grávida sem motivo visível. Ela só queria saber de estar grávida. O lance dela era a barriga. A barriga e depois a criança vindo. O instinto materno não falhava. Coletivo de gaivotas atravessando oceano com direção definida em bússola orgânica. Depois o ginecologista, ao fazer a ultrassonografia, ficava em silêncio, com o olhar perdido em algum lugar muito distante durante vários minutos, tentando entender como

era possível aquilo que estava acontecendo: “Me perdoem, senhores, mas tenho a obrigação de dizer a verdade. Estou muito confuso, mas tenho absoluta certeza de que vocês terão o mesmo filho. Sim, aquele que sumiu.” O absurdo era tanto que permitia a celebração do evento, também bizarra, pela família toda. E lá estavam todos reunidos novamente, na mesma sala da mesma casa do mesmo casal na outra gravidez do mesmo filho. Papai discretamente bêbado quietamente calmo com o sorriso escrachado de quem acabou de descobrir que não levou o chifre que estava para crescer no meio da testa. Orgulhoso de saber que seria pai do mesmo filho: “Aquele danadinho é insistente, né? Safadinho... quer nascer de qualquer jeito...”

As primeiras onze vezes que nasci, nasci de parto normal. Somente na penúltima, a décima segunda, para o alívio de mamãe, foi preciso uma cesariana urgente de última hora. Eu estava com o cordão umbilical enrolado no pescoço, me sufocando. Hoje, disponível a sérias tendências suicidas, concluo que eu estava tentando me matar, me enforcar no cordão, após diversas tentativas de ter uma vida normal e continuar sumindo para voltar ao útero e escorregar na lisa placenta nutritiva. Mamãe considerou a cesariana um marco definitivo em seu histórico de partos de um filho só. Achou que, por ser diferente dessa vez, seria a última e eu poderia crescer em paz, desenvolver a

fala e entrar na escola. Ela achou que finalmente eu teria a chance de fazer amigos. Não só ela como a família já estava acostumada aos meus súbitos sucumbimentos parciais. Vovó dizia misturando chavões e ditados sem que houvesse nexos na ideia geral: “Tudo bem, querida, ele vai voltar. Você sabe, de grão em grão a galinha enche o papo. Você já se conhece, meu bem. Sua barriga sempre cresce.”

Como eu disse antes, nasci treze vezes. Quando ficou sabendo que estava grávida mais uma vez de mim, minha mãe, inconsolável, procurou em segredo por um doutor que fizesse um aborto. Passei a ser insuportável de tanto insistir e depois voltar atrás. Eu vinha sempre ao mundo romântico, dramático e apaixonado, e depois acho que sentia medo, percebia o pequeno espaço que meu corpo ocupava no mundo e voltava atrás. Arrependido da desistência covarde, dava um jeito de engravidar de novo. Mais uma vez feto, mais uma vez embrião, mais uma vez nada, talvez sim, talvez não. E foi ela, mulher forte e decidida a aniquilar o sofrimento, que quis frear a série bestial de engravidamentos espontâneos. Conversando com o doutor sobre os efeitos colaterais do aborto, o abortista, sem acreditar na história dos treze engravidamentos, garantiu a mamãe que a criança não voltaria. Garantiu que a morte seria total e que meu coraçãozinho de embrião cessaria em um segundo sem que eu sentisse dor

ou agonia. Além disso, preocupado com a sandice de mamãe, deixou claro que gravidez malsucedida não se repete no sentido existencial e recomendou um psiquiatra, o que ela engoliu como desaforo depois de ter visto sua barriga crescer aquele número de vezes sem poder em nenhuma delas ter visto o bigode do filho crescer. O aborto foi feito. Correu como deve correr um aborto. Missão cumprida. Descarga dada. Nariz assoado. Lugar preenchido de vazio. Posso dizer que nasci de um aborto e que meu aborto foi um parto. Eu, eu mesmo, nasci de um aborto. Soa pesado? Mas não, acredite que não sou assombração desamparada. Sou normal e bem resolvido. Não penso ser mamãe uma matadora, inclusive porque estou vivo e assim continuo. Na verdade acredito que mamãe tenha me salvado. Foi ela quem pagou o dobro pelo aborto com a condição de levar o feto, eu, para casa, num recipiente com clorofórmio. Fui colocado, todo morto e contorcido, na estante do quarto dos meus pais, como lembrança e amuleto de sorte. Numa noite próxima meu pai, me observando, reparou umas pequenas gotinhas de oxigênio brotando de minhas narinas e subindo à superfície. Seus olhos estupefatos não deixaram dúvidas. Definitivamente eu estava nascido pela última vez. O clorofórmio me trouxe à vida com força total. Saúde no corpo. Esporte radical. Com um gesto delicado das mãos, papai me desafogou

do recipiente químico e apalpou todo meu corpo, examinando. Depois massageou meu coração de bebê prematuro insistente e me fez respirar fundo alargando meus pulmões. Juntos, eu e meu pai fomos um milagre, uma dádiva. Fomos os irracionais pertinentes na hora do parto inconveniente. Bula afetiva. Regadores do sol. Amigos de sangue. Finalmente pude aprender a andar, falar, amar, odiar e as demais possibilidades que o tempo oferece a nós no decorrer da caminhada capenga trôpega. Pude envelhecer, conhecer os fósseis do hospício. Gargalhar matracas e soluçar trabucos. Me esparramei todo na vida do mundo e por isso sofro tanto. Sofro pois me dedico ao esparramamento e invoco os perigos de se entregar a essa esbórnica generalizada. Me ofereço a todos e a tudo. Brinde magrelo onde pulsa sangue e circula ar. E também posso ser a pessoa mais feliz durante poucos segundos apenas. A felicidade pra mim, infelizmente, dura o arrepio causado pelo afago na nuca. A felicidade leva o tempo que o sopro demora pra chegar na vela. Só alguns desejos se realizam. A maioria da multidão fica para trás, esquecida, esperando o próximo aniversário, esperando o próximo pedido. Tive a maldade de criar uma quantidade inviável de desejos viris. Agora estão todos por aí. Filhos perdidos abandonados pelo próprio pai. O abrigo de meus desejos é precário. Não tem cobertor e todos petrificam.

Mas os desejos vieram depois. Só depois de nascer tantas vezes assim até o desenvolvimento se realizar. Talvez fosse melhor não crescer e passar a eternidade nascendo e desaparecendo na constância da intuição, tendo sempre o prazer de vir ao mundo, se gabando de não conhecer os desejos insolúveis que inventamos quando o corpo cresce de dentro pra dentro. A vida luxuosa é aquela em que não se sofre, é aquela em que se deleita. Vou fazer um desejo inviável. Desejo, a partir de hoje, levar a vida de acordo com o ideal. Sem sofrimento, com muito deleite. Suingando entre pérolas. Soro de suco de laranja na veia. Fantasia de masturbação sendo realizada. Mas não. Desejos impressionantes normalmente são incompatíveis com a possibilidade de realização. O peso, a carga de um desejo incrível, costuma ocupar todos os espaços acessíveis no momento. Não sobra espaço para que outros desejos ou ideias de desejos sejam formulados. Devido à nossa fragilidade sensorial descompensada, um desejo basta para que percamos a noção de consciência pútrida e então comecemos a planar levemente pelos labirintos virtuais de um coração apaixonado. Dois desejos realizados ao mesmo tempo e estamos nos céus, voando com as asas de nossos próprios braços cantarolando operetas angelicais e rindo sozinhos de nossas próprias caras estranhas. Somos os mendigos sentimentais do universo. A nossa miséria é

a miséria do afeto. Quantas horas já me vi choramingando plumas líquidas pelos olhos pedindo apenas um desejo realizado? Muitas horas. Um drama completo. Sanduíche de infelicidades. Estamos tão pobres que bastam dois desejos realizados para sentirmos nossos seres no além e nossas peles transparentes. Temos capacidade para comportar diversos desejos realizados ao mesmo tempo. Mas os poros de nossos ânimos estão entupidos, congestionados. Suamos demais desde o nascimento da espécie até agora. Estamos limitados e não liquidados.

E eu cresci até aqui, onde estou agora. De dentro pra dentro, frágil e agressivo. Dentuço. Nasci e renasci até finalmente ressuscitar de um aborto bem-sucedido. De nada adiantou a insistência. Os obstáculos desse circo de elefantes infectados de raiva são grandes demais para mim. As palmas de minhas mãos estão raladas até a carne viva, cuspidando sangue pra fora. Meus joelhos também. É que eu passo pelos obstáculos só que sempre bato os joelhos na última tábua do empecilho. Com as mãos e um berro rouco amorteço a queda dura. O ossos trincam e as palmas rasgam. Meu sangue se mistura com a areia do chão que me perfura. Sou carne, osso e areia. Foi aquele cachorro, aquela mulher, que me trouxe de volta a paixão. Precisei sentir dor pra sentir amor. Reconstruí o corpo para poder desejar. Primeiro odiei o cão e depois me apaixonei por ele

que é ela e é tão linda toda de silicone. Até pelos óculos modernos que a deixam com rosto arrogante eu me apaixonei. E pelas unhas pintadas e as banhas falsificadas.

Pergunto para a Búfala como é que ela nasceu e quando. A resposta foi eletricamente chocante. O pinguim que há dentro de mim tremeu assustado e congelado. Eu tinha convicção de que o cachorro era um resultado consequente de uma atitude humana feminina radical. Tinha toda a convicção de ser a Búfala inventora mãe madrinha do cão feroz. Mas não. Era justamente o contrário do meu imaginário. O pinguim tremeu novamente. Ela disse que seu início era secreto e eu jurei guardar segredo a todas as chaves. Foi aí que ela revelou ser uma cachorra, uma cadelinha vira-lata. Ela nasceu de um cruzamento entre vira-latas caninos justamente no beco onde eu a vi se transformando. Nasceu como qualquer cachorro nasce e se virou nas ruas da amargura até chegar à adolescência e formular seu primeiro desejo. Desejou ser mulher e gostosa ao mesmo tempo. Narrou que vagava com suas patas invejando as mulheres transeuntes maravilhosas. Sentia dores de cotovelo sem dono. Apática. Apática. Mas desejo de cachorro se realiza de forma diferente da nossa. É mais comum, mais natural. Cachorro, quando deseja, consegue. E a sorte veio colada ao desejo quando um magnata de mente norte-americano, desses que trabalham com ideias

mórbidas e perturbadoras, a adotou com planos de transformar uma cadelinha na mulher ideal, na mulher de seus sonhos. O plano consistia em manter os órgãos caninos num corpo novo escultural de mulher vazia. Daí veio todo o silicone em massa espalhado pelo corpo, que antes eu considerava exagerado e agora compreendo. Compreendo? Compreendo. Compreendo? Compreendo. Compreendo? Compreendo. Compreendo?

Então tá. Abracadabra. Seu sobrenome eu inauguro hoje como Abracadabra. Búfala Abracadabra. No seu planeta mágico só vive você. E como eu queria chegar aí... Você, minha Búfala especialíssima, começa como cachorro e termina como mulher? Ou a ordem nesse caso não altera os fatores? E toda essa transformação, como acontece? Você escolhe a hora de ser cachorro e a hora de ser mulher? Quería saber se você consegue ficar pela metade... Metade gostosa metade cadela, espremendo o silicone torcido entre os hiatos desse corpo lesma. Agora eu quero ver você feia, estranha e deprimida. Porque eu não entendo esse negócio seu, de me atacar sendo cão e deixar apaixonado sendo Búfala. Búfala Abracadabra.

dose idosa

Me apaixonei e isso me consome, sempre. Me apaixono e dedico minhas rugas de ferro-velho à paixão que chega de supetão. Chega que nem a alegria dos lábios ao assoviarem pela primeira vez. É a primeira ida do moleque ao jardim zoológico. Cada paixão é o primeiro beijo e o corpo treme. Eu e ela nos apaixonamos e nos beijamos. Decidi, para fazer charme e usufruir a deliciosa sensação de paixão vigorosa, ir pra casa sem convidá-la, pra que ficássemos pensando um no outro e produzíssemos saudades urgentes. Cada paixão é única e eu estou apaixonado. Estar apaixonado é ter certeza interna de que num dia futuro você vai morrer um pouco mais.

Mas nesse dia tudo era cabeludo e cacheado e espelho de reflexo de raios de luzes de postes do sol de brindes e espumas. Meu travesseiro pescou o pulso novo de meu coração e jantou o peixe robusto. O travesseiro, sempre atento aos cardumes lotados do mar de minha superfície e de minha escura profundidade, pescava e me oferecia uma

noite aconchegante. Se o peixe fosse bom, robusto e saudável, o sono era do peso de uma pipa de seda ao vento calmo da respiração de minhas narinas. Se o travesseiro, por um acaso, pescasse alguma toxina submarina, pesadelos viriam desencadear uma ressaca de tufões desastrosos em meu oceano onírico. Naquela noite, não uma mas cinco pipas de seda planavam em meu quarto ao vento de minhas narinas. Naquela noite minhas toneladas de guindaste não compareceram. Ficaram interditas em outros mares, sem licença e subsídio para passar pelo pedágio da imaginação.

Quando percebi que estava pra acordar, me preparei feliz pra abrir os olhos e ter mais um dia de campeão. Abri os olhos já pensando em Búfala Abracadabra e me senti filhote de urso polar acordando no ventre viscoso da mãe enorme, peluda branca e protetora acolhedora. Nada de errado comigo. O guindaste e minhas toneladas ainda não estacionaram por aqui. O vento sopra e as janelas não se debatem. Os histéricos hoje estão todos amortecidos pelos anestésicos que vibram na minha frequência. Não há caminhões se arrastando na rua e os bêbados que não dormiram estão em silêncio. Tenho que fazer tudo o que uma pessoa gosta de fazer após despertar. Coisas de higiene de corpo e alongamento de membros. No meu bocejo, minha boca engole meu rosto. Meu rosto vira uma boca bocejando ópera para

todos os lados e fico parecendo uma planta carnívora devoradora de prazeres. Mas o bocejo se dispersa e meu rosto surge relaxado. Tem uma fresta desntrida de luz entrando em meu quarto. Essa fresta me parece mais um gato. Me vem forte e nítida a sensação de eu ter um gato em casa. Todos os dias, no mesmo horário, quando essa luz miúda e esparsa se impõe como uma lâmina medrosa, há um gato ali. É o meu gato de luz. Meu gato, que veio me dar bom-dia, mantém-se parado e me observa. Encontro em seu olhar algum indicador de horror, de surpresa manifestada por alguma aberração. Ele está olhando pra mim. Começo a fraquejar e me deixo ser domado pelo medo que meu gato de luz chacoalha em minha frente. Sinto que o problema é comigo. Eu, que acordei tão disposto e eufórico, encosto a mão esquerda em minha testa e pronto. Entendi o susto estampado na cara do gato de luz. Estou enrugado!!! Pacientemente amacio toda minha substância física e constato que estou todo e muito enrolado. Homem amassado. Fraquejo nas pernas andando até o banheiro para me olhar no espelho. Nada do que está acontecendo é possível. A Búfala é uma bruxa que é um cachorro que vira um corpo de silicone. E agora eu, jovem de membros costurados, jogo de armar, transformado num velho, idoso mesmo, do dia pra noite. O espelho está contando que eu devo ser dono de uns oitenta e sete anos. Também conta que estou corcunda e que não tenho dentes,

que sou completa e escassamente grisalho e que meu nariz e orelhas são pedaços descomunais de cartilagem. Eu estou velho e fraco. Voltei deprimido pra cama e nesse percurso de mangas curtas me senti cansado. Reparo que meus órgãos estão cansados também. Milhares de sons e roncões se dão em mim. Tenho a impressão de estar dominado por uma família de vermes vampiros de dentes afiados me mordendo e me sugando. Mas talvez sejam só os órgãos envelhecidos e suas disfunções repletas de consequências nojentas.

Imagine a Búfala, que é moderna e se emperiquita toda pra ir comprar pão. Imagine ela, que só tem olhos pra sujeitos modernos que se vestem de acordo com a última tendência e que cortam os cabelos nos mais caros cabeleireiros da cidade. Ela é tão fresca e pentelha que até homem peludo demais é considerado uma coisa asquerosa. Mas ninguém é culpado por quem se apaixona. E por ela, estou perdidamente. Como posso me apresentar a ela vestindo essa pele enrugada? Não posso nem aparecer. Ela me rejeitaria instantaneamente, sem pena. E gente que nem ela, daquela estirpe, que ainda não mergulhou nas trevas e possui um planetinha particular pra se divertir eternamente, rejeita o amor feio em troca do próximo ser tatuado moicano ou topetudo e com algum prego enfiado no corpo. Não tenho chances. Essa história está começando a ficar infeliz. O casal que se conheceu na rua e seapai-

xonou perdidamente não vai ter condições de se bancar e se divertir: envelheci demais contra minha vontade e ela gosta de garotos superemperiquitados. Não presto pra isso e nem adianta forçar. Pensei em fazer plástica geral mas me conheço muito bem. Em pouco tempo acordaria velho novamente e teria que sofrer mais uma vez.

Ela pode me ligar a qualquer momento querendo me encontrar. Pronto, está tocando o telefone: “Minha Búfala que tanto amo, não poderemos mais ficar juntos nessa empreitada amorosa carnal.” “Mas eu te amo tanto, meu chuchuzinho... O que aconteceu?” “Hoje, meu amor, acordei com oitenta e sete anos. Eu sei que você não suporta a velhice. Eu sei que os velhos da minha idade são amantes chatos, tradicionais, clássicos e carentes, coitadinho de mim...” “Mas você está com tantos anos assim?!! Coitadinho!! Não sei como te ajudar, coitadinho!!!” “Tudo bem, minha Búfala, você é muito jovem, merece toda essa vida agitada pela frente. Você ainda vai conhecer tanta gente moderna... Vou ficar feliz por você. Aproveite. Não são todos que têm a capacidade de viver num maravilhoso mundo próprio, onde ninguém se fere e todos parecem estar sempre felizes e dançando saltitantes.” “Mas que pena que isso está acontecendo. Vamos ficar um tempo afastados pra ver o que acontece. O que você acha? Vamos dar um tempo.”

Vamos dar um tempo. O que quer dizer “dar um tempo”? Cada um vai a uma loja de tempo e compra um tempo? Depois o casal se encontra, trocam-se ou presenteiam-se os tempos e todos ficam empolgados com seus novos tempos? É assim que se resolvem os empecilhos das relações amorosas? E eu que não tenho dinheiro pra comprar tempo? Como é que eu fico? Eu não tenho o tempo. Eu acordei com oitenta e sete anos e gastei todo o meu tempo num único sono profundo de homem romântico dramático e apaixonado. O pinguim que mora dentro de mim e também envelheceu usa lentes de contato rachadas que me cortam por dentro. Ele vive tropeçando em meus órgãos por ser idoso e adepto à artrite crônica. Vamos eu e ele envelhecidos calejados mal-amados sem tempo nenhum pra oferecer. Infelizmente.

Acordar velho é um susto perigoso. Você pode ter um treco no coração se não mantiver a calma ao constatar o salto com vara dos anos perdidos numa noite de sono. Os pulmões cansados podem se esbaforir a ponto de cuspir todo seu ar, colando suas paredes secas de textura flácida umas nas outras provocando falta de ar. Afogamento impermeável. Inaudível grito de desespero. É preciso manter a calma, e com maturidade de gente grande dar a volta por cima. Dar a volta por cima. Dar a volta por cima. Atravessar o oceano a pé. Reconquistar a pessoa perdida. Ser feliz depois de deprimir no âmago. Mas nunca dei a volta por cima.

Sempre estive em queda livre. Chegando ao chão continuei em queda livre terra adentro perfurando o solo como parafuso humano. Cavando o fundo do poço. Mordendo água. Cheirando o magma. Volta por cima não. Sempre patinei por baixo. Eu, quase um fragmento de barro seco se despedaçando, tendo que dar a primeira volta por cima. Tem que ser volta? Não pode ser reta por cima? Tem que chegar em cima e dar uma volta. O negócio é difícil mesmo. Complexo e digno de esforço físico cerebral. Não será possível passar o resto dos meus últimos dias em solidão. Acabei de perder minha juventude. Como estou triste!!! Ontem apaixonadamente vivaz hoje triste e choramingão sem Búfala. Tipo velho resmungão entupido de mania.

Foi assim que eu fiquei triste.

carta

“Búfala Abracadabra, amadésima

Você consegue incorporar, trazer a sensação de estar apaixonada por mim? Passei muitas horas te vendo dormir. Fiquei descobrindo sonhos em seus olhos fechados. A sua boca meio aberta soprando seu cheiro de boca em meu nariz. Enquanto você dormia eu aproximava meu nariz pra ficar cheirando seu hálito. Eu ficava respirando seu ar. Me alimentando só dele. Me apaixonei pela sua testa lisa e presente. Me apaixonei pelo silicone. Me apaixonei pela forma como você ronca. Me apaixonei pelo sotaque do mundo maravilhoso de Abracadabra. Minha Bufalazinha!! Coisa grande que chamo de pequena. Eu te amo tanto. Amo a sua esquisitice, a sua diferença no mundo e a sua indiferença com o mesmo mundo. O seu passo troncho de perna maior que a outra. Quero te falar do nosso amor. Te dizer que sinto sua falta o tempo todo. Preciso que você toque em tudo o que é meu. Que a gente descubra as coisas

juntos, rasgando o embrulho. Descascando a embalagem do que é desconhecido. Destroçando véu. Nós dois famintos e algemados pelas tripas. Siameses por opção.

Há um pouco de sua presença em tudo o que passa por mim. Encontro pedaços seus em meus sapatos, em minha caneta, em todas as gavetas que abro, na água que me dá banho, no ralo, no teto e nas paredes, nas pessoas que passam por mim, nos botões da minha calça, em meus lóbulos, no mar. No mar encontro um pedaço colossal de você. Um pernil fermentado. É bem nítido. Aquele pedaço ali no mar, tá vendo? É seu. E sempre que me viro pra praia, contemplo sua inevitável presença. Você está dentro de mim, acalmando o pinguim que tem medo de monstro. Distraindo as angústias. Costurando com agulhas minuciosos sorrisos no meu rosto. Me lavando. Você me lava. E você não sabe. Você não tem a mínima ideia do que você é. Tenho o prazer de informar que te conheci ou te conheço. Enquanto me perdia em seus labirintos de caminhos diversos encontrava cada vez mais você e você. Estive lá dentro e cheguei num lugar, talvez o coração do labirinto, a sua essência, que é a coisa mais envolvida de amor com que eu já entrei em contato à queima-roupa. Você não faz a menor ideia sensata do tamanho das coisas que encontrei por aí, me embrenhando e me perdendo nesses seus caminhos. Labirintos de delicadeza. Sutilezas escondidas,

acanhadas. Você é cheia delas e nem as conhece. Mas estão aí. Todas dentro de você. Eu vi e senti.

Quando se está apaixonado é possível fazer existir o que não existia antes. Nós dois poderíamos ser perfeitos idiotas, parceiros de nossa história, dentro de nossa bolha úmida e furta-cor. Inventando o mundo em volta e participando dele. Mas você, maluca descompensada, teima em viver em sua bolha particular que não acolhe, encolhe, e nem explode. Bolha flutuante que engloba sem penetrar. Você parece um objeto lançado no espaço sideral, pairando na gravidade zero, sem rumo nenhum e com liberdade desenfreada. Astronauta tola.

Sempre estarei ao seu lado, a seu favor. Se você tiver chance de decidir morar ou não pra sempre no maravilhoso mundo de Abracadabra e sua decisão for ficar por lá, por aí, continuarei te querendo em paz e muito feliz, mesmo que dentro dos seus limites e fronteiras estreitas. Mas eu não poderei ficar por muito tempo. Em alguma hora precisarei de alguém que tenha tato e disposição para me adentrar por completo. Alguém que sem hesitar, sem pestanejar, depois de achar a porta de meu labirinto e abri-la, penetre-o com fervor. Alguém que queira me conhecer e que consiga inventar caminhos secretos entre os infindáveis corredores inóspitos de minhas profundidades. Para as portas do meu labirinto faltam as chaves e os códigos

que não sou capaz nem de forjar nem de almejar nem de manufacturar. Essas chaves e códigos estão nas mãos de pessoas que eu nem sequer conheço. Eu espero por elas. E no meio dessa espera eu te encontro.

Fui abrindo portas e mais portas, te conhecendo no escuro que faz dentro de você. Tudo sem você perceber. Achei suas vontades, enormes. Achei a inocência. Uma unidade só de inocência, mas uma unidade que quase me expulsava do labirinto, de tão volumosa que era ela. A inocência mais sedutora que já cruzei. Dei de cara e de corpo e de alma com essa inocência toda. Depois disso entendi a sua capacidade de parecer insaciável. Vem tudo da inocência descomunal que eu descobri no labirinto em que estive perdido. Se você chegar nesse lugar em que estive, esse lugar que está dentro de você, é possível que algumas turbinas do seu motor soltem as mais potentes, amareladas, avermelhadas e azuladas chamas de intensidade. Você se impressionaria com a sua potência.

Foi bom cair em todas as suas armadilhas. Foi bom morder todas as iscas. Suas iscas são frescas. Dão vontade de continuar vivo pra ver o que vem depois. Estar apaixonado me mantém procurando armadilha pra cair. E eu acordei velho. Você não conseguiria compreender um velho, eu entendo. Sua juventude há de ser usufruída até a última gotícula de leite puro espremida da teta dessa vaca.

Meu amor, o leite é todo seu. A vaca acabou de parir e suas tetas estão pesadas e cheias de leite e nata e juventude para você beber e se abastecer. As tetas estão como bicas, torneiras jorrando matéria grossa para o seu esbaldar.”

artes plásticas

Ençaçpei a inútil carta sofrida pela goela do correio mais próximo. Passei a andar com a devida calma pela rua à minha frente. Era extremamente necessário manter a calma para continuar dando pulso ao corpo e alma. Afinal eu gostava muito de viver e pretendia continuar sobrevivendo. Acontecia uma briga cerebral em mim. A calma contra a necessidade de manter a calma. O conflito entre as duas era tanto que meu crânio tombava frequentemente para os lados. Balão de gás se debatendo num quarto pequeno. Meu cérebro trocava de lugar como se houvesse uma população compactada no mesmo bairro diluindo-se pelas ruas sem saída à procura de uma fuga que na verdade era inerte imóvel. Mas consegui manter o caminho, passo a passo, como se eu estivesse sempre aprendendo a andar pela primeira vez, zozzo e flácido. Por um acaso, avistei por perto uma figura conhecida. Era ele!!! O grande!!! Carneeeeee Bauuuuuuuu!!!!!!! O lendário lutador esmagador de oponentes. O homem que pesa como lataria de jumbo.

Martelo onipotente. Olhar congelador. Canibal de última geração, racionalidade de primeira. Fui cumprimentá-lo e pedir autógrafo. Não podia perder a chance.

Ele foi humilde e receptivo. Me acolheu e até tiramos fotos nos abraçando. Sentamos numa birosca pra conversar e trocar figurinhas. Ele contou de suas últimas brigas e eu de minha relação duvidosa com a amável Búfala. Notei seu tornozelo despedaçado. Era porrada que havia tomado. O tornozelo estava praticamente descaracterizado. Carne Bau explicou que além de ser todo violento, era uma pessoa vaidosa, com o ego estupidamente inflado. Carne disse ainda que estava indo pra casa de um conhecido, mestre das artes plásticas cirúrgicas, pois precisava consertar o tornozelo pra poder participar das lutas agendadas. Coisa de profissional. Eu, atônito, perguntei mais sobre quem era esse tal rapaz mestre das artes plásticas cirúrgicas. Pela definição do Carne, e para minha surpresa, me pareceu ser o moleque que havia me salvado no dia em que o cachorro Búfala me mordera! Havia características muito próximas!! Me animei velozmente e implorei eufórico pra acompanhá-lo à casa do tal amigo. Carne Bau não viu problema algum e disse que gostava de minha pessoa. Senti um pouco de medo de ter afinidade com um canibal. Principalmente com esse, que era carismático. Fomos de táxi até a casa do jovem que, aliás, se chamava Unga.

Nos arredores de uma década que passou faz pouco tempo, entre guerras e terrorismos pedidos pálidos de paz e suicidas exacerbados economia mundial alcoólatra e alcoólatras anônimos com fraturas expostas temporais de granizo pontudo quebrando cabeças e tsunamis encharcados afogando cidades machucados que não se fecham e sequelas irreversíveis, batimentos cardíacos descompensados e calçados maiores que os pés piolhos roedores de couro e sarnas fervendo as escamas pedidos de amor e coragens mesquinhas ambientes abertos e abafados carinhos despercebidos e afagos em vão trânsito imóvel e telefonemas relâmpagos catarros salgados e café com muito adoçante verrugas peludas e sisos extraídos à mão e à força grutas brilhantes garimpadas e poças de sangue coagulado habilidades inúteis e capacidades sorradeiras frutas e animais sedados por doses cavaleares de hormônio drogas e produtos venenosos invadindo organismos virgens e veneno puro e letal ingerido conscientemente, trovoadas eletrônicas e raios que não partem árvores chuvas que não matam sede e secas que esfrelam ossos sonhos perturbantes para sonos imperfeitos noite e dia noite e dia sem saber a diferença, nasceu Unga, que desenvolveu uma minuciosa técnica de modificar o corpo humano, formado pela Universidade Mundial de Artes Plásticas Cirúrgicas.

Desde criança Unga levava jeito pra coisa. Aos oito anos trocou suas orelhas pelas orelhas do irmão mais novo, que na época tinha cinco anos. Arrancou suas orelhas e as do irmão e costurou-as trocadas. Ficou perfeito apesar dos tamanhos desproporcionais. A operação das orelhas foi o primeiro gesto de Unga pra chamar a atenção dos pais sobre seu talento. No ano seguinte o extraordinário gênio extraiu um fino naco de pele do peito peludo do pai e implantou no pequeno irmão mais novo, tecendo raízes do couro cabeludo peitoral, eterna cobaia. Vinicius, o mais novo, aos seis anos tinha cabelo no peito e orelhas grandes. A operação do peito cabeludo antecipado foi filmada e documentada pela mãe, que passou a registrar todos os majestosos e belos corpos moldados pelas mãos armadas de bisturis do precoce e polêmico cirurgião artista plástico.

O rapaz até hoje, em palestras e workshops, agradece e esclarece que deve tudo ao apoio dos pais e do irmão. Que na infância eles ofereceram a infraestrutura e os instrumentos necessários pra que pudesse amadurecer seu talento e praticar sua arte cirúrgica. Sem a família, Unga não poderia ser quem é hoje. Sem as tesouras bisturis anestésias e seringas fornecidos para os primeiros testes caseiros, não haveria progresso. Unga também faz questão de agradecer o amor que recebeu dos pais e a Vinicius, a quem chama em termos médicos de Total Transformação,

e que até hoje acompanha o irmão mais velho como vitrine de seu trabalho. Chegar onde Unga se encontra hoje, acolhido pela mídia ovacionado pelo público adorado pela medicina contemporânea, requereu esforço máximo. Foi preciso ter muita vontade e batalha pra romper as barreiras sociais e intelectuais. O mundo antigo demorou a aceitar o seu novo conceito e prática de estética transformadora. Com o tempo, sua concepção inovadora adentrou completamente os hábitos da sociedade e os corpos humanos se modificaram de forma drástica.

A terceira transformação foi feita em Vinicius no seu aniversário de oito anos. Dessa vez o nariz foi extraído e guardado como recordação numa caixinha de fazer bailarina dançar. No lugar do nariz, Unga implantou um avião de brinquedo que os pais haviam comprado pra presentear o filho. A bunda do avião vermelho foi costurada na base do nariz, centro do rosto. A cirurgia foi bem-sucedida. Na adolescência o caçula cismou, depois de um sonho confuso, que era hermafrodita e bicolor. Unga passou anos pesquisando o corpo humano, lendo livros em todos os idiomas e abrindo cadáveres. Decidiu que iria implantar um útero ao lado do pâncreas do irmão e uma vagina em sua virilha. Seria uma operação muito delicada e revolucionária na medicina moderna. Acabou que Unga transformou o irmão em um hermafrodita completo, com todos os órgãos

masculinos e femininos. A cirurgia foi transmitida ao vivo para o mundo e foi recorde de audiência. Unga ganhou os grandes prêmios da medicina antes mesmo de terminar o segundo grau. O irmão, depois, engravidou e pariu um casal de gêmeos lindos e saudáveis. Todos ficaram felizes.

Unga tinha sucesso. Era respeitado por todos e procurado pelas celebridades e magnatas anônimos. Depois de se formar inaugurou um verdadeiro empreendimento. Construiu num amplo terreno de um espaço abandonado um centro médico de pesquisa e atendimento público. Levantou um prédio de quinze andares dedicado apenas ao trabalho social. Realizou o sonho de milhares de excluídos. Modificou mendigos vaidosos e apoiou o movimento dos sem-terra trocando braços por enxadas de prata. Criou o homem-bicho misturando pessoas com pedaços e membros de animais. Fez do homem-jacaré até a mulher-ganso. Rejuvenesceu socialites e envelheceu crianças trocando partes do corpo. Foi professor nas mais conceituadas universidades da Europa. Tudo sempre continuando a dar certo. Ganhou o título de *honoris causa*.

Hoje Unga está maduro e satisfeito. Realizou seus sonhos, construiu uma família feliz e modificada. Trabalha só de quarta a sexta-feira realizando cirurgias simples, como implante de silicone e extração de pelancas de madames. Quando uma madame vem e começa a falar que se

incomoda com aquele início de papo embaixo do queixo, ele meio que impaciente meio que sem saco de opinar já vai dizendo: “Então tira, tira logo...”, e se espreguiça na poltrona estofada em pele de zebra. Os pedidos exóticos até hoje são muito frequentes e as ideias para transformações bizarras são muito criativas. Formou-se inclusive uma equipe especializada escolhida a dedo pelo patrão chefe maior Unga. Todos os membros tiveram que passar por um estágio com o mestre e também tiveram que ver seus próprios corpos sendo modificados. Passados as últimas provas e obstáculos, eles hoje mudam tudo. Pata de pato no lugar dos dedos da mão, uma pata para cada dedo. Bolas de gude no lugar dos olhos. Capim ou grama no lugar dos cabelos. Lâmpadas costuradas no umbigo. Siameses simulados. Casais costurados entre si. Peixes vivendo em estômagos. Órgãos genitais duplicados. Telas captadoras de luz solar acopladas às costas para retenção e acúmulo de energia. Relógios digitais colados na testa para oferecer as horas. Filhotes de macaco gestados em úteros de mulheres atléticas. Bicas no lugar dos bicos de peitos amamentadores pra facilitar a amamentação do recém-nascido (esta, cirurgia provisória). Cobras vivas em meio à cabeleira, pra lembrar Medusa. Catálogos com estampas divertidas pra pintar definitivamente todo o corpo. Asas de pássaros esbeltos entre os braços a fim de uma tentativa frustrada de voo. Bola de

sinuca no lugar do coração, escolha seu número. Botas e meias que não saem dos pés para quem não anda descalço. Cinzeiros fundidos nos joelhos pra fumantes inveterados. Colunas cervicais pra animais invertebrados. Fones de ouvido embutidos nos tímpanos pra viciados em música. Pragas e vírus que matam injetados em suicidas medrosos. Hematomas induzidos pra sadomasoquistas exibicionistas. Cotovelos no lugar dos ombros. Unhas no lugar dos dentes e dentes no lugar das unhas, permitindo assim as unhas roerem os dentes. Lábios femininos no lugar de masculinos. Línguas de lagarto trocadas pelas línguas comuns e tudo o que for possível imaginar.

O irmão Vinicius, que há pouco fez aniversário, ganhou de presente um rabo de leão africano costurado no cóccix.

Finalmente chegamos na casa de Unga. Ele estava muito ocupado em sua oficina trabalhando em novos estudos. Antena de inseto em casco de tartaruga. Quando me viu, reagiu com empolgação à minha presença. Afinal eu era cria dele. Sentamos os três pra botar o assunto em dia e tagarelar vestígios. Falamos do episódio em que ele me salvou. Carne Bau escutava quieto nossas memórias, apenas fazendo um barulho grotesco enquanto mastigava o dedão que havia arrancado do pé de alguém. Carne sempre tinha um pedaço de alguém no bolso pois sempre

estava faminto. Unga pediu pra dar uma olhada no meu corpo colagem molenga. Me despi e deitei numa cama de hospital. O mestre das artes cirúrgicas plásticas, nesse período de tempo em que não nos víamos, havia progredido ainda mais em suas técnicas e gozava de novos artifícios. Foi me remoldando me restaurando. Tirava um braço, trabalhava em cima do membro amputado e colocava de volta. Depois torcia um pulso deslocava uma junta e eu ia me sentindo cada vez melhor. Ao terminar a lanternagem me pus de pé e estremeci. Meu corpo estava à vontade. Alongamento de baleia orca. Bocejo no café da manhã. Sonho no ritmo da rede. Mergulho na água gelada. Meu pinguim também agradeceu a Unga. Disse que lá dentro de mim também estava melhor de viver. Que o novo posicionamento dos membros havia arejado o espaço interno, tornando o ambiente mais refrescante, lembrando sua terra natal: Antártida. Caminhei pela oficina contemplando meus novos movimentos. Pedi música pra dançar e dancei. Sacolejei o esqueleto. Derrapei nas curvas. Saltitei a carcaça. Debrucei no muro e pulei. Agora era Carne Bau quem era atendido. No fim, nós dois ficamos perfeitos. Unga também ficou satisfeito com o resultado. Disse que adorava trabalhar em amigos.

siliclone

Estou pasmo!!!! Boquiaberto!!! Embasbacado!!!!
Leite azedo na minha cor. Coração arrepiado. Confuso!!!
Confuso!!! Compreende?! Confuso!!!! Compreende?!!!!
Unga está me contando uma história inacreditável. Como eu poderia imaginar uma coisa dessas? É um absurdo deslavado!!! É uma decepção!!!! As pessoas sempre decepcionam, isso não tem jeito. É uma completa blasfêmia!!! Um insulto à minha pessoa!!! Um arrastão na minha prainha!!! Pizza família portuguesa com bastante ovo e alho!!!! Mistério desvendado. Culpado escondendo a cara na camiseta. Algema ela!!!! Algema ela!!!! Aquela desgraçada!!!! Mentirosa!!!! Divina amaldiçoada!!! Algema!!! Acorrenta ela!!!! Afoga na banheira. Estilhaça na vidraça. Faz sumir do mundo. Condena e taca pedra em praça pública. Unga está me contando essa tal história extraordinária. Ele está me dizendo que foi ele quem fez a total transformação na Búfala. Diz que um de seus melhores trabalhos foi feito numa cadela que virou mulher. Que foi ele quem implan-

tou silicone no cachorrinho. Que o cachorrinho aprendeu a falar sozinho e sempre quis virar gente. Que o cachorrinho pedia, ganindo palavras, para ser pessoa. Que o cachorrinho era muito bonitinho e sabia fazer cara de pobre coitado monga mental de criança e acabou convencendo Unga a se dedicar a essa tarefa de turbiná-lo por inteiro. Isso quer dizer que eu acreditei naquela marmelada densa de magnata americano apaixonado. O magnata na verdade é meu salvador genial e se chama Unga. Unga que ajoelhou e jurou não ter mantido relações pornográficas com a Búfala mentirosa e estraga-prazeres. Unga, eu disse, não se preocupe com isso, só me conte essa porcaria de narrativa pra que eu possa ofender com afinco aquela mariposa. Mala sem rodas. Alfabeto desletrado. Minimalismo sem chão.

Unga está me contando o pior. Me mostrando a verdade e me fazendo chorar. Que eu não tenho sangue de realza, que sou bastardo, chorando no real. Unga explicando a pior parte. A parte em que dizima a Búfala em pedaços constrangedores. Explicando que depois de ela ganhar aspecto humano, porém ainda vazia e murcha, sem a textura beijuda do silicone, só de pele e órgãos caninos, insistiu para que o mestre clonasse o silicone de suas maiores ídolas. Ela queria que cada parte de silicone do corpo fosse na verdade um siliclone de suas deusas.

E assim foi feito. Unga clonou o silicone, siliclonou, da batata da perna daquela famosa atriz de cinemão. Siliclonou a cartilagem das orelhas da estrela do programa de culinária que passa na televisão. Siliclonou a barriga da mãe enxuta e daí em diante. Siliclonou sem economizar. Unga se viciou nesse negócio de siliclonar e passou até a fazer mais sucesso ainda em seu ramo plástico cirurgião. Imagine o mundo e as garotas fúteis sabendo que agora é possível clonar o silicone das estrelas. Imagine o sucesso, a demanda matilha. Unga enriqueceu e agradece pra sempre a idealizadora, a precursora do siliclone: a Búfala. A mestra rechonchuda. A dona da gordura mentirosa. Ela que mentiu pra mim e me fez acreditar. Por quê? Por que me fazer acreditar numa coisa que não existe? Me fazer acreditar nessa paixão? Me fazer apaixonar para me decepcionar? Que decepção!!!! Que desaforo!!!! Babaquice. Babaquice pura e virgem. Isso tudo que está acontecendo é uma babaquice virgem. Desperdício de potência. É uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena... é uma pena...

Ou sou eu uma pena? Acho que não. Ou sou eu uma pena? Acho que não. Ou sou eu uma pena? Acho que não. Ou sou eu uma pena? Acho que não. Acho que estou mais para pedra. Pelo menos no momento. Mais para peso de

pedra, com penas no peso da queda da água dos olhos. Estou como força gravitacional sobre o mundo, recebendo a força do mundo. Força equivalente a um segundo antes da explosão. Estou para homem atrás da porta, diagonalmente inclinado impedindo que a multidão lá fora entre e me arrebente. Coitada da pedra. Pedra porosa, que arranha fácil quem roçar. Pedra que não se espatifa quando, jogada do alto, cai no chão. Pedra de dar pena. Pedra que não acredita no destino e veja só o que ele me trouxe. O destino que não acredito me trouxe uma cadela que virou mulher siliclona, fútil, descaracterizada, descaratada, superficial e brega. É uma pena, pois ela é tão bonita por ser brega. Porém faltou caráter e personalidade ao montar seu corpo. E ainda mais me falar que era tudo silicone original, feito pra ela sob medida? Desastre. Isso foi desastre. Olhem para a minha cara de ridículo. Olhem, podem olhar, a minha cara de mané babá lelê.

E como ela consegue se tornar cão novamente com todo esse siliclone? Como cabe tudo num corpo de cachorro? Unga está me explicando que isso é coisa de mulher. Coisa do espaço feminino. Ele olha pra mim atentamente sem piscar pálpebras e deixa bem claro: “Esse universo, o delas, é o mistério maior. É nele que se encontram as respostas das perguntas cruciais. E é esse universo que não seremos capazes, nunca, de desvendar. Universo onde é possível cão

se transformar em mulher e vice-versa. Universo onde o cão morde e perfura e depois a mulher beija e cura e depois o cão esfacela e tritura e depois a mulher lambe e cicatriza. Me parece que são todas bruxas. Macumbeiras do bem e do mal. Feiticeiras inspiradas e descontroladas. Descabeladas!!!! Todas elas descabeladas!!!! Descabeladas e desnorteadas pela bússola que carregam no gene. Bússola primitiva que leva ao fim e ao começo das coisas. A Búfala também tem sua bússola... bússola... bússola... bússola...

Bússola... bússola... bússola... bússola...

bússola... bússola... bússola... bússola...

bússola... bússola...

bússola...

bússola...

bússola...

bússola...

Bússola...

bússola... Bússola... bússol...

bússola... bússola...

bús... Bú...bu b... ...

criação e sumiço de personagem

Estou muito perturbado pelos últimos tempos. Minhas juntas continuam doloridas e minha nuca tensa, minha relação com a Búfala é impossível, o pinguim que mora em mim está com frio e com medo, estou congelando, nasci de um aborto e agora, pra trucidar de uma vez por todas a minha espécie, tiragem de um exemplar, coitadinho, comecei a conversar comigo mesmo, de igual pra igual, escutando uma outra voz minha, decepcionada por eu não tê-la reconhecido. Isso me perturba. Como não reconheço minha própria voz? Ela ainda aparece para reclamar, explicar que não se sentiu lisonjeada pelas traves que ando chutando. Feridas que ando arrancando. Auto-flagelação vinte e quatro horas por dia. Ser no cio. Esse acúmulo atormenta e atordoa. Somado ao meu ócio de bicho-preguiça obeso, apodreço e descasco. Sou degustado pela areia movediça em que escolhi pular. Estou dentro do descomunal caldeirão indígena de barro, mergulhado em água fervendo repleta de temperos exóticos. Estou virando

sopa de índio. As solas dos meus pés são de lama e quando se tem solas de lama recomendo asfaltá-las e iluminá-las com uma boa sinalização, indicando sempre os melhores caminhos pra que o ímpeto de se jogar num lago de areia movediça seja uma contramão que passa no escuro. Recomendo, eu que não tenho estofa para tanto, distrair o racional para que ele não arme armadilhas ou apronte ciladas de causar calafrios. O racional manufatura ratoeiras. No intuito de distrair meu racional, chamar atenção aqui para correr pra lá, distrair o destruidor, criei um personagem. Manipularei, ventríloquo que sou, o meu mais novo filho, fantoche marionete:

Bernardo, rapaz magro e tímido, sem graça e de cabelos ralos, cheiroso e retardatário no uso de seu raciocínio, bundão e viciado em videogames, orelha de abano e carinhoso com todos, válido aos olhos de quem vê e invisível aos olhos de quem alimenta o hábito de ser problemático demais e rude, bobo com as mulheres e normal com os homens, dois metros e quinze centímetros de altura e uma perna bem maior do que a outra, tique nervoso doente que se resume em abrir ao máximo a boca, esticar ao máximo a língua, fechar os olhos com toda a força e emitir sons, tudo isso de quarenta em quarenta segundos, constrangendo muito as pessoas que estão por perto e não seguram o riso e as gargalhadas ao se deparar com esse es-

quisito tique. Cursando o terceiro ano do segundo grau, preocupado com o vestibular e pensando seriamente em se dedicar à educação física ou à filosofia, filho único e mimado, introspectivo formando futuro câncer maligno, jogador de vôlei de praia, pingue-pongue, xadrez e polo aquático, Imagem & Ação, leitor de Proust, turma da Mônica, bula de remédio, revistas eróticas e propagandas publicitárias, estrábico e dono de um cheiroso hálito, de risada explosiva que envergonha os colegas que estão sentados na mesma mesa, doce e convencido quando bebe, fã de Roy Orbison, de seu tio Flávio, de Obelix, de Elvis e do último trabalho do David Bowie. Nunca ouviu falar em Beatles nem em Pinóquio. Escova os dentes cinco vezes por dia, passa fio dental três vezes por dia, toma banho duas vezes por dia, não troca de cueca e não usa boné, não gosta de animais, principalmente hamsters e araras, joga buraco toda quarta-feira à noite com o bisavô, só anda de bicicleta, com meia e sem sapato. Quando se olha no espelho não fica satisfeito e quando recebe um elogio sente uma desconfortável cólica na barriga, não usa óculos nem acessórios de prender ou pendurar no corpo, fala muito sozinho quando está andando na rua e gesticula imaginando como seria se estivesse naquele mesmo momento brigando com alguém ou tocando bateria. Quando é agredido, agride de volta. Quando é beijado, beija de volta. Sofre de uma irritação

avassaladora atrás do lóbulo da orelha esquerda. Quando coça lá, sente prazer e frio nas axilas. Acha estranho mas continua, pois é bom demais.

Assim começa o personagem Bernardo, mostrando qualidades, virtudes, defeitos e manias. Isso seria só um começo. A ideia era continuar expondo o rapaz sem frear, despi-lo por inteiro. Eu poderia, já, jogar membros, sensações e ideias minhas nesse recipiente buraco negro pra montar um quebra-cabeça completo com bordas, cores e molduras. Eu poderia, depois de terminar o querido Bernardo, dar corda na sua existência e guiá-lo por histórias novas em folha branca e colocá-lo em situações absurdas, fantásticas ou entediantes. Eu poderia inclusive apagá-lo, antes mesmo de ele ser lido por outro que não eu. Eu poderia ser mau com ele, imprimir-lo numa folha e rasgá-la. Fragmentá-la, fragmentá-lo. Bernardo depende do meu humor. Depende de como eu passei o dia. Depende de como vai meu coração. Eu posso tudo com ele, mas não vou fazer nada não. Não agora.

Hoje recebi uma carta de Bernardo. Carta mesmo, pelo correio. Nela relatava algo extraordinário que acontecera e implorava para que eu passasse adiante sua experiência. Irresistível. Ele simplesmente ultrapassou os limites do personagem. Bernardo escreveu contando como foi seu parto e como conseguiu se lembrar dele, pois ninguém

lembra do próprio parto. O que me resta fazer, depois de ser quebrado pela cria, saturado saturado saturado e saturado, é transcrever aqui a carta que recebi:

“Querido papai, meu patrão que tanto amo, patrão de alta qualidade e carinho maior, meu escritor predileto. Quando você ler esta carta, estaremos à frente de um milagre. Estaremos partilhando um milagre. Não sei dizer ao certo por quê, mas eu escapuli. Sério mesmo, escorreguei, tóim, transbordei, me perdi de você. Ou foi você que se perdeu? Ou foi você que me perdeu? Bom, não importa. O que posso adiantar é que estou voltando aos poucos, enquanto você escreve, é que no tempo em que estive fora, estive vivo. Não pense que estou triste por voltar a te pertencer. As pessoas não passam a vida toda com a certeza de que pertencem a algo maior, uma força ou energia, sei lá? Ou principalmente, na maioria, pensam que pertencem a um criador? Então, você é minha força maior, meu motivo. Digo mais. Melhor ser filho de autor que ser filho de deus. Não precisa rezar nem prometer nem pagar pecado. Se acontecer de eu ter que pagar pecado, você sabe muito bem que é algo que saiu da sua cabeça, não da minha, assumo.

Quero contar minha história independente, minha aventura sobrevida e minha memória, a memória de um

nascimento humano. Lembro de quando nasci, meu mestre, lembro perfeitamente de quando fui esperma, de quando fui fecundado, dos nove meses de gestação e do parto normal. Não lembro o nome do hospital pois não sabia ler. A pergunta que fica é: como pode um ser feito de letras lembrar do próprio parto sendo o parto um parto humano? Será que um personagem, ao escapular do autor, é capaz de trazer à tona as memórias mais obscuras de seu criador? Será que quando nos perdemos eu estava passeando por outras praças de sua cabeça? O que posso dizer é que agora lembro que nasci gente, e que nascer é um prazer.

No começo, ainda dentro da barriga, eu não me via, eu não tinha corpo. Tudo estava em volta e eu estava en-volto. Apesar do aspecto nojento, o lugar era confortável e aconchegante e parecia ser muito seguro. Me lembro de ter feito nada por um bom tempo. Dormia e acordava muitas vezes seguidas, sempre observando o lugar e concluindo ser ele seguro, confortável e aconchegante. Foi num dia que me descobri. Quando vi, estava me vendo. Eu me achei meio nojento também. Me confundi com um pedaço de babalu mastigado por muito tempo e cuspidado numa piscina cheia de cloro. Aí começou a nascer uma cordinha no meu umbigo que me prendeu na parede nojenta daquele lugar escuro. Esse dia foi triste e me senti sacaneado pela natureza. Fiquei preso, perdi a sensação de liberdade

conquistada pelo meu esforço pra entrar dentro da bola. Aquilo tudo me pareceu uma armadilha, uma brincadeira de mau gosto. Soltam as crianças loucas de fome no parque de diversões. Lá no fim, bem longe, colocam um enorme sorvete, com cinco bolas: chocolate, morango, flocos, café e menta com pedaços de chocolate. Regam o sorvete com confete e calda de chocolate. Depois dizem que lá dentro do sorvetão há um marshmallow gigante e que a criança que comer mais rápido o sorvete e chegar primeiro no marshmallow pode morar dentro dele e comê-lo o tempo todo pois ele nunca acaba. As crianças, é claro, saem correndo desesperadas, alcançam o sorvete e iniciam uma verdadeira e descomunal lambança fenomenal, babando em tudo e mordendo umas às outras. Aquilo vira uma pasta de sangue, saliva, sorvete, confete e cabelo e calda de chocolate. O gordinho, bem safado, do tipo que na hora do recreio não desce pra brincar no pátio e rouba o lanche dos coleguinhas, consegue, com muito esforço e com os calcanhares sangrando devido às mordidas dos que quase chegaram lá, chegar lá. O gordinho acha o marshmallow e se emociona. Chora. O moleque chora quietinho e pensa que nunca mais vai ganhar algo tão precioso como o succulento marshmallow. Uma porta se abre no meio do doce e o gordinho entra sem duvidar do êxito. Ao entrar a porta se fecha com força e um homem enorme, peludo e fedido,

vestindo roupas de couro preto compradas em uma sex-shop, acorrenta a criança e a escraviza para o resto da vida. As crianças que não alcançaram o objetivo se esbaldam, se empanturrando de sorvete maravilhoso, e são avisadas de que se deram bem. Elas dão gargalhadas ao ver por uma televisão o gordinho, que está sendo filmado vinte e quatro horas por dia e que foi vendido para o mundo como reality show de TV a cabo, pois o mundo é voyer, chorando. Depois de uma futura masturbação, todas elas que se gabaram são despejadas no ralo de algum chuveiro. No meu caso, eu fui o gordinho e cheguei a tentar me enforcar com aquela corda presa ao meu umbigo.

Foi assim que me senti quando fui amarrado pelo cordão umbilical. Com o tempo me acostumei e aceitei. Até corda eu pulei com o cordão. Continuei crescendo sem parar. Ganhei unhas, pelos, pernas, braços e tudo o que uma pessoa comum costuma adquirir na gestação. Em nenhum momento deixei de pensar que eu era um emaranhado de letras combinadas de forma que me fizessem existir, mas ali eu ganhei um corpo de gente.

No dia do nascimento eu nasci. Cansei de toda aquela história e estava tão grande que achei que se não saísse rápido dali a bola iria explodir. Comecei a fazer pressão. Depois de horas uma fresta se abriu, imagino que seja a mesma que me fez chegar naquele lugar uterino, a porta

do marshmallow, e fui puxado para fora como se houvesse um aspirador de pó ali no outro lado. Descobri que todo o tempo estive na barriga de uma pessoa gigante e que o mundo é cheio de pessoas gigantes. Comecei a respirar e a chorar de medo e angústia de bebê. Fiquei de cabeça pra baixo e feliz quando cortaram o cordão umbilical, aquela algema de aço que me alimentou. Finalmente estava livre da corda. Me enrolaram numa toalha e cheguei aos braços da mãe. Sem vacilar tasquei da teta o leite materno e nessa hora fui para uma espécie de outra dimensão, um tipo de nirvana. O leite desceu goela adentro fazendo com que tudo funcionasse perfeitamente. Fiquei satisfeito, arrotei e dormi. Meu sonho foi perturbador. Sonhei que estava nascendo sem parar, repetidas vezes da mesma forma. Fiquei nascendo em ritmo acelerado até que fui cuspidado e enforcado pelo cordão umbilical. Antes de fechar os olhos pra morrer, apareceu você e me corrigiu. Tudo ficou branco, como uma folha de papel.”

polêmica

Essa foi diferente. Abri os dois olhos e nada vi. Calma, calma. É bom e ajuda quando se tem calma enquanto há risco. Surfista levando caldo de onda gigante. Abro os olhos novamente e pronto. Agora não sou mais o cego que achei que era ao acordar. Aprecio sempre ao acordar, e com moderação, uma jarra de suco de laranja feito da fruta, que faço naquele espremedor manual que requer energia que dá gosto. O espremedor automático causa uma cócega na palma da minha mão que não aguento. É quase um lugar ruim bom de sentir, mas não aguento. Também costumo preparar duas torradinhas quentinhas com sal, azeite e pequeninhas fatias de pêsego em cima. Pêsego com casca mesmo. Como sou uma trava, um pedaço de ferro que não amolece, me visto antes de comer. Aperto o cinto e os cadarços pra me sentir bem sufocado e pronto pro café da manhã. Começo o dia com a roupa justa e a janela aberta.

Essa foi diferente. Depois de acordar e nada ver e acordar de novo e tudo ver e me vestir bem calejado e preparar

o café da manhã e me sentar na pequena mesa redonda em frente à janela, o que é aquilo ali voando no céu? Será um zepelim? Um avião não é, porque é um objeto coisa redonda flutuando devagar no ar, bem longe, bem alto, divagando. Será um balão? Também não, pois é possível perceber que não tem cesto. Será um super-homem balofo, repleto de gás hélio e voz fina aguda, castrado? Não. Isso não existe. Mas eu acho estranho, porque de alguma forma eu reconheço esse objeto voador gordo e imenso. Objeto flutuando descontrolado, dando cambalhotas embaraçosas, rodopiando movimentos desajustados, inexplicavelmente cômicos. A coisa ia subindo e subindo. Subiu e sumiu. Depois só veio a brisa fraca janela adentro, que me deu um alívio de calmante na musculatura do cérebro. Extra!!! Extra!!! Corpo de cadela imitando gente siliclonada caseiramente infla de uma hora pra outra, praticando o espontâneo, e voa até sumir!!! Extra!!! Extra!!!!!!!

Assim estava escrita a matéria no dia seguinte, no jornal *Miragem*:

“Ontem, por volta de não se sabe bem que horas, porém lá pelas tardes, numa avenida curta de um subúrbio próximo ao centro, entre um poste de luz e um gelo baiano, um cachorro foi visto virando gente. Uma pequena tempestade repleta de pequenos raios desabou

somente em cima do bicho em transformação, que resultou numa belíssima silhueta feminina, que aos poucos e nua foi secando à luz solar. Houve diversas reações à aparição misteriosa. Alguns, assustados, correram pra se trancar em casa e acompanhar a reportagem de plantão. Outros, curiosos ou corajosos, fincaram os pés no chão e formaram uma roda pra observar a mutação. Foi nesse instante que, já em forma de mulher, a espécie estranha na frente dos espectadores, no meio da rua, coitada, inflou. Parecia apenas que ela estava ficando mais gordinha nas bochechas, nas coxas e na barriga. Depois notou-se que estava inflando mesmo. Seus pés foram saindo desequilibradamente do chão. Quando começou a decolar, começou a chorar. Uma cena comovente. Todos os que estavam presentes provavelmente tossiram lágrimas de compaixão. Uma criança chegou a segurar os pés do cachorro-gente, mas já havia muita pressão interna e o corpo queria voar. Foi se distanciando, independente. Depois de sumir no além e de as pessoas já terem se dispersado, pedaços de silicone molhado caíram sobre a cidade em diferentes pontos. Um transeunte chegou a fissurar o crânio devido ao impacto chocante da queda do que parecia ser um peito estufado de silicone e está em estado terminal. Outros sofreram leves escoriações e já se encontram salvos em casa.

Uma pesquisa profunda determinou que os fragmentos de silicone que vieram do céu pertenciam ao corpo da cadela que virou mulher que inflou e decolou para o além. Concluiu-se ainda que o silicone era siliclone. Réplicas perfeitas de silicones de astros do cinema, teatro, novelas televisivas e artistas plásticos da moda. Pela perfeição com que as peças de silicone haviam sido clonadas, chegou-se a Unga, o mestre das cirurgias plásticas. Apenas alguém com seus talentos primitivos teria tecnologia de ponta e cacife pra realizar um projeto como esse. Unga atendeu cordialmente ao requerimento da polícia estadual. Garantiu que estaria presente hoje pela manhã na delegacia a fim de prestar seu depoimento.”

Essa é a reprodução do jornal que eu leio. É o jornal popular *Miragem*, que mais ou menos sai da minha cabeça. Os outros jornais, mais reacionários e depreciativos, diziam que meu amigo Unga era irresponsável e que devia ser processado por almejar um homicídio culposo, o que não faz sentido algum. Liguei pra ele que, com sua calma e esper-teza, disse ter assinado um contrato a quatro mãos com a Búfala que dava garantia de liberdade à sua siliclona-gem e responsabilizava a cobaia Abracadabra a arcar com quaisquer consequências desconfortáveis como efeitos colaterais espontâneos. Certamente alguém teria que pagar pela

fratura no crânio do cidadão que passeava tranquilamente quando recebeu uma bela martelada de siliclone.

Da Búfala inflada e estourada, não se encontraram outros resquícios que não fossem os fragmentos do siliclone. Ficou um mistério no ar. A cidade se perguntava sobre o caso. Buchichos e murmúrios sobre o acontecimento eram picotados por todos os lados. Alguns, umas senhoras da igreja, rezavam pela moça-cachorro, pra que ela não tivesse sentido dor. Outros, homens robustos que tomam café sem açúcar, a apedrejavam dizendo que aberrações não deviam viver neste mundo. No futuro o siliclone foi tema condutor de diversas teses de mestrado e doutorado. Já Búfala, em vão, foi procurada por uma expedição de arqueólogos urbanos.

divagação

Minha relação com Búfala, já de início e sempre, foi muito intensa e potente, nunca molenga. Eu, fumante de carteirinha, passei a fumar meus cigarros com uma frequência de dar inveja a qualquer fumante. Não foi à toa que, com o aumento de nicotina e alcatrão em meu sangue, passei a ter mais prazer também ao fumar cada cigarrinho. Comecei a acender cada cigarro prestando toda a atenção merecida ao ato de fumar.

Primeiro vem a explosão da pólvora na cabeça do palito de fósforo. Depois a madeira do palito começa a pegar fogo. O incêndio acende um cigarro. O cigarro não pega fogo. Mantém uma brasa acesa. Carvão em fim de churrasco. Se encostar queima e pode causar bolhas, ardência e inchaço. O cigarro vai até a boca e é aspirado até os pulmões, que primeiro agradecem e futuramente reclamam ou param de funcionar. Tosses!!! Muitas tosses!!!! Tosses de pigarro acumulado. O fumante reclama. Mas eu não. Eu fumo sem reclamar mesmo. Fazer o quê? Es-

tou gostando de fumar no momento. Estou apaixonado. Tubos que me acalmam. Fumar é Tela Quente. Sessão Aventura. Dia das Crianças.

Oh, queridos cigarros, tenho andado muito ansioso. Preocupado com não sei o quê. Estou trancado em meu corpo frágil. Rascunhando farelos de felicidadezinhas, dormindo de olho aberto, quebrando telhas enquanto subo. Desajeitado andando na vida. Intimidado. Intimado a me esforçar pra que não se desperdice toda a água, jogando-a pra baixo. Minha usina hidroelétrica está congestionada. Quase desmoronando. Minha represa está transbordando e o meu meio ambiente está à beira de se desequilibrar. Desequilíbrio. Minha fauna está falecendo. Estou triste: estou virando um bosque, logo serei um pântano. Os cigarros apenas retardam o progresso e o desenvolvimento desse caos. Ou aceleram? Ou retardam? Ou aceleram? Ou retardam? Ou aceleram?

Ao mesmo tempo há um campo vasto tipo mundo de Marlboro com pôneis educados e bem tratados e extensão ampla de terras. Pessoas cavalgando ao longe e laguinho pra praticar, em paz, a pesca esportiva. À noite acende-se uma lareira e o casal de vovôs senta em cadeiras de balanço e balança até roncar, depois de uma dose de uísque caprichada. São os lugares do mundo que existem e onde tudo pode estar bem, tudo pode parecer tranquilo, nesse lugar

onde não vou morar. Não vou usar o chapéu de filme que eu quero usar e vou continuar fumando. Não vou cuidar de vacas pois não vou sair da cidade, meu vício incrível. Enquanto isso tem gente isolada, que passa o dia em silêncio meditador, escutando só o barulho do vento fazendo carinho. Entendendo o tempo passar ou aprendendo a congelar o próprio.

O cigarro é tragado e expelido causando prazer e charme. Raras são as vezes em que o charme, o cheiro do charme, vaga invisível e certo em direção ao acaso e atinge com surpresa quem o recebe. Raras são as vezes em que o charme desmantela e desnorteia a pessoa certa que ali por perto passava na hora certa e na sorte certa e sentiu o cheiro. Logo logo eles estarão apaixonados. Não é uma beleza? Isso não é uma beleza maravilhosa? Lírios de campo holandês? Terão filhos e tudo mais. Terão netos e não saberão que, ao expelir a fumaça do cigarro, o cheiro de charme que se formou vagou por aí até asfixiar de paixão a mulher que passava. E que andou farejando instintivamente o cheiro de charme até achar de onde vinha. Olhou pro homem e os dois se apaixonaram.

A paixão, se dependesse do cigarro, nos mataria de câncer pulmonar. Estaríamos aniquilados. Nossa espécie seria extinta. Paixão mataria no hospital. Estaríamos fritos e assados. Queimados. Virando cinza a cada tragada.

Fazendo do corpo poeira. Um cigarro grande que traga a si mesmo.

Mas no caso do casal, o homem parou de fumar. Os filhos vieram saudáveis e tudo parecia caminhar com a carícia do passar do dia e da noite. O dia e a noite que são os mesmos, sempre. Cada dia não é um novo dia e cada noite não é uma nova noite. Nós é que não somos nunca os mesmos. O dia quando se retira fica apenas no outro lado do mundo, aguardando a vez da noite se retirar pra que possa mais uma vez se mostrar. Ou alguém acha que o sol produz dias e a lua produz noites? O dia e a noite são os mesmos desde o começo do universo. Desde que nasceram são os mesmos e envelhecem. Um dia morrerão e entrarão em decomposição, feito nós. O casal, ao descobrir a individualidade e a personalidade verídica do dia e da noite, não suportou o tranco da verdade acesa e se enforcou. Casal enforcado. Cadáver ao lado de cadáver sem os pés no chão. Os filhos pequenos entram no quarto engatinhando com as chupetas na boca e olham os pais pendurados, vazios de oxigênio de rosto roxo. Não sei dizer o que se passa na cabeça deles enquanto observam os pais mortos. Não sei se eles entendem o que está acontecendo. O raciocínio ainda é esfumaçado. Talvez eles tenham ficado ali por um tempo, achando que os pais estavam vivos. Sem receber nenhum sinal dos mortos, voltam ao corredor da casa e

voltam a brincar com os bonecos animados. Depois vão crescendo e percebendo que não têm pai nem mãe.

No futuro os dois fumam muito e não produzem charme com seus cigarros e fumaças. Tragam com muita força cigarros de filtro amarelo. Dão a impressão de estarem aflitos e por isso fumam. Jovens tristonhos fumando feio. Previsão de doença à vista. Seca no interior poroso. Previsão de hospedagem em hospital ou sepultamento precoce. Tudo consequência de um cheiro de charme que saiu de um cigarro e atraiu uma moça que se enforcou. Pobres dos pais e pobres dos filhos. E assim vai o mundo sendo pobre. O mundo mendigo de si mesmo pendurado em trapos. Mundo muco do fumante que sou enquanto a fumaça que solto de minha boca desenha o rosto de Búfala Abracadabra no ar.

coleccionadores

É um trambolho leve que carrego em minhas costas, a forma como se vive. É um jegue simpático de botas apertadas. Gasta-se muita energia pra manter a respiração. Esses episódios de minha novela privada têm me desgastado. Sou o que resta da borracha de sola de sapato antigo. Onde está minha amada? Meu amor impossível que saiu voando? Me encontro no quarto dos preocupados. Quarto trancado por chave engolida. Estou bem preocupado com quase quase tudo. Estou colecionando preocupações. Acho que é um novo hobby. Colecionar preocupação. Coleção de quem dorme com pescoço em guilhotina armada. Dromedário espantado que perdeu sua corcova. Continuo publicando erratas em minha gráfica neurológica. Os erros se repetem com volume próximo ao da maré que enche. Não sou autodidata, sou autoflagelador e considero desastrosa a pena que sinto por mim. Uma vergonha que não boto na cara. Deixo escondida na axila como quem leva uma pasta debaixo do braço. Mantenho minha vergonha encarcerada

no canil do meu sovaco. Aumento a coleção de preocupações colocadas, uma em cima da outra, na minha estante de coluna vertebral.

No mais cedo de hoje, na famosa hora de se olhar no espelho pela primeira vez depois de acordar, pra garantir que ainda há corpo em volta dessa alma, tomei um susto no gargalo. Era meu rosto aquele. Me reconheci e é o rosto que continuo usando agora. Porém havia uma diferença notável. Acordei com a preocupação na cara, literalmente. Escovei os dentes e tomei banho gelado. Me olhei mais uma vez e lá estava a preocupação, agarrada, tracejada em minha face melancólica. Preocupadamente, e com a preocupação mais importante e nova de minha coleção de preocupações, liguei pra Unga pedindo conselho e consolo. Ele contou que não faz muito tempo havia estado em outro país participando de uma conferência de artistas plásticos cirurgiões. Lá foi declarado pelos dedicados cientistas do planeta o panorama da pesquisa feita pra diagnosticar o caminho que seguem os traços de nossas feições ao longo da trajetória de nossas vidas. Um estudo perspicaz realizado no decorrer de quinze anos através de fotos entrevistas raios X e exames específicos detectou: como uma característica genética atual, de poucas gerações pra cá, os traços de nossos rostos se configuram de acordo com o que colecionamos. É uma espécie de transtorno co-

letivo consequente de compulsão aguda. Quando decidimos colecionar algo, nossa Glândula Veluda libera o que a ciência chama de líquido fotoencefálico, fazendo com que ossos e músculos faciais sejam influenciados diariamente pelo objeto ou coisa escolhida pra ser colecionada. Seria saudável, dependendo da coleção, que o viciado colecionador se afastasse um pouco de toda sua quinquilharia, trancando tudo num quarto escuro ou implorando para que alguém próximo venha logo recolher o material colecionado e que “tome cuidado para não ficar com a cara da minha coleção”. O colecionador mais prevenido pode encontrar na lista telefônica uns quatro ou cinco estabelecimentos que fazem esse serviço de busca e proteção pro bem de quem coleciona. Unga recomendou os Vigilantes de Coleção (24h) pra casos de emergência. Eles também oferecem uma pousada pras coleções no caso de alguém tirar férias e viajar por muito tempo. E no meu caso, que a coleção é abstrata?

Unga disse que muitos chegam a ter que se tratar e visitar frequentemente psiquiatras pra tomar remédios e se acalmar. São os colecionadores assíduos. Eles não só multiplicam suas coleções em escalas bestiais como são capazes de se dedicar a mais de vinte coleções ao mesmo tempo. Nesse caso o colecionador não fica mais só com o rosto parecido com o objeto ou coisa de sua coleção, mas as partes

do corpo também começam a se transformar. Pescoço, canela, virilhas e quadril vão se modificando. A pessoa passa a não ser reconhecida pelos mais íntimos e começa a vagar triste pelas ruas e guetos da cidade. Esses são os novos indigentes, emergentes da sarjeta. Piores são os casos raros de colecionadores que saltam tão além dos limites que passam por uma generalizada mutação, como talvez seja o meu caso. O maestro russo Kladunski Pinjovram agora é uma gravata, belíssima por sinal. A professora de álgebra italiana Fellipa Vitolera agora é uma caneta, como qualquer outra por sinal. Muitas vezes nos deparamos com objetos ou coisas na rua que achamos não ter história, enquanto aquilo já foi alguém, alguém que construiu família, viajou a trabalho e lutou pelos seus ideais. Aquela tampa de refrigerante que está discretamente fazendo o papel de lixo num canto da calçada, por exemplo, era o Picolé, mendigo conhecido só por esse apelido, que colecionava tampinhas de refrigerante. Antes da transformação, Picolé era visto de um lado pro outro revirando lixeiras atrás de uma tampinha. Qualquer tampinha de qualquer marca de qualquer produto de qualquer material em qualquer estado. Picolé tinha era um desejo insaciável por elas. Até hoje ninguém achou sua coleção. Os mendigos amigos têm medo de que, só de bater os olhos na coleção de Picolé, já virem uma tampinha. E eu, será que posso me transformar numa preocupação?

Coleções também podem mudar as pessoas pra melhor, lavando a alma e acrescentando bondade ao ser. Figueiredo Magalhães, vereador da cidade de São Paulo, era um exemplo de político calamitoso. O cafajeste era uma explícita catástrofe. Siso em boca de passarinho. Era o típico político nacional que roubava, ganhava, sorria, batia na filha, batia na mulher e era penetrado pela amante. Quando, por um acaso, os simpatizantes descobriram quem Figueiredo Magalhães realmente era, o ladrão colecionou desaforos. Todo santo dia Figueiredo era humilhado nas ruas, em casa ou em qualquer lugar. Numa pura coincidência, o desaforo mais colecionado pelo homem foi mané. E foi com cara de mané que Figueiredo ficou. Constante cara de mané. Imagina? Depois de muito tempo suportando sua cara de mané e tendo que se olhar no espelho com nojo, o mané mudou. Entrou para uma instituição e virou salvador de animais, conseguindo inclusive proibir a pesca de baleias no interior do Maranhão. Nesse caso há um outro fator interessante que deve ser comentado. A mutação aqui foi dupla. Uma foi a que os cientistas já haviam declarado: o colecionador tem a cara da coleção. A segunda mutação foi praticamente um milagre que Figueiredo fez ao pegar a abstrata palavra mané e dar cara a ela, assim como eu fiz com a preocupação!!! Hoje Figueiredo não tem mais cara de mané e é presidente da Associação Mundial de Colecio-

nadores, pois ele sabe que deve tudo à coleção de desaforos que ganhou no passado.

Figueiredo criou o Dia Mundial dos Colecionadores. Todo ano há um encontro nesse dia em alguma capital de algum país. Dos mais exóticos aos mais puros colecionadores, todos se encontram em praças para participar de debates e trocar informações e objetos ou coisas. O filho mais novo de Figueiredo coleciona datas comemorativas do calendário anual e tem cara de santo. Eu pretendo mostrar minha cara de preocupação para Figueiredo, atrás de uma solução, pois no momento me despreocupar é impossível.

conversa com séculos seguintes

Para você que está lendo este livro, um século ou mais depois de ele ter sido escrito, saiba que os fatos aqui citados são totalmente verídicos e tremeram os pilares da história da humanidade. Estando você aí, um século ou mais adiante, talvez não se assuste ou se impressione tanto, mas para nós que estamos vivos agora, no seu passado, tudo isso está nos afetando muito, de forma que os nervos incham e as canelas engordam, os dedos grudam uns nos outros e não se desvencilham mais, os olhos passam a piscar alternadamente, olho esquerdo olho direito, olho esquerdo olho direito, e os umbigos se contraem e doem após o desjejum. Forças magnéticas descontroladas deixam nossos fios de cabelo constantemente eriçados. Somos como porco-espinho que não espeta. As mudanças climáticas têm nos causado esse tipo de reação. Cada vez mais o mundo muda, logo o clima muda, logo todos nós mudamos. Fico tentando imaginar como serão vocês que estão séculos à frente. No tempo em que vivo, o sol nasce cada vez mais quente e atordoado.

Uma ponta dele no horizonte para que nosso corpo todo se esparrame em suor. Nesses dias que estamos vivendo sofremos de calor e desidratação. A força de todo esse calor que nos aflige contrasta com as paisagens esplêndidas formadas pelos jogos de reflexos e luz que vem do sol. Em feriados e fins de semana é comum observar famílias e grupos de amigos reunidos em parques e praias contemplando as mais fascinantes paisagens que a natureza já ofereceu. É quase irônico pensar que essa força visual possa ser uma premissa de fim do mundo e que é por causa disso tudo que as pessoas que assistem ao espetáculo estão cobertas de queimaduras de todos os graus. Será que o mundo e esse texto conseguem resistir até os séculos seguintes?

Um dado importante de citar neste relato é a ausência do analfabetismo e da fome em nosso tempo remoto. Todos sabem ler e aprendem o ofício quando crianças. O índice de analfabetismo é zero, zero por cento. Todos sabem ler, e bem. Foi um educador filósofo poeta padre surfista e motorista de táxi quem criou a fórmula da “Rápida e ultradivertida alfabetização”. O mestre, nomeado por sua dedicada mãe Própolis Gargarejo, reuniu todo o seu conhecimento adquirido durante os cansativos e batalhados anos de estudo e pesquisa e mesclou tudo com a culinária. Daí criou diversas receitas de sopas com letrinhas. A ideia consiste em tornar cada refeição uma aula. As embalagens,

distribuídas pelo governo para toda a população, são numeradas e separadas por matérias. O sistema é prático e cronológico, pra que o povo não se confunda. Ferve-se a sopa em panela comum, meio tampada, servindo-se em prato fundo pra que não aconteça o transbordamento do condimento, não havendo assim o desperdício e o analfabetismo. O próximo passo é tomar a sopa, com calma, como se nada estivesse acontecendo. Não é permitida a conversa durante as refeições didáticas. As letrinhas de macarrão da sopa, que estarão chegando ao interior do organismo, sendo digeridas e na sequência rodando as engrenagens do saber e adicionando informação ao cérebro, podem se confundir caso as pessoas presentes na mesa emitam sílabas ou intenções. Quem burla esse aviso pode chegar a falar duas palavras em uma, o que torna a pessoa praticamente inacessível, incomunicável e altamente depressiva e gagá. Os mais inteligentes aqui no século XXI são aqueles que se dedicam exclusivamente a tomar as sopas didáticas, atitude não recomendada pelo governo e pelos pedagogos. Existe a intenção, nas sopas didáticas, de democratizar a inteligência. As porções são calculadas para serem produzidas e ingeridas com rigor e disciplina, afim de que todos usufruam um intelecto aproximado. Aqueles que tomam a sopa em excesso podem reverter o aprendizado em danos irreversíveis. O governo faz campanha para que

haja cautela no uso das sopas didáticas expondo nas ruas, em cartazes, a foto de uma jovem mulher que, depois de entornar quinze sopas com conteúdo pré-socrático, de uma vez só, entrou num coma profundo e dele ainda não saiu. De certa forma prova-se hoje em dia que informação em larga escala pode fazer mal ou ser um bem perigoso para a saúde. Recomenda-se aprender com cautela e atenção.

Para você que está lendo este texto, um século ou mais depois de ele ter sido escrito, saiba que estranhos acontecimentos rondam, hoje, nossas vidas. Há no mundo de hoje, em seu passado, o que chamamos de fenômeno pop. Multidões milhões de pessoas aplaudem se esgoelam e se apaixonam pela mesma pessoa. Essa pessoa, devido a tanto assédio, ganha muito dinheiro e se não tiver uma estrutura interna bem consolidada, pois a privacidade é extorquida de sua vida, é capaz de não aguentar os holofotes que a cercam e desmaiar em público. Há poucos dias dois astros, fenômenos pop, decidiram ser um só. Um deles se chama Maradona.

Maradona é um fenômeno pop do futebol. Ele é argentino e já se aposentou porque está velho pra jogar. Ele, como expliquei sobre os fenômenos, ficou muito rico e não aguentou os holofotes. Desmaiou em público e continua dando vexames. O rico coitado se viciou em drogas

e engordou quilos, vive hospedado em clínicas de ricos, coitados, mas jogou futebol como ninguém e fez alguns dos mais belos gols do passado do caro leitor. O outro astro se chama Madonna.

Madonna é uma mulher que arriscou, superou limites e desmistificou tabus com sua música. Madonna é uma linda e talentosa cantora que há anos viaja o mundo se apresentando em palcos enormes e muito iluminados. Madonna não desmaiou em público, tampouco tropeçou. Ela mostrou o corpo dançou transou dentro de igrejas beijou homens e mulheres e agora lança livros infantis.

Madonna e Maradona decidiram ser um só. O que é estranho? É que eles contrataram o melhor cirurgião plástico da atualidade, meu amigo Unga, um verdadeiro artista cirurgião plástico, e mandaram que costurasse um ao outro, dos pés à cabeça, o lado esquerdo de um no lado direito do outro. Marcaram uma coletiva, porque fenômenos pop se acostumaram a dar satisfações à imprensa, e apareceram assim, costurados grudados um no outro. Disseram ainda que eram um só e se chamavam Madoranna. O novo ser casal, por ser muito famoso, foi batizado e abençoado pelo papa e houve uma grande festa vip com diversos fenômenos pop de todas as linhagens. O papa é um homem que as pessoas dizem ser especialmente abençoado. Ele se veste bem e viaja o mundo todo abençoando as pessoas e tentan-

do fazer milagres. Eu sinceramente não tenho certeza se existirá um papa em seu tempo.

Nos dias em que estamos vivendo, existem animais que aprenderam a falar, não se sabe como. Será que tomaram alguma sopa? De qualquer forma, aprenderam a falar e mudaram nossos hábitos sociais. Fomos obrigados a tratá-los de igual para igual, já que agora eles conseguiram comunicar suas reivindicações com fonemas inteligíveis. Os cachorros domésticos declararam independência e pediram pra que as portas fossem abertas. Grande parte dos donos abriu as portas mas fechou em seguida. As ruas estão infestadas de cães. Muitos deles se arrependeram depois de entrar em contato com as ruas e pediram aos donos acolhimento. Os donos, decepcionados, não aceitaram o retorno. Uma grande confusão se alastrou pelo mundo. Cachorros vingativos esperam os ex-donos do lado de fora das casas. Passeatas noturnas de milhares de cães latindo alto perturbam nosso sono leve. Os passarinhos, notando a dificuldade dos cachorros de morar nas ruas, se tornaram escravos obedientes de seus donos por conta própria. Se tornaram espécies de vitrolas. Aprendem a cantar as músicas preferidas dos donos pra poder agradá-los. Se sentem mais seguros em suas gaiolas, onde recebem comida gratuita e não são atacados por possíveis animais perigosos que, com inveja, procuram um abrigo, um dono. Ou seja, querido ouvinte

de séculos seguintes, vivemos um caos atual totalmente renovado. Animais falam e querem se tornar escravos pois se sentem mais seguros assim. Outros se revoltam e vivem nas ruas nos ameaçando diariamente. Pessoas e animais estão se apaixonando, buscando formas de gerar um ser produto de sexo cruzamento. O próprio Unga, precursor das transformações, já está pesquisando formas de tornar esse sonho possível. Pessoas adoecem na corrida da inteligência. Os mais ignorantes, querendo ficar inteligentes mais rapidamente, acabam em hospitais. Fenômenos pop se unem costurando um corpo ao outro, buscando mais sucesso. Megaempreendimentos e hiperconfusão de raças indisciplinadas se misturam nessa época.

Nesses dias de hoje estou me afogando em minha própria banheira. Estou roendo os meus próprios pulsos. Estou inalando meus próprios venenos. Estou me matando e não estou morrendo. Pra vocês do futuro, caso o tempo consiga chegar aí, a história daqui é triste. As pessoas sofrem e não se respeitam. Não respeitam a si mesmas. Acho que aqui não há vontade de viver, só há necessidade. O nascimento gera essa necessidade. Talvez este livro não chegue aí no futuro pois talvez não exista mais a possibilidade de parir uma alma viva. Talvez as últimas gerações estejam por vir, em pouco tempo. Talvez não. Eu ainda tenho vontade de ver vida, mesmo sendo parte

do desastre, acreditando que seja real a calma que um dia senti. Massagem óssea. Muco no sangue. Músculos descontraídos. Vista boiando em horizonte de superfície oceânica. Paz na sombra.

água-viva

Pronto!!! Agora eu já fiz quase toda minha parte no mundo. Nasci, fui obrigado a querer viver, cresci até aqui, me apaixonei, escrevi pras futuras gerações querendo o bem de todos, criei com a maior paciência um pinguim medroso dentro de mim, conheci pessoas invisíveis, divaguei sozinho em meus desertos e me aventurei pulando em gangorras. Mas pra poder berrar socando o peito como King Kong só me falta um último ato grandioso. O maior de todos. O divino. Me falta ter um filho ou uma filha de carne e osso. Uma família. Expelir um organismo novo em folha. Brincar de deus. Fragmentar-me em outro. Mas como, se sumiu a única candidata a mãe? Ela nem sequer parecia ter capacidade pra participar de uma produção de tamanha responsabilidade...

Estou triste. Muito triste!!!! Desolado cabisbaixo, vagando por ruas repletas de animais falantes independentes. Antes animais domésticos presidiários e agora animais livres e revoltos, prontos para o ataque. Será que a Búfala,

enquanto cadela, quando me atacou, era um desses? Um desses bichos no começo do movimento radical malsucedido? E que diferença faz, já que ela sumiu do mapa? Estamos recebendo constantes ameaças de morte vindas desses animais famintos e eu ainda não tenho um filho. Talvez seja melhor eu engravidar o primeiro objeto na minha frente, para no caso de meu assassinato deixar minha reimpressão no terreno. Minha intervenção. Eu deveria telefonar pra Carne Bau e pedir ajuda. Contratá-lo como segurança. Me prevenir. A essa altura ele deve estar destrambelhado. Deve estar perdido em algum lugar mastigando todo cachorro falante que vê passar pelos olhos e pelo faro. Aquele canibal não falha. Meu canibal predileto!!!!

No rabo do campo da minha visão eu reconheço algo na boca de um cão sarnento nojento. Centro a vista no pentelho e passa uma alma penada em minhas costas. Minha espinha treme e minhas pernas bambam. O que é aquilo na boca do distúrbio? Parece carne desfiada. Camiseta esfacelada. Fatias de algo. Já sei!!! É a Búfala!!!! É ela!!! Ou o que restou dela. Começo a lacrimejar inteiro. Reúno forças pra abater o bicho. Reúno esperança pra ressuscitar a deusa. Acertei a pança do cachorro, que morreu na hora. Com dor no coração acelerado reuni os restos da amada. Corri pra casa de Unga, que já havia trabalhado naquele corpo e era amigo de confiança. Unga brilhou.

Reconstituiu toda a mulher. Dessa vez ignorou os ídolos de Búfala e nada siliclonou. Refez o corpo com restos de carne osso pele que continha armazenados em seu frigorífico. O corpo estava pronto. Só faltava dar vida. Dar corda na boneca louca.

Maldito carma que reconheço e assumo. Tasquei-lhe um beijo pegajoso concentrando toda a vontade de lambê-la inteira no oco de nossas bocas. Surgiu um tornado miniatura no oco cheio de vontade que mergulhou garganta abaixo até o coração da Búfala. O coração foi massageado pelas tempestades que o pequeno tornado causou. O sangue começou a circular e os pulmões respiraram. Ela parecia um neném recém-saído da água materna. Alguém que ainda não havia respirado. E pronto!!! Viva estava a mãe. Ela e eu nos olhamos apaixonados novamente. Unga também emocionado. Três abraços em um. Ela disse que não se importa mais com a minha dose idosa. Que minhas rugas e minha cara de preocupação não afetarão nosso futuro promissor e que devemos logo ter filhos pra dar a reviravolta nesse caso complexo que começamos a tolher. Nada podia me deixar mais feliz que a Búfala me querendo assim. Cheguei a desconfiar rapidamente dela. Nunca a vi usando de tanta inteligência. Ela estava raciocinando!!!! Finalmente!!!! Preciso morrer e renascer pra conseguir pensar e sentir as coisas. E valeu. Desdesconfiei depressa e

confeiei tudo na criatura revitalizada. Aleluia, irmã!!! Apesar das dificuldades, logo logo veio o barrigão. Minha querida passou parte da gravidez se sentindo bem, tranquila. Volta e meia reclamava que seus lábios rachavam. Os médicos diziam que fazia parte do processo. Depois, com sete meses de barriga, passou a reclamar muito do oxigênio que respirava. Dizia que o ar estava rarefeito, que os lábios rachavam e que doíam os órgãos ao urinar. Comecei a me assustar. Minha Búfala estava sofrendo. Será que era meu gene idoso que com força precária açoitava o pequeno em formação lá dentro?

Nasceu!!! Nasceu a pequena. Da caverna de sua mãe veio a bela. Nasceu seca. Meio sem pele. De olhos abertos, perdidos e secos. De couro cabeludo rachado como se não chovesse há muito tempo. Por isso os primeiros fios de cabelo não cresciam. Não havia irrigação. A pequena, que batizamos de Magali, era de corpo todo nu e rachado. Um verdadeiro sertão de dar dó. Chorava e não lacrimejava dejetava mucos substâncias viscosas mas não líquidas. Quem chorava era a mãe e eu, de desespero. Chorávamos de ver a filha, aquela coisa recém-nascida, pequena, quebrável, seca e impermeável. Mergulhando-a num balde de água até a borda, o corpo, após retirado do recipiente, não absorvia nada. Apenas umedecia um pouco na primeira camada de pele. Então começava a rachar, ganhando um tom ama-

relado. Magali vivia envolta em panos úmidos e suas veias sempre estavam ligadas a agulhas que traziam os líquidos dos saquinhos de soro. O leite materno durou pouco tempo. Magali sugou os fartos seios maternos até torná-los dois pequenos caroços, fontes secas em músculos doloridos e inutilizáveis. A mãe, gelada, suava as gotas que não via na filha. Com o tempo notou-se que Magali estava começando a descascar. Era como se há poucos dias tivesse tomado um leve banho de sol e agora a pele tentasse se renovar. A pele que saía era muito fina e transparente. Ninguém pensou ser um processo de recomposição. Todos sabiam: Magali, minha filha, estava sumindo se desintegrando secando até sumir. Ela estava morrendo. Com pouco mais de um mês de idade ela aparentava outro ser. Estava atrofiada encolhida. Era uma espécie de recém-nascida senhora raquítica à beira da morte, ou lembrava um desses gatos magrelos sem pele que se vê atropelado na beira da estrada. A mãe Búfala já olhava com nojo asco e não queria nem encostar nela. Apenas se lamentava em todo o decorrer do dia. Era acariciada acobertada abraçada. Foram feitas rezas para ela e para a pequena. Uma reza surtiu efeito, dando fim ao nosso atordoamento. Num dia comum, sofrido como os demais, Magali começou a se esfarelar. Ela estava virando poeira pó nada. Eu horrorizado tentei pegar minha filha no colo pra socorrê-la. Com o susto levei um choque!! Choque elé-

trico mesmo, de tremelicar o esqueleto. Choque de tomada doida. Interruptor desarranjado. Magali se esfarelou mais e começou a se diluir na poeira que pairava no ambiente. Eu, chocado, não enxergava mais com precisão. Minha primeira filha estava em curto-circuito, dando choques, e os que estavam em volta olhando comprovaram ao encostar nela que já quase não era nada. Magali esfarelou-se até o fim. Não deixou nenhum resquício de corpo, sem contar com a farinha de farelos no lençol do berço e, para nossa surpresa, um inusitado e saudável coração. Uma água-viva. Seu coração era uma água-viva, pulsando com vivacidade, dessas do mar, que te queimam no raso do mar. E foi essa a única foto dos primeiros dias de minha filha Magali no álbum da família detonada: uma água-viva, o coração desta história.

E não pensem que desistimos da pequena, não. A água-viva estava viva, dando choques de alta voltagem. Ela era minha pequena Magali, gritando que estava viva e queria viver. Eu, que pra nascer demorei treze partos, acreditei ser minha filha mais forte do que eu. Unga pensaria numa solução. Projetaria uma carcaça brilhante pra levar adiante nosso milagre. Essa era minha filha!!!! Magali coração de água-viva. Única. Somente ela. Meu maior orgulho. Minha criação em parceria com a lindíssima Abracadabra. Compramos um suntuoso aquário pra alojar nossa filha. Com o tempo fomos adicionando aparatos para o divertimento da

coisa miúda. Algas marinhas, corais vivos, variados peixes, cavalos-marinhos, tartarugas e outros. Reproduzimos um verdadeiro miniecosistema aquático pra nossa água-viva passar sua infância em paz, esperando pelo projeto revolucionário de Unga, que daria corpo ao coração elétrico. No mais, estou me preparando para extrair meu pinguim de dentro de mim, para que Magali fique na melhor companhia possível. Todo pai ou mãe que aloja um pinguim em seu interior deve fazer a transfusão do animal gelado pro filhote. Assim manda a natureza. Caso contrário morre o pinguim. É certo que o monstro aparecerá e que os pais passarão o resto da vida monitorando alguns passos. Mas esse risco é inevitável. Esse risco deve ser riscado.

abcedário pra magali

Magali amada. Te observo em seu berço de aquário de água doce, pulsando luzes como uma anêmona de profundidade oceânica. Você parece mais um bicho raro, se é que não é. Gosto de electrocutar meus lábios quando te beijo. Estremecer as gengivas e colocar no lugar os sisos. Gosto de sua transparência gelatinosa. Da forma como você flutua na água como se deitasse no ar. Da sua transparência que é furta-cor e de acordo com os raios que te penetram muda de tom. Você conversa através das tonalidades e movimentos uniformes do seu corpo mole. Puxou o corpo do pai... E será sempre o resultado perfeito da reunião entre sua mãe e eu. Uma dádiva do nosso paraíso confuso. Um sentido certo pra se manter vivo.

Te observando assim, me deliciando, estou percebendo sua ininterrupta e irreversível presença. Você está sugando o mundo? Chupando todo ele pra dentro de você? Pois já entendi que você é água demais. Entendi que estando ao ar livre, faz secar o que está em volta. Não chore e não, não se

arrependa do que é. A sua vitalidade é tamanha que ao se chocar com o mundo necessita de isolamento líquido pra que todo esse mesquinho entorno sólido não se despedace e se esfarele diante de sua presença. Aqui de fora da água somos formados por uma estrutura composta essencialmente de água. Porém sofremos os danos eternos de sermos escravos do sólido duro que nos faz doer. Você, minha criança, é só água-viva. Poderá assim desperceber as tristezas que um corpo forma. Não se preocupe. Direi a Unga que não projete um corpo humano pra você. Que não projete corpo nenhum pois você já tem sua forma personalizada. Não te aprisionarei em nenhuma carcaça de esqueleto. Gaiola de passarinho. Solitária de presídio precário.

Vou te deixar liberta. Sutil aquática. Singela doce elétrica. Filha me ensinando mundo. Me mostrando a pulsação de carga elétrica pelos canais fluviais que transpassam e se trançam pela gelatina de água-viva que te define. Parece que tudo se move a partir de seus estímulos vibrantes que reverberam cintilantes daí pra fora. Será que é você o motor da fábrica universo? Ou será o combustível? Ou será mais discreta, apenas o estímulo vital de seu pai e de sua mãe? Tanto faz. Você está aqui e tudo se torna real. Não há truque no lugar onde dorme e acorda o afeto. Você é antídoto e deve ser tragada. O resto é hostil e treme na perturbação. Quando não se é só de água a vida se impõe covardemente e violenta a quem está

na frente. As ventanias, que assolam e desabam cidades ou que trazem brisa e balançam cabelos, são fruto do movimento maçante das asas poderosas que batem a vida sólida.

O seu nascimento, Magali, a sua aparição, é o que nos comove diante da tragédia que somos. Não há salvação no que digo. Há apenas calma. Tempo pra respirar e largar umas lágrimas boas. Chorar de felicidade. Há quanto tempo isso não acontecia comigo... Chorar de felicidade. Minha Búfala pariu um milagre que não é santo. É marinho. Aqui deixo pra você uma delicada dedicatória em forma de ABCEDÁRIO. Pra que nossa existência seja mútua e nossas tripas amarradas:

A: Nunca faz mal usar o verbo amar. O necessário aqui é não decorá-lo. Aprenda seus tipos e sons. Somente não decore, pra que seus tempos deem voltas e tracem caminhos disformes e inexplicáveis.

B: É bom perceber que o próprio corpo, independente da matéria de que é constituído, está envolto de tudo o que existe. Esse tudo está em volta de cada corpo, aquecendo a capacidade de se fazer presente. Tudo é como uma roupa que se veste ao chegar ao mundo.

C: Experimente o gosto de lágrima.

D: Recomendo pensar menos e sentir mais. Pensar traz um prazer delicioso e específico, mas pode ser chato e vagaroso. Pode ser desperdício de um tempo inventado pelo próprio pensar. Sentir é bem diferente. É muito mais perigoso. É inevitável e à flor da pele e da alma. Que tudo perca sentido na perda de uma paixão: apaixonar-se.

E: O peso está no céu e a leveza está no chão. O contrário também faz sentido.

F: Há um animal chamado caramujo. Ele carrega sua casa nas costas.

G: Dizem que existe apenas um sol em todo universo mas eu não acredito. Acho bem capaz que existam outros sóis inconcebíveis por nossa espécie que só é pechinha. Daí vem a preguiça, que também é muito boa de se conhecer. São escolhas que se tomaram em outras eras. Deleite da preguiça ou descobrimento de um segundo sol? Eu recomendo a preguiça.

H: Felicidade quer dizer o que sinto quando lembro que minha filha respira debaixo da água.

I: Não se assuste com o tamanho nem do silêncio nem do barulho. Eles são assim, gigantes. Aproveitar o que

cada um deles oferece é saudável. Tanto um quanto outro pode te mostrar por dentro.

J: Perceba as temperaturas daqueles que te tocam. Elas costumam ser peculiares e aconchegantes.

K, W e Y: São letras que existem mas não fazem parte deste ABCEDÁRIO.

L: Quem sabe se somos resultado dos olhares que nos cercam? Ou será que nosso próprio olhar quando se vê num reflexo de espelho também nos faz? Os dois e mais...

M: Existe clorofila nas plantas que se alimentam de luz. Daí vem a fotossíntese.

N: Coisas não existem. Aquelas que já existem ou passam a existir são automaticamente colocadas de lado e desconsideradas. Já as coisas que não existem sustentam todo o futuro que chega à tona.

O: O nosso sangue é vermelho.

P: A cor da nossa pele é variada. Questão de pigmento.

Q: Se alimentar de frutas é um prazer indecifrável. É possível fazer suco das frutas existentes. Beber suco de frutas existentes também é um prazer indecifrável, porém diferente do prazer de comê-las, apesar de serem prazeres próximos. É sempre instigante entrar em contato com diferentes texturas, como é o caso de comer as frutas ou tomar o suco delas.

R: Quando uma mãe pare sua cria, ela está provando que é dona do mundo. No caso dos cavalos-marinhos, parece que o macho é o dono do mundo.

S: Os raios que caem do céu e suas respectivas trovoadas podem ser considerados meros acasos se assim você quiser. Mas também podem ser fios de cabelos dourados ou veias ocultas do globo ocular que é o planeta.

T: Música é som vibrando até acariciar o seu âmago.

U: Acompanhar o caminho que segue a fila de formigas é participar de um verdadeiro movimento coletivo.

V: Viver é uma experiência de morte. Quando se nasce começa-se a morrer. É só por isso que não se deve temer qualquer fim.

X: Preenchido um copo inteiro com as lágrimas de uma mesma chorada, beba de volta.

Z: Eu te amo de um jeito que não concebia ser possível. Agora só me resta participar do mundo acontecendo ao seu lado.

folclore pra ninar água-viva

Estou sentado numa cadeira ao lado do aquário onde Magali vive. Já é tarde e está na hora de criança dormir. Aqui de fora é possível perceber uma leve sonolência envolvendo a pequena água-viva, que cada vez se move menos e começa a pulsar brilhos de tom mais noturno e menos vibrante, sinalizando o cansaço e o tempo de repor as energias. Tenho escrito histórias pra que minha filha embarque toda noite num sono profundo e repleto de sonhos entorpecidos pelo imaginário da noite que se desdobra na surdez do aquário. Estou sentado numa cadeira ao lado do aquário e começo a experimentar uma nova narrativa pra meu tesouro, que escuta atentamente antes de decolar em sua própria viagem submarina:

“Era uma vez uma família muito feliz que morava num lugar muito distante e que se amava com corações grandões do tamanho de uma melancia. O sangue da família era suco de melancia. Eram apenas três. O pai se

chamava Zo, a mãe se chamava ZÁ e o filhinho se chamava Zi. Nesse lugar distante onde poucas pessoas moravam e se conheciam, ninguém acreditava em lendas e histórias inventadas. Eles achavam que uma história inventada era uma mentira e por isso não deveria ser contada e nem sequer inventada. Só as histórias verdadeiras deveriam ser faladas e trocadas com devido respeito e riqueza de detalhes pra que a realidade estivesse sempre periclitante e sagaz em sua missão de manter a ordem e não deixar que a imaginação perturbasse o ouvido das pessoas com acontecimentos que nem existir existiram. Zi, um garoto esperto e inquietante, não entendia. Zi não gostava da ideia de não poder inverter as coisas e passava noites inteiras escrevendo novas histórias, originalíssimas, em sua memória que não deixava a desejar a pergaminhos gorduchos. O garoto, um verdadeiro traquina, não esquecia um detalhe do que na noite anterior havia bolado em sua cabecinha fértil. Vivia costurando novas histórias em antigas histórias ou mudando começo meio e fim de uma outra história simplesmente pela diversão de se sentir transformador. Zi havia inventado a história do Papai Noel. Papai Noel era um homem obeso que não conseguia se cuidar e fazer regime pra melhorar sua saúde. Já estava gordo a ponto de ter diabetes. Mas mesmo ele sendo assim, um descuidado, era um homem muito feliz e bondoso. Um exímio doador de

alegria. Curador de alergia. Dedicava todo seu tempo a comer e construir presentes pra todas as crianças do mundo, menos aquelas muito pobres, cujos pais não tinham dinheiro pra comprar as encomendas. Papai Noel entregava os presentes pessoalmente. Era um ser onipresente que sempre chegava num trenó voador levado por veados voadores. Então ele estacionava o trenó no telhado das casas e descia pela chaminé se entalando todo. Só depois de entregar todas as encomendas é que ele voltava pra sua casa longínqua. O homem velho e gordo de barba branca morava num iglu abaixo de zero e tinha paixão pela pesca proibida de baleias e focas.”

Outra história de Zi era sobre um coelho de dimensões humanas e que andava em pé. Era o coelho da Páscoa, que na verdade havia sido registrado no cartório como Rogério Mesmo. Rogério Mesmo tinha distúrbios psiquiátricos de constância planejada. Uma vez por ano, no mesmo dia do mesmo mês, sem que ninguém o visse, dedicava-se a esconder ovos de chocolate pelas residências de todo cidadão. Zi inventou que Rogério, quando criança, havia sido sufocado por amiguinhos da escola com barras colossais de chocolate empurradas garganta adentro goela abaixo. E foi dessa infância que veio o trauma que somente se tornava possível aplacar com a distribuição do mesmo

produto açucarado, que pro resto de sua vida roeu com seus afiados dentes de coelho.

Zi inventou também as sofridas fadas madrinhas. As fadas nasciam num universo paralelo governado por uma poderosa organização não-governamental que traficava dentes de leite no câmbio negro, pois os poderosíssimos donos do governo não-governamental careciam de dentes de leite e eram os únicos a experimentar a dor de uma boca repleta de outros dentes. Os donos do mundo viviam de gengiva inchada e mais pareciam monstros ao abrir o falante. Por isso se dedicavam fervorosamente ao rapto dos raros, magníficos e preciosos dentes de leite. As fadas madrinhas, por questões histórico-culturais, eram as responsáveis pelo câmbio negro onde se intermediava a transação secreta com objetivo de adquirir o maior número de dentes puros. O governo não-governamental liberava uma escassa verba pras fadas madrinhas. Dessa verba, uma parte era destinada ao salário das próprias fadas e outra parte, bem minguada, às recentes crianças banguelas. O governo não-governamental passava a fazer uma campanha nas ruas apelando pra que as crianças colocassem seus dentes de leite que haviam caído debaixo do travesseiro. Ao amanhecer, no lugar do dentinho de nata, estaria ali uma quantia de dinheirinho, sem que os pais do caolho bucal soubessem do acontecido na noite anterior. Alguns opo-

sicionistas ao governo não-governamental diziam que era tudo uma farsa e que os dentes eram levados a uma caverna onde morava um dragão. Lá, os dentes eram trocados com os dragões por cuspes de fogo. Lança-chamas abrasador. Sauna trancada. Desesperado ateando fogo ao próprio corpo. A chama que saía da boca daquela fera cavernosa transformava pedra em ouro como um toque de mágica. Mas ainda não se sabe qual é a verdade sobre o rumo dos dentes de leite. Algumas fadas acabaram se corrompendo. Receberam propina pra não trocar os dentes, deixando crianças em precoce depressão, e assim acumularam bens e viveram em condomínios de luxo.

Zi não vai parar nunca de escrever. Ele sabe que não pode viver se não for um inventor, um criador. E que ele morra por isso. Que matem ele ou confinem ele numa sala sem papéis. Enquanto puder, ele escreverá. Zi tem certeza de que quando ele inventa uma história ele está fazendo com que ela seja real. Ele está parindo existências. Não há pulso mais forte do que esse. Estalo de lâmpada ao chegar ideia. Arranha-céu chamuscado pelo raio que estronda.

Zi cresce e não para com suas infinitas histórias. Ele decide dar uma volta ao mundo num veleiro, a fim de ficar em paz consigo e com as palavras. Num meio de mar oceânico, um canto o seduz como nenhum músico o fez antes. Era um encanto que o chamava de forma hipnótica.

Ele mergulha no mar e nada até o fundo prendendo reservas de ar em seus pulmões cheios. Mergulha profundo e se acomoda num coral convidativo. O silêncio submarino o faz esquecer que precisa de ar. Zi mantém-se contemplando o fundo do mar até visualizar uma coisa que se chama sereia. Era uma sereia de verdade, com uma cauda escamosa que penetra no suco do coração como se fosse canto hipnótico. E não era algo de sua invenção ou imaginário. Ele havia encontrado uma sereia. E nunca mais voltou de lá. Ele havia se apaixonado.

Fecho meu caderno de histórias pra Magali. Olho pra ela e vejo um anjo, um pedaço de vida suspirando perfume, dormindo submerso na calmaria líquida daquele aquário casa, lar que borbulha oxigênio. Estar diante desse momento explica tudo e perdoa o passado por ter passado assim sem pedir licença. Está tudo sob controle. Minha filha dorme bem. Discreto degradê ocupando meu coração completo de dias nascendo. Plenitude contida em fogo de artifício que se espalha na imensidão que se projeta na flor do corpo. Perfeição desenhada pelo coletivo de pássaros que coreografam no céu.

monstro mundo

Estamos no futuro. Magali agora tem vinte e cinco anos e é uma pessoa independente, que ocupa seus próprios espaços com desenvoltura fervorosa e postura de mulher madura. É uma batalhadora. Fruta pronta pra ser comida. Casada com uma anêmona cem por cento invertebrada, elas são homossexuais e apaixonadas com muito afinco, moram num grande aquário residencial de largas escalas e fauna marinha de dar inveja. Verdadeira amazona submersa. Aurora boreal liquidificada. Com elas moram outras espécies marinhas. Alguns são amigos de infância. Corais de diversas cores e texturas. Esponjas magníficas. Cações carinhosos, esses amigos antigos. Uma tartaruga que gosta muito de mim e é muito tímida. Um casal feliz e descontraído de peixes-palhaço e uma moreia desconfiada e mal-humorada que na verdade é apaixonada por todos ali dentro e sempre está tomando conta do aquário e deixando tudo em ordem. Esse aquário foram elas mesmas, minha filha e minha nora, que compraram, com

o dinheiro do próprio esforço. Magali pediu pra mim que explorássemos os visitantes, cobrando um ingresso digno de ser pago, a fim de sustentar os filhos que já havia tido, meus netos amados. Eram oito. Bugli, Cintra, Carmen, Putz, Marina, Dopi, Cloro e Xispa. Todos estereótipos inovadores de uma beleza que vinha da miscigenação entre espécie água-viva e espécie anêmona sem ossos. São todos raros, únicos e diferentes. Seres iluminados. Foi assim que elas reuniram verba pra comprar seu próprio aquário-residência. E é nesse aquário-residência que com muito trabalho sustentam a si mesmos, expondo suas espécies e crias excêntricas a cidadãos locais e turistas de todo mundo. Somos uma família feliz. Todos já cresceram e tomaram seus rumos. Continuamos nos vendo e nos amando como uma família comum pode se amar. Uma vez por ano viajamos a um novo litoral continental pra praticar mergulho esportivo. Esses costumam ser dos raros momentos em que toda a família está reunida no mesmo ambiente.

A transferência do meu pinguim pra Magali foi muito bem-sucedida. Aconteceu em seu terceiro ano de vida. Eu já tinha passado pela cirurgia de extração do animal gelado e sensível. Ele vivia desde então no aquário lá de casa, ganhando intimidade com minha água-viva. Após esses três anos aconteceu o natural à tona. Magali, enquanto dormia, se aproximou do pinguim desnudo desarmado pa-

ralizado e distraidamente vulnerável por não estar vivendo em seu habitat natural, que é o interior de algo vivo que se possa fazer lacrimejar, como eu. Magali se aproximou num nado fluente meio onírico meio vigília tudo quase inconsciência e envolveu com seu corpo mole o pinguim, que acordou de seu estado pré-autista num susto cômico já acobertado e amaciado pelo conforto da geleia de água-viva em volta. A eletricidade de minha filha apenas acariciou o pinguim. Devido a seu corpo gélido, os choques energéticos apenas massageavam o animal indefeso e dono de toda sensibilidade que se passa de pai pra filho. Ali aconteceu a mitose. Pinguim sendo envolto por água-viva, até que sumisse e passasse a ser parte afetiva física de minha eterna Magali.

Como já disse antes, pra todo pinguim há um monstro medonho desgraçado faminto fedido e peçonhento venenoso querendo deglutir a espécie frágil. São monstros carentes, na verdade. São pobres coitados. Infelizes agressivos. Seres excluídos renegados invisíveis. São eles os mendigos. Os que não têm família. São monstros mundo. E são eles, infelizmente, que percorrem milhas metros matagais léguas e montanhas farejando trilhas e captando frequências de satélites crus atrás das tripas de nossos filhos que ingerem pinguins. E não são os filhos que eles desejam. São os pinguins. Aqueles que grudam

toda a emoção e o choro essencial que oferecemos à nossa cria. O monstro quer o choro. O monstro quer chorar de felicidade. O monstro é o mundo. Mundo que inveja o que sobrou de paz e de possibilidade de afeto. Mundo monstro que foi cuspidado pela explosão inicial do universo e cresceu como um filho comportado, que ao chegar à juventude perde o discernimento e se encontra deformado no espelho em que anda, quebrando vidro e cortando pé. Andando em brasa chamuscando torrada.

Agora Magali está crescida e casada e realizada. Mesmo sabendo que ele, o monstro mundo, está à espreita. Está em algum labirinto onde erra entradas mas não desiste de seguir o cheiro de vida perfumada exalando alma pra fora. Magali é forte e atenta. Porém não perde seu tempo estancada na vertigem paralítica de, como uma estátua, esperar que alguém a agrida ou intervenha de forma promíscua dilacerando tranquilidade. Minha filha sabe que estou por perto e que já embalei o mesmo pinguim. Ela sabe que já estive bem perto do monstro e que ele é belo e não feio. Ele é belo e amedrontador. Ele é encantador como a sereia de Zi. Mas a sereia de Zi nada ao lado dos pinguins. Vive em comunhão. O monstro mundo, quando aparece e mostra a cara, te arrebatava inteiro com a calibragem grossa e infalível de seu olhar que encanta e aterroriza ao esclarecer suas intenções. Ele te olha mirando no que

não há de físico em você, esclarecendo que te conhece como ninguém, e em silêncio, sem tentar convencer, ele te chupa.

O perigo é esse. Quando assim acontece você tende a se entregar. A entrega nesse caso é uma queda. O poço é fundo e o mergulho é seco. Quebra de costela e coluna cervical no impacto concreto da pedra do fundo do poço. A boca bate no lodo. A tristeza se espalha que nem um vírus veloz em sua sabedoria mínima. Só há uma forma de evitar a morte ou a decadência viril em caso de se estar frente a frente com o monstro mundo. O jeito é não acreditar, de ouvidos tapados a gesso, nesse que revela o esterco em que dormimos como sonhadores dominados pelo tempo. A salvação está em desacreditar o monstro mundo. E se for feita com afinco a descrença, seus olhos estarão fechados para que, quando se tornem abertos novamente, não enxerguem mais o monstro mundo, que terá partido em busca de outro pinguim. Quem sabe dessa vez um pinguim que acredite em nossa tragédia e que dela almoce ocupando o buraco bucal com uma colherada suculenta de desespero estéril? Um pinguim que simpatize com a hostilidade e exemplifique uma forma penosa de se esvaír?

compulsão e animais em casa

Não estamos no futuro. Estamos aqui nesse tempo em que minha filha é ainda pré-nascida. Estou tão eufórico que começo a comprar, como uma madame num shopping de diversão, inusitados objetos e inusitadas coisas. Compro tudo pra Búfala e Magali. Esbaldo amor em objeto. Estou esquisito e animadíssimo. Estamos morando numa casa com quintal e pé de manga maçã jaca açaí café goiaba e mais frutas que virão. Temos uma horta onde nascem cenoura repolho e tudo mais. Estamos vivendo a vida da família que se une pra comemorar o coletivo. Búfala anda reclamando da minha mania de comprar coelhos. É como um comichão que me chega sempre no fim do dia, quando o sol está se pondo. Começo a lembrar dos coelhos e de como eles são belos, hábeis e inteligentes. Não me contenho. Já me tornei o maior comprador de coelhos vivos da região. Temos quarenta e três até agora. Todos brancos. Só gosto de coelhos muito brancos. Os outros não me importam, ignoro. Digo eca pra coelhos malhados com

olhos vermelhos. Os brancos que comprei estão todos soltos no quintal de frutas e vegetais. Brancos de olhos vermelhos. É desse contraste que gosto. Pulam de um lado pro outro e parecem estar satisfeitos com o lar lotado. Lar superlotado. Carceragem nacional. Prisão de ventre sem saída. Colmeia de abelha. Um verdadeiro formigueiro de coelho. E eles são felizes. Eu vejo por qualquer um que é notável a felicidade roedora dos saltitantes peludinhos afogetados de nosso quintal. Há harmonia.

Também ando comprando sandálias que jogo no fundo da piscina redonda. Ato puramente decorativo. Fica lindo e recomendo: um fundo de piscina colorido por sandálias de borracha. Empanturrei a sala de luminárias compradas em antiquários tombados. Ocupei geladeiras com produtos orgânicos que não foram comidos comprados em lojas vegetarianas. Adquiri dez quilos de borboletas que sumiram pois sabiam voar. Todas coloridas dissipadas na brisa que as impulsionou. Recheei o interior de toda a casa com paredes de vidro regadas a água. Paredes chão e teto líquidos pra Magali circular com liberdade. Para estarmos mais próximos. Passamos a viver numa casa-aquário. Um estojo H_2O . Ainda comprei aparelhos de som que embolavam músicas pela casa. Quadros que foram emoldurados fora da casa. Ternos blazers jalecos e fraques que foram vestidos apenas pra se ver no espelho. Revistas variadas pra

leitura de banheiro. Todo tipo de eletrodoméstico. Tenho prazer em vê-los ligados ao mesmo tempo, energizados pelas tomadas.

Outro dia, querendo variar, fui ao interior sertanejo e comprei uma vaca saudável e silenciosa, muito educada, pra termos o leite mais fresco possível no café da manhã. A Búfala ficou deslumbrada!! Passou a acordar todo dia de madrugada pra botar a mão na massa da teta. Ia lá e voltava com baldes de leite puro. Passou a preencher garrafas de dois litros de leite e entorná-las no gargalo, de uma só vez. Foi nessa época que comecei a estranhar minha mulher. Ela se esparramava numa poltrona confortável e bebia de quatro a seis litros de leite puro, sem descansar entre as garrafas. Ela estava definitivamente perturbada. E não se conteve ao ser avisada. A compulsão falou mais alto e o leite continuou a entornar. A vaca era jovem e forte. Não parava de produzir. Cheguei a flagrar Búfala com a boca na botija, mamando diretamente na teta, de madrugada, sendo picada pelos mosquitos. Ela se assustou ao me ver, sonâmbula. Disse que não era nada daquilo que eu estava pensando. Disse que podia explicar, enquanto escorria um grosso fio de leite num canto de sua boca carnuda.

Eu, marido apaixonado. Dedicado gume de faca. Entrega atroz do ator em cena. Cavalheiro real em tempos de bela adormecida. Espinho de cacto que não corta.

Continuei a apoiar o outro gume. Tentei de tudo pra ajudar, afastar minha mulher do vício pastoso. Nada adiantou. Ela empalideceu. Ficou da cor do leite que bebia. Não só a pele, mas também as unhas e os cabelos. Toda branca como leite de vaca. Uma albina infeliz. Albina junk de pasto. Uma mulher triste, de dar dó. Parou de se alimentar e de dar atenção à família. Trocou as prioridades pelo único motivo de viver: o leite de vaca!!! Por que eu fui comprar aquela vaca? Bastavam os coelhos... Vaca maldita. Comecei a almejar assassinar o animal sem culpa. Tracei planos. O que seria de minha mulher sem aquela vaca? Adoeceria? E eu? Também não estava com problemas? Eu que não parava de comprar e comprar? Estávamos um casal totalmente degradingolado.

Eu, marido apaixonado com muita força de vontade, decidi lutar contra meu vício combatendo o vício de minha amada. Voltaríamos a ser um casal emaranhado. Quatro braços trançados e um nó em dois troncos. Seria assim. Voltei a visualizar um futuro alegre. Tinha que tirar minha mulher do vício ou íamos todos pro hospício. Inaugurei uma pesquisa secreta sobre centros de reabilitação, clínicas especializadas e spas de última geração. Passei um tempo importante procurando o lugar ideal pra cura em questão. Encontrei finalmente. Se chamava Spa Felicidade Sem Flacidez. Uma promessa de reabilitação. Quando

me dei conta, talvez fosse um pouco tarde. Encontrei uma Búfala balofa. Uma mulher jogada às traças, mofando em leite azedo. Obesa branca e leitosa. Chorei. Chorei por nós. Tivemos uma longa conversa em que mostrei a ela o projeto que o spa oferecia para aqueles que desejavam melhorar. Ela sem brilho algum se entregou a mim num tombo onde a última força física havia sido declarada. Não sobrou nada. Só a respiração de nada em meu ombro esquálido na estrada a caminho do spa que prometia.

inédita gangue e morte

Largo ela lá pra uma temporada de meses na esperança da recuperação. Volto pra casa e alimento minha água-viva e a fauna aquática caseira que construímos com esforço quando ainda tínhamos capacidade própria. Sangue em movimento.

Lá está a louca. Sentindo-se jogada num viveiro de redondos rancorosos. Ela não consegue sequer se comunicar. Encolhe-se em sua gordura exagerada umedecida em lactose. A palidez no caso do leite é penosa. Búfala ainda servirá como exemplo mundial sobre os perigos do consumo de leite em excesso. Em minha memória fotográfica fica uma polaroide desgastada. Uma pobre mulher canina enfraquecida pela existência em si. A culpa não é de ninguém. Se formos analisar, chegaremos aos ancestrais pra descobrir a culpa. Logo após virá o caos total que inicia o universo e a culpa será absolvida. Coitada da culpa, que não tem culpa. A culpa é que não tem lugar. É ela a ignorante.

Mas lá está ela. A louca. Trancafiada em seu quarto de spa fazendo esforço pra melhorar. Chorando de rosto inchado. Ela fica tão bonita assim... Toda molhada de lágrima e descabelada com o beijo inflado. Sem rumo nenhum. Ela não se desespera dando vexame. Permanece sentada na caminha de solteiro escondendo a cara na concha das duas mãos. Molha as mãos. Passa as mãos molhadas na cabeça e descabela. Gosto da beleza de todas as mulheres do mundo que choram, mas principalmente da dela. Ela parece uma criança grande desse jeito. Ela não sabe o que vai ser dela nesse lugar horroroso repleto de obesos maltrapilhos sem família e com dinheiro. Eles todos querem leite. Ela percebe que é igual a todos ali dentro. Foi abandonada pela família e está gorda e tem dinheiro pra comprar leite de todos os fornecedores locais. Esse vício, no auge de sua progressão, vê as tetas de uma vaca holandesa como uma seringa de heroína. É o alimento mais nutritivo, aquele que mais satisfaz, pro deleite do adicto. É a forma mais agressiva de se usufruir a droga. É a boca sugando direto na teta como agulha na veia. Esguicho pressionado da mangueira de bombeiro pra fora.

Búfala deixa o tempo passar. Participa obrigatoriamente das sessões de hidroginástica e terapia intensiva em grupo. Ela tem a nítida impressão de que todos aqueles gordos estão sedentos por um gole de leite, quiçá uma

gota ou um pedacinho de chocolate. Qualquer derivado em que se desfrute de alguma lactose presente. As narinas estão atentas aos odores açucarados. Minha mulher passa grande parte das madrugadas como um animal cafungando cheiros, procurando o cio. Ela se esfrega no chão e se borra na poeira. Sem querer avista num vão de armário semiaberto um pequeno objeto reluzente. Vai até ele cafungando leite e doce e dose. É inacreditável. Ela encontra um chocolate embrulhado num papel-alumínio, escapulindo da bolsa de um psiquiatra. É um chocolate!! Qualquer olfato viciado pode adivinhar. A maluca pensa como nunca havia pensado antes. Em vez de devorar o prêmio, arranca apenas uma pequena dentada e guarda o restante. No dia seguinte negociará.

O dia seguinte chega açoitando os problemáticos com uma sirene alta de ambulância assídua. Os obesos acordam fugindo de fogo mas ninguém se queima. O alerta estridente é uma convocação à sala de reuniões. Não aconteceu nenhuma chama que tenha nascido e se alastrado. A manhã é fresca. O que aconteceu foi que uma barra de chocolate de um psiquiatra da clínica spa sumiu. Sumiço físico. Existia e de repente nada mais. Os gordos entraram na sala e se sentaram formando um círculo intimidadado. Alguns cochilavam ainda. Ali numa das cadeiras largas estava Búfala com sua cara de sonsa que nada sabe

nada fez nada viu nem ouviu. A barra se encontrava escondida entre as nádegas e derretia aos poucos, se acomodando na deformidade do papel-alumínio. Ela lá, cínica como rosto de mulher traíra. Perigosíssima. Foi dado o aviso de que a diretoria sabia do sumiço do doce e que o culpado deveria ser punido com duas semanas de dieta solitária, trancado num quarto e se alimentando somente de sopa. Mas ninguém assumiu e nada foi descoberto. O alarde serviu pra eletrocutar os nervos dos obesos, que passaram a procurar chocolates pelos cantos.

Mais adiante Búfala toma coragem e ameaça matar toda a família do psiquiatra que carrega chocolates em sua bolsa. Diz que quer doces em grandes quantidades ou a morte reinará. O psiquiatra, homem profissional porém muito frágil e amante de sua mulher loira e seus filhos loiros, cede à ameaça e passa a trazer periodicamente algumas barras de chocolate ao leite importado e algumas balas de diferentes sabores. A maluca monta uma rede de tráfico açucarado dentro do spa medíocre. É o mercado negro contra o mercado magro. Eclipse solar em sala de luz fria. Os pacientes começam a engordar em vez de emagrecer e a diretoria começa a estranhar e se preocupar. É formada a inédita gangue do Spa Fermento. Minha Búfala, que foi internada em prol da saúde, começa a ficar rica com a venda proibida de chocolates pra pessoas famintas

pelo leite e seus derivados. E também começa a engordar em alta rotação de tempo. São os malefícios do vício e da compulsão.

Em pouco tempo a rede de tráfico é desarmada e minha mulher arca com as consequências. Búfala, com quilos de exagero, morre por excesso. Inanição ao avesso. Saci sem perna única. Recebo o telefonema mórbido do centro de reabilitação. Eu choro muito e viro água. Como vou falar pra Magali ainda criança que sua mãe não existe mais? Eu choro muito. Mais alguns dias e recebo os pertences da defunta. Uma mala grande lotada de embrulhos abertos de doces já devorados. É o fim dessa história. Parece que agora nada mais acontece. Antes de enterrar o corpo, peço pra ficar com as tetas rechonchudas de Búfala. Sempre tive um apreço particular por elas. Costuro-as em minha parede, ao lado da cama, pra que eu possa toda manhã, ao acordar, mamar memória nos bicos daquela que tanto amei.

do vício à perda de membros

Para começar uma nova vida depois da perda da mulher amada, decido viajar para longe a fim de enterrar seus ossos em meu útero imaginário e jogar suas cinzas na piscina que meu ventre impossível forma num espaço vazio do meu corpo que existe. Vou para muito longe. Compro a passagem e me jogo na televisão. Chego ao país das imagens. Agora sou levado com força pela sequência poderosa de programas, shows, entrevistas, novelas, campanhas políticas e propagandas em geral. Me torno o submisso. Aprendo tudo sobre o nada. Estou viciado em televisão. Cheguei neste país. Moro num motel e me dedico aos canais a cabo e suas diversas programações. Aqui neste país eu me protejo direitinho. Aqui minha mulher morta não vem me assombrar. Aqui um homem de uniforme me traz comida todos os dias. Aqui eu não preciso trocar de roupa nem tomar banho nem escovar os dentes ou cuidar de qualquer higiene.

Somente uma memória me chega quando divagando por segundos macabros eu vacilo e me distraio da

televisão. É o funeral de Búfala. Lembro dela maquiada e sem expressão esticada no caixão. Verdadeiro alvo de caça. Livro largado no meio. Mãe morta sem razão. Tenho em meu colo, enquanto desce a caixa mórbida em direção à cova, um pequeno aquário portátil feito pra levar Magali em passeios e viagens. Magali chora o choro de uma água-viva. Chora sim. Eu levo pequenos choques que emanam de suas golfadas e soluços. Ao olhar pra minha pequena filha dentro do aquário é possível enxergar o reflexo destoado de minha mulher descendo. Que filha bonita a minha. Ela está num canto da água que recebe o sol e a imagem da mãe de uma forma tão bela!!! E ela sabe que naquele ângulo o reflexo da imagem chegará em mim salpicando essa luz de fim de tarde em cemitério. Magali está me dando de presente a última foto de minha amada. Uma foto bela que não poderei esquecer. Enquanto ainda conseguir divagar através de minhas fugas decadentes pra sair um pouco do país da televisão, relembrei a foto reflexo reluzente da beleza máxima. E agradecerei a minha filha.

Porém, o aparelho de milhões de imagens me suga sempre com mais força, e drena a alma perdida que no caso é a minha. Eu já esqueci de todo o resto. Sei de cor a programação dos dias, o que virá a seguir em cada canal. De madrugada começam as reprises e sim, eu repito

junto. Minhas madrugadas de reprises têm sido cavalaramente depressivas. O programa se repete fazendo com que minhas emoções se embaralhem vulgarmente sem que minhas memórias aflorem de verdade. Vem um turbilhão de mortes e paixões e adrenalinas que não resistem até chegar ao consciente. Minha musculatura neurológica foi pro espaço e acabou o oxigênio. Alguns restos de neurônios que ainda se ligam, como um nó a ponto de ser desatado, estalam volta e meia produzindo essas esparsas sensações. Resto de comida no prato.

As reprises se repetem durante toda a madrugada e ao nascer do dia começam os programas inéditos. Forma-se um leve sorriso de satisfação e alívio em meu rosto esquelético agora. Comida de motel não alimenta, só sustenta. Meu corpo pesa sobre os ombros como se eu fosse um terno de chumbo pendurado num cabide de cálcio que se desintegra. Os meus cabelos arrepiados de medo congelaram por causa do gelo que vem de dentro de mim e agora estão quebrando e estou ficando calvo e em pouco tempo estarei totalmente careca, de cabo a rabo, com o corpo liso gelado e escorregadio. Estou virando uma pedra de gelo que não derrete. Estou uma boca seca. Fumaça que sai da boca ao falar no frio. Montanha inerte onde não nasce musgo. Sou uma cidade fantasma. Uma guimba de charuto. A espinha de um peixe morto. Uma gigoga. A ausência

do ar depois do último sopro. Estou para calhambeque entregando as rodas.

E é aí que pifa a televisão. Puffff!!! Queimou a velha daquele quarto de motel. Ela devia já ter alimentado mais de quatro gerações de múmias como a que sou. Foi aí e foi ali que silenciou de repente o barulho que sustentava meu transe intermitente e lisérgico. Pisquei os olhos pra começar. Molhei os oculares. Fui voltando a enxergar. Aos poucos voltei a funcionar um pouquinho só, ainda sentindo um gelo que vinha de dentro pra fora e não me deixava mover o corpo, que estava congeladíssimo. Cuspi algumas pedras de lágrimas pelo único orifício aberto de meu corpo, aquele cantinho do olho de onde salta a alma líquida. Mas ali minhas lágrimas e minha alma estavam em pedra e pedra de gelo. Pequeninas joias que apareciam. Diamantes salgados. Reparei que eu também respirava por ali. Meu olho embaçava de segundo em segundo.

Então quer dizer que eu estou aqui, intacto inerte e paralisado? É. É isso mesmo. Sou uma estalactite em pessoa, pingando imobilizada num quarto de motel com televisão quebrada. Sabe a dor que vem à mão quando ela se encontra gélida? Então. Estou sentindo essa dor no meu cérebro que pensa. A ação do meu pensamento arde em suas sinapses, em seus encontros de frigorífico. Estou indo pro lixo, parece. Parece que uma hora vai esquentar por

aqui e vou ficar esparramado feito o líquido desse gelo todo que vai derreter. Mas não é isso não. Pois de repente um estalo se dá. Um tipo de téc. Um téc de que vai quebrar. E quebra. Cai minha mão esquerda. Solta-se do pulso e reparte-se estilhaçada no chão em mil pedacinhos. É o desespero que me chega. Outro téc e vai o braço esquerdo todo se espatifar contra o chão duro. Quem me olhar agora vai lembrar do dia em que seu cabelo quebrou no inverno seco. Eu percebo que minha estrutura toda está pra quebrar e se desmanchar. Uma fatia de sol entra pelas cortinas. Ai que medo. Deve ser essa a hora em que se morre... E não está acontecendo aquilo de passar a vida e tudo mais diante dos olhos, como dizem. Deve ser porque em morte de frigobar a memória falha. Coisa desse gênero. Téc novamente e vai a perna direita completa. Meu corpo se acomoda na cama ao som desse membro meu se desfazendo. Noto um tilintar de meu corpo se rachando. Parece que estou sendo cortado aos poucos por uma tesoura de lâmina cega. Talvez esse seja meu último fósforo a riscar. Espero poder, com o orifício do meu olho que respira, sentir o cheiro da pólvora queimada que alimentará os segundos de minha última chama. Mas nada de morto acontece. Estou aqui ainda vivo. A tesoura cega continua me cortando. Vem o téc derradeiro. Mas agora ele é gigantesco. É um TRRRRÉC!!! É meu tronco se despedindo de minha cabeça.

Permaneço na cama, dentro da cabeça. Vejo o tronco e os seus membros escorregando em direção ao chão.

Que

b

r

a

m

e

u

c

o

r

p

o

i

n

t

e

i

r

o

solidões

Foi assim que eu conheci a solidão, única parceira na semana que se seguiu à separação de minha cabeça e corpo. Uma semana malhando pálpebras. Obtendo os mesmos ângulos no restrito alcance dos meus olhos. Ser uma cabeça apenas é muito complicado. Pensei muito nessa semana em que nenhum funcionário do estabelecimento reparou o silêncio ou a falta de movimentação vinda do meu quarto. Foi o suficiente pra descobrir que a partir de agora eu seria um ser dependente de outros, caso minha vontade fosse me deslocar. Quando o corredor do muquifo em que minha cabeça estava hospedada começou a feder, saindo da fechadura de meu quarto barato um cheiro de peixe feio que lembrava vitrine de açougue falido, um homem ogro que batia na mulher e nas filhas arrombou a porta pútrida e se deparou comigo. Eu disse oi. Ele abriu o bocão supondo um berro macho, que através do cagaço saiu em falsete. Minha cabeça solitária riu. Mas riu de alívio. Eu seria salvo, finalmente, pelo ogro

tenor de barba muito preta. Então pedi calma e pedi com firmeza pra que ele me respeitasse. Ele respeitou. Pedi que enrolasse meus pedaços de corpo no tapete desfiado e deitasse-o com carinho na banheira xexelenta do banheirinho de azulejos rasgados. Dei um beijo na maçã do meu peito antes que ele se fosse. Em seguida o homem sentou na cama lavou meus cabelos que já pareciam esponjas de banho passou um pano úmido em meu rosto e o acomodou num travesseiro. Me alimentou com frutas fáceis de mastigar e me revigorou. Voltei a me sentir vivo, apesar de ser uma cabeça e só. Cabeça cabeça cabeça. É tudo o que tenho. Vejo agora a importância que é ter uma cabeça. Expliquei os acontecimentos da última semana pro ogro, que se apresentou como Glúten Gró. Glúten escutou minha história atentamente e no fim lacrimejou como uma nuvem carregada. Colocou minha cabeça em seu colo e aos soluços realizou um longo cafuné aconchegante que ele mesmo jamais imaginaria ser capaz de oferecer. Também chorei. Fiquei emocionado com a companhia carinhosa daquele brutamontes. Depois de cochilarmos por alguns minutos, compartilhei com Glúten minhas solidões:

Num dia de solidão tudo pode acontecer. Recomendo deixar solto o bichinho da solidão dentro do corpo, carcomendo intestinos remoendo memórias infelizes roendo veias e soprando varizes. Pode ser o silêncio do lugar fe-

chado em que você se encontra também fechado que está te matando por dentro. E você nem sabe o que quer dizer morrer por dentro. Pode ser a luz acesa que você repara com o silêncio do lugar fechado em que você se encontra que está te matando por dentro. E você nem sabe o que é morrer por dentro, mas sabe que algo por fora está te matando por dentro. Ao perceber que não há ninguém nesse lugar iluminado e silencioso que num dia de solidão está te matando por dentro, você pode achar que vai morrer. Vai, pode achar. Você tem o direito. Ache que vai morrer, ou que está morrendo ou que algo lá fora está te matando por dentro. Morra por dentro. Viva por fora. Melhor, mate-se por fora e viva por dentro. Dê um jeito, seja criativo, liberte-se de seu corpo guarde-o morto no armário pendure-o num cabide enquadre-o emoldure-o e exponha-o na sala ou separe-o da cabeça. E viva por dentro. Fique vivinho por dentro. O seu dentro por aí, acordando passeando no calçadão indo comprar pão. Você vai ficar famoso por não ter por fora. Vão te chamar de por dentro: “Olha lá, lá vem o Por Dentro. Fala, Por Dentro, beleza?”, e você, satisfeito por não ter o por fora, responderá normalmente: “Beleza, tô tranquilo...” Você não vai estar morto e não vai querer se matar. Não estará mais só, pois será o Por Dentro. As meninas vão ficar curiosas, querendo experimentar por dentro querendo estar por dentro. Realmente, talvez num dia de

solidão, o melhor seja que algo esteja te matando por fora e que o por fora seja assassinado e vendido para os japoneses. E que o Por Dentro, querido por todos, o popular do bairro, seja visto sempre cantando nas ruas de sua cidade maravilhosa. Você, Por Dentro, mostrando tudo pra todo mundo. Mostrando quem você é, sem desculpas sem cortinas. Nunca mais terapia, o por dentro totalmente exposto, respirando o mundo trocando fluidos. Aqui temos um final feliz e sem pele sem corpo e solitário. Mas por dentro, lá dentro, um final feliz.

Num dia de solidão, também nada pode acontecer. Agora é você pagando o preço de um fantasma que não comprou. Pagando por estar sozinho e não saber por quê, ou pagando por alguma coisa que no mínimo acha que não merece pagar ou que não há culpa no cartório de sua parte. Pagar por uma solidão desmerecida, por uma solidão que chega de repente sem pedir licença, é o mesmo que nada acontecer. É o nada acontecendo. Você, sozinho, sem saber como chegou aí. É um teletransporte do nada ao nada, um transplante de zero a zero. Não é tristeza nem aflição. É ser e estar no vazio, dentro dele, e não saber dos limites, dos tetos e paredes de sua inexistência. Pobre coitado de quem está sozinho e nada acontece. Assim você acaba ficando invisível. Se estiver com medo, agora, vá ao espelho. Corra lá pra ver. Se estiver sozinho desse jeito tal-

vez o espelho não te enxergue. Não fique nervoso, é você quem não é ninguém e não existe no mundo. A solidão assim te invalida. Chega como uma lepra que toma o corpo inteiro. Tudo o que vem de você vai a lugar nenhum. Um espirro não surte efeito no espaço em sua volta. Uma palavra que sai da sua boca se despedaça nos lábios e escorre no queixo. Essa é a solidão que você abraçou. Antes vocês foram apresentados. Você gostou conversou e abraçou. Agora estão aí, os dois juntos, derrotados.

Há também a solidão coitada. Aquela que é preguiçosa imprestável. Incapaz de sair da cama. Ela se sente usada pelo solitário. Mas ela quase não é solidão e ele quase não é solitário. Fica lá, ele sozinho num canto, chorando, sentindo o gosto de cada lágrima e saboreando. Esperando que alguém escute seu gemido silencioso. Silencioso pra que pareça mais solitário. Muito berro é drama, coisa de gente expansiva, cheia de amigos em volta. O ser num canto tentando ser solitário. Tentando sofrer de solidão. Aí a coisa transcende. Essa pessoa que não pode reclamar da vida e cava um buraco à procura do nada produz uma solidão só de si mesma. A mãe das solidões. A solidão que se sente só por não ser sentida por quem a procura. Por não ser realmente sentida. Por não ser realmente solidão. É uma pena, coitada. Não é possível ver, mas ali está, em seu corpo abstrato, a solidão se sentindo só. Parabéns

para o outro que chora no canto. Ele conseguiu iluminar no mapa uma pequena ilha submersa por águas sólidas. Numa ilusão de ótica trocou fragmentos com uma alma santa. É isso o que acontece quando somos apaixonados e forçamos a solidão: convulsões existenciais choques térmicos entre universos paralelos, que não se cruzam porém se olham. Talvez a solidão só exista antes mesmo de nós. E talvez, se assim for, seja ela quem nos traz esse frenesi essa vontade vascular de estar só no meio da multidão. A solidão de se viver dentro do pequenino espaço do rosto, durante horas e minutos no odor azedo do quarto de um motel, é extremamente vascular. Um ogro singelo e robusto me salvou e me benzeu com seu choro leve.

Em seguida o homem resolveu se abrir pra mim. Enxugou as bochechas inchadas e contou sua vida trágica. Infância fosca. Punho na garganta e topada no abismo. Coração raquítico. Contou que ao ver meu estado acabara de se arrepender de toda violência que mostrou à família que havia construído. O grandalhão estava arrependido de todos os maus-tratos causados. Com o furor de sua respiração veloz decidiu me apresentar mulher e filhos. Decidiu largar suas solidões e o abismo genético que pairava por ali. Foi até seu quarto e voltou de mãos dadas com seus próximos. Ela era repleta de hematomas e os filhotes também. Estava tudo bem triste. O corpo que eu não tinha mais formigava

em minha imaginação. Em pé na minha cama, com a voz em tom emocionado, pediu perdão e beijou a todos nós. Comprou um pincel e uma tela branca. Posicionou o pincel em meus lábios molhados em tinta rubra pediu que eu pintasse o quadro da mais nova família feliz do momento. Foi o que fiz. Um borrão animado para ser enquadrado.

lembranças de delicadas vontades repentinas

O tempo azulou. Ficou bonito. Aquela boa ação me fez bem. Glúten Gró se dispôs a estar sempre ao meu lado fosse pra me locomover fosse pra me alimentar. Larguei meu quarto e fui morar em seu pequeno muquifo, idêntico ao meu, porém regado a movimento de crianças. Passei dias acomodado em diferentes móveis e almofadas. Fui alimentado como neném por babá. Pensei em Magali. Como estaria minha filha? Lembrei de minha mulher falecida. Pobre coitada!!!! E também lembrei de meu antigo diário. Um diário de autoimpressões, onde eu costumava escrever minhas anomalias e sabedorias. Glúten foi buscar o caderninho em minha outra casa, onde morei com Búfala. Também encomendei a busca de minha filha Magali. Disse a meu amigo que a transportasse em seu maior aquário portátil. Os dois chegaram intactos, diário e água-viva. Matamos saudades aos beijos babados e choramos pela mãezona. Formamos, eu e Glúten, um lar alegre de duas famílias em uma. Achei em meu diário um pequeno

trecho que muito me interessou. Falava da época em que não tinha medo das coisas. Da época em que eu vinha descobrindo meus limites ridículos e olhando meus próprios pés caminhando:

“Faz tempo sou quase capaz de num espasmo me surpreender com o movimento brusco não consciente de um dos membros de meu corpo em direção a alguém, ou de me impressionar com uma atitude exageradamente boçal brotada em meu coração, ou de me fortalecer numa conduta belíssima em forma de beijos que não são dados, ou de me apaziguar com um nítido e sonoro arpejo de palavras grossas em direção a outro indivíduo, ou de me sabotar e já desmaiado me levar ao hospital após uma série de cabeçadas contra a parede de meu quarto, que é a minha parede preferida, ou de, no maior dos atos de autoconfiança, saltar da janela de um prédio comprido com a certeza de que posso voar, ou de, numa frígida desistência, deitar a cabeça no ombro de minha mãe e inaugurar um dia inteiro chorado, ou de, por uma óbvia felicidade compulsiva, sair com o corpo completo e sem roupas debaixo de um temporal emitindo sons de urro, ou de me sentir livre pra amar e odiar quem eu quiser.

Agora falo sério. Amar e odiar quem eu quiser, sem família sem amigos sem mulheres sem cachorros e sem ver-

gonha. Veja bem. Não estou incluindo aqui a facilidade com que chegamos ao mundo, viramos adultos e achamos que podemos sim escolher quem amamos e quem odiamos, achando que sim, eu tenho essa liberdade. Agora não tem ilusão e não tem deslumbre. Socorro!! Quero uma pluma de certeza que me deixe em paz com todo o meu amor e com todo o meu ódio. Quero ver do vácuo as pessoas os naipes os símbolos palpáveis que me oprimem. Lá, do vácuo, suas vísceras irão flutuar em gravidade zero expelindo gotículas de verdades cruas pedidos urgentes de socorro mórbido. Quem vai encarar o medo de ver do vácuo? Quem vai lá? Quem vai ser o astronauta mergulhado no planeta Lama, afogado em mágoas, de dentes rangidos? Ou será o vácuo a luneta de um deus bêbado que chupa sua própria pica e morde a língua de seus filhos? Será o vácuo o beco onde ocorre todo o estupro? É de lá que vou cristalizar minhas lágrimas em homenagem ao ódio e ao amor que sinto? Acaba aqui a capacidade do drama da produção ambiciosa de um espetáculo envenenado. Quero chegar de carona no lugar onde o carinho pede esmola pra maldade, onde a puta fode por amor ou em troca de amor.

Foi nos primeiros anos de vida que comecei a reprimir minhas delicadas vontades repentinas. Desde lá sou dono de um poderoso reflexo: logo que a liberdade chega à

superfície do mar e com sua desenvoltura elegante abre poros e boca, pra respirar pela primeira vez, ela é capada. Por isso nunca fui tão corajoso nem muito inteligível. Nunca corri um risco nem segui uma trilha de pólvora nem gritei meus pesadelos pra fora de casa, do cérebro. Aos seis anos, andando na rua de mãos dadas com minha mãe da escola pra casa, toda mulher que passava me dava uma delicada vontade repentina de largar a mão de minha mãe e apertar aqueles pares de saltitantes seios que quicavam acima de minha cabeça. Hoje, já crescido, a vontade é de mordê-los, beijá-los. Mergulhar o rosto nesses decotes recheados. Nada. Nada acontece. Você nunca vai me ver, sem mais nem menos, de supetão, enfiando o rosto nos fartos peitos de alguém. E posso dizer que o meu autorrepelente é milagroso, porque essas delicadas vontades repentinas têm a força de muitos cavalos. Surpreendem como tais. Até aqui tudo bem. Mas então entram as vontades repentinas esquisitas que eu estranho. Costumo, pelo menos uma vez por pessoa, ter a vontade de beijá-la enquanto ouço o que diz. Primeiro um de nós dá gás a um tema qualquer. Depois começo a olhar pra cara da pessoa, e como se estivesse surdo e meio cego também, deixo de assimilar os sons formando as palavras. Então entro num profundo transe interior e como se estivesse visitando distantes civilizações não vejo nada o que acontece à minha frente, apenas continuo

imóvel. Num estalo, volto à realidade percebo que estou conversando com alguém, às vezes alguém que eu conheço, e vem a delicada vontade de lhe tascar um beijo na boca. Um beijo de língua, sempre. Sempre acontece, é complicado, eu quase faço. Da mesma forma, o que me preocupa mais, também na volta do transe, é a vontade que pode surgir de socar a figura à minha frente. No rosto, sempre no rosto. Beijos e murros são frequentes vontades repentinas que minha liberdade reprimida me impede de usufruir. Onde está o amor? Onde está, aí, meu amor? Por que o beijo e o murro são mirados em direção às mesmas pessoas, ou seja, todas aquelas que passam por perto?

Todos têm vontade de começar a cantar no meio da rua, bem alto. Eu não. Eu tenho vontade de bater em minha mãe, de cuspir em minha bisavó e de empurrar meu amigo numa avenida movimentada. Eu imagino isso. Nós dois, eu e meu amigo, parados esperando o sinal fechar. De um pequeno deserto de meus neurônios, chega a imagem perfeitamente sequenciada de minha pessoa, amiga, empurrando a pessoa dele, amigo, no meio dos carros ônibus e motos. É triste, mas é verdade, e repentino. O pior é que amo a todos. Não quero mal a ninguém. Perguntem a quem me conhece. Sou incapaz de fazer o mal. Ao contrário, ajudo os outros. Tenho disposição pra tentar resolver os problemas, sou caridoso. Mas as vontades me vêm. Por isso

eu as chamo de delicadas. Será que um dia serei capaz de extrapolá-las? Que um dia, numa morna tarde, empurrarei um amigo em direção ao carro que passa ao lado, na rua de sinal aberto? Pois se eu exercitar a libertação total das delicadas vontades, estarei libertando tanto as boas quanto as ruins. Não sou capaz de lamber todo mundo a toda hora sem também socar a todos. As vontades repentinas são um bloco de pedra pronto para rolar. É uma varanda que despenca inteira, de uma vez só, quando se deixa soltar. Outro dia quase arranquei o vestido de uma mulher belíssima. Mas eu não estava pretendendo, a princípio, deixá-la peladona, gostosa pra toda rua. Eu só passava por ali, e ela, coroa enxuta, passou com o vestido batendo no vento. Aquilo despertou esse lugar em mim de alguma forma. Muitas vezes tenho tido essa vontade repentina, sem a ordem da libido, por incrível que pareça.

Muitas coisas tentam acontecer. Vontade de dar facada nos joelhos alheios. De acionar cambalhotas de uma ponta à outra da praia, ininterruptamente. De gritar muito alto pela janela todos os nomes de times de futebol. De mostrar meu saco para crianças, sem pedofilia. De jogar bicicletas em piscinas de hotel. De estudar agronomia diariamente pelo resto dos anos. De roer as unhas dos pés dos outros. De pedir pra que as pessoas próximas inalem meu sovaco quando ele estiver suado. De cuspir em troncos de

árvores da rua e ficar quieto observando o cuspe descer. De assaltar seres frágeis. De presenteá-los com jarras de suco de manga gelado. De morder anzol como se fosse peixe. De falar eu te amo pra quem não conheço. E de parar de falar sobre isso já.”

Sinto muita falta desse tempo de trava e vontade. Agora nem as delicadas vontades repentinas me fervem na cabeça. Talvez eu esteja muito doente, ou talvez seja só minha cabeça mesmo. Essa que está me cansando de ser só ela.

última transformação: balão

Quando a imprensa local me descobriu, a imprensa geral me descobriu logo em seguida. Acabei me tornando uma pessoa muito procurada por ser apenas uma cabeça e por estar vivo e sem sangramentos, escorrimentos ou demais necessidades orgânicas que os órgãos nos obrigam a ter. Meu cérebro estava digerindo tudo o que eu ingeria. Me alimentava e em poucos minutos sentia meu cerebelo inchando, pulsando. De um momento pro outro estava lá minha cabeça mais inteligente que antes. O último processo da digestão, o de expulsar aquilo que eu não havia aproveitado, ou seja, a sujeira consequente da digestão, era expelido verbalmente. Todo dia, após as refeições, bastava eu abrir a boca que só saía porcaria. Com alguns minutos de pura oratória fedorenta eu já estava leve saudável e pronto para o próximo prato. Caso eu não lembrasse de abrir a boca após uma refeição, eu começava a propor absurdos horríveis e minhas vontades repentinas se tornavam somente as piores. Entrava em estado de surto e só me

curava depois de alguém conseguir tirar as palavras todas de minha boca. Era uma indigestão.

Por essas e outras mais algumas outras e ainda aquelas, meu pequeno corpo-cabeça começou a inchar. Minhas bochechas inflaram e passei a parecer um balão de gás. Depois, após diversas reações químicas decorrentes de estar sendo apenas uma cabeça tentando digerir todo o alimento ingerido apenas em regiões cerebrais, acabei realmente me tornando um balão de gás. Alguma reação muito complexa me transformou, sem me sujeitar a dores ou processos árduos. E mais uma vez lá estava eu de outro jeito sendo eu mesmo. Estava eu com cara de balão de gás laranja. Eu era isso e me sentia mais à vontade assim, mais normal, pois aquela forma me permitia circular com mais facilidade. Sendo um balão de gás, a família de Glúten Gró me levava aos passeios de fim de semana e feriados. As crianças me amarravam num barbante e me carregavam pra lá e pra cá. Me tornei aquele que estava por cima, observando tudo dois metros acima das demais cabeças. Minha pele, a borracha do balão, por algum motivo renovava o gás hélio que me preenchia. Assim eu nunca murchava e permanecia flutuante, além de sempre ser motivo de diversão pra Magali e pra família de Glúten.

Parei de falar besteira e de ter que me esforçar para digerir comida. Parei de comer, inclusive. Ali eu era só ba-

lão de gás e mais nada. Nada de ser uma cabeça só ambulante. Me bastava o gás e a borracha. A imprensa parou de me perturbar. Não acreditavam que aquele balão laranja poderia ser eu, que mantinha o silêncio quando algum repórter vinha, para realmente parecer um balão de gás sem vida, bailando no ar. Pipa louca de soltar da laje. Língua lá dentro da boca do outro. Cabelos ao vento. Caso descobrissem a verdade, essa minha última transformação, imagino que iriam me tratar como aberração. Como objeto pra ser mostrado ao público e fazê-lo rir. Eu na minha idade não suportaria ser macaquice dos outros. Certamente entristeceria. Seria uma flor murcha. A roupa lavada para ser manchada. Ronco barulhento de barriga vazia. Areia de praia seca. O mofo das coisas. Talvez eu viesse a falecer. Depois fariam uma matéria de muitas páginas sobre meu triste fim e diriam que eu estava feliz e que fui algo muito importante para todos. Que fiz a alegria de uma nação sendo estranho mas sendo legal. Talvez ainda optassem por expor a existência de Magali. Aí então a tristeza se alastraria até contaminar minha pequena. Ela então teria que carregar o fardo de ser diferente dos demais. Cresceria carregando conturbações desnecessárias, e sabe lá o que mais.

Nada disso aconteceu. Magali não foi superexposta, nem eu. Seguimos nossas vidas com calma, como uma família normal, ao lado de Glúten Gró e companhia, a

quem devo minha eterna gratidão. Sem nosso encontro amigável não imagino como conseguiria sobreviver para cuidar de mim e de Magali. Eu e minha filha, balão laranja e água-viva, devemos nossas vidas ao clã de Glúten, sem dúvida. Seremos eternamente gratos. Se depender de mim passarei o resto de nossas vidas por aqui, dois metros acima de todos, flutuando e observando um por um sem me sentir superior ou entidade do além. Estou me sentindo confortável alguns palmos acima. Tenho a calma de quem está suspenso. Só penso em curtir esse lugar onde não sou mais uma bola de pinball. Lugar de onde posso assistir a todos sem ter que participar diretamente. Daqui posso ver e apreciar meu querido Unga sofisticando cada vez mais suas técnicas cirúrgicas, esse incansável pesquisador. Posso ver minha Magali amadurecendo debaixo da água, ganhando traços parecidos com o de sua linda mãe Búfala Abracadabra e usufruindo do universo submarino como ninguém mais seria tão capaz. Vejo meu salvador Glúten Gró aprendendo a usar sua sensibilidade sem grosseria e com mais carinho, costurando aos poucos as feridas que abriu em sua família tão delicada e inofensiva. Vejo o mundo acontecendo naturalmente, como nunca deixou de ser, e posso afirmar como quem observa atentamente:

Carne Bau continua arpepiando.

postácio

Um búfalo é um músculo só, contraído. É um pedaço de carne maciça recheado de minúsculos ossos triturados, espalhados pela massa. Um búfalo é duro e se move. Um búfalo bufa, arfa para injetar gás em seu coração e espera a hora certa. Suas unhas são de assassino e são coloridas por nicotina. Não são unhas afiadas, são carcomidas pelos pequenos insetos do chão de terra e lama, são irregulares e causam irritação nos dedos do animal. São cascas. Um búfalo, apenas um búfalo, é capaz de estagnar a cena que acontece. Tudo vira pause e só há ele e a poeira pairando no ar e um zumbido de vento. O búfalo bufa dentro da esfera oca do mundo. De sua boca com dentes de aço inox, com lenticão pinga a gosma de sua saliva, gosma que cola. Gosma grudenta e lenta. Do lado de dentro do peito do búfalo existem um touro, um mamute e um javali, na idade do começo da vida, que dormem eternamente e que nunca serão despertados. Os chifres do animal apontam e ameaçam cento e oitenta graus do terreno. O búfalo não

mostra, mas tem medo de estar sendo observado. O búfalo está tímido e seus olhos sangram, sempre. Ele enxerga assim, como se milhares de gotículas vermelhas flutuassem no ar, como se a poeira que paira fosse de sangue. Há, sim, uma persiana do líquido cobrindo sua visão perfeita. Há, sim, uma verve carinhosa circulando nas correntes nervosas de neurônios carnudos e voltagem alta. Há também um perigo, um veneno liberado no estalo elétrico, no choque do cérebro efervescente, que transforma a enorme picanha num exterminador indesejado num assassino involuntário num cão gigante que estraçalha a presa. No impulso feroz do carnívoro mascarado e calejado tudo fica pela metade, no máximo. É triste quando acontece assim, e lindo quando não. O búfalo, em paz, é suculento e dócil. É nobre, o perigo é nobre. Dizem que encostar no búfalo dá sorte. O búfalo também é uma palavra gorda e o sonho de um açougueiro. O búfalo é o único corpo que se forma no abraço firme de duas pessoas se completando. Ele chora pelos poros as aflições da alma dolorida. O primeiro búfalo não é vampiro nem sanguessuga. O primeiro búfalo é todos os outros búfalos e ele vem correndo explodindo uma supernova pela frente e soprando um espirro temporal de areia bactéria e pedaços pela estrada amassada que fica pra trás, perdida e deformada. Tenha em mente a força e a representação de todos os búfalos em um. Quando ele

freia todos freiam e dá-se início a um terremoto. A força da freada do mutirão comprimido num único músculo búfalo move placas tectônicas. Descolam uma da outra e deixam continentes à deriva, pedaços de países navegantes. Quando o animal não cavalga sua marcha pesada e dançante, ele vai nadando respirando debaixo da água. Faz um movimento lembrando um golfinho. Para quem vê, é um golfinho gordo, de pelos marrons e rabo curto. O búfalo é a gengiva sustentando os dentes da boca que morde pra marcar a pele. É qualquer movimento trincado. É o espaço entre a parede e a mão no momento em que o soco é dado. É o nome do narrador.

botikabufalo@gmail.com

outros livros desta coleção

a guerra dos bastardos de Ana Paula Maia
os malaquias de Andréa del Fuego
o melhor do inferno de Christiane Tassis
sobre a neblina de Christiane Tassis
o evangelho segundo a serpente de Faíza Hayat
a luz do Índico de Francisco José Viegas
o poço de campaná de Fred Góes
a mulher que transou com o cavalo e outras histórias
de João Ximenes Braga
estação das chuvas de José Eduardo Agualusa
as mulheres do meu pai de José Eduardo Agualusa
requiem para o navegador solitário de Luís Cardoso
cão de cabelo de Mauro Sta. Cecília
moça com chapéu de palha de Menalton Braff
perdido de volta de Miguel Gullander
jogo de damas de Myriam Campello
mandingas da mulata velha na cidade nova de Nei Lopes
ódio sustentado de Nelson de Oliveira
poeira: demônios e maldições de Nelson de Oliveira
rio dos bons sinais de Nelson Saúte
e se amanhã o medo de Ondjaki

os da minha rua de Ondjaki
mais ao sul de Paloma Vidal
amor em segunda mão de Patrícia Reis
morder-te o coração de Patrícia Reis
predadores de Pepetela
esmalte vermelho de Rodrigo Bittencourt
dicionário de pequenas solidões de Ronaldo Cagiano
desmedida de Ruy Duarte de Carvalho

próximos lançamentos

as três vidas de João Tordo
elvis & madona de Luiz Biajoni

visite nosso site:
www.linguageral.com.br



A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Este livro foi composto em Electra LH corpo 11 e impresso pela Geográfica Editora sobre papel Pólen Soft 80 g/m², com tiragem de 1.500 exemplares, em setembro de 2010.